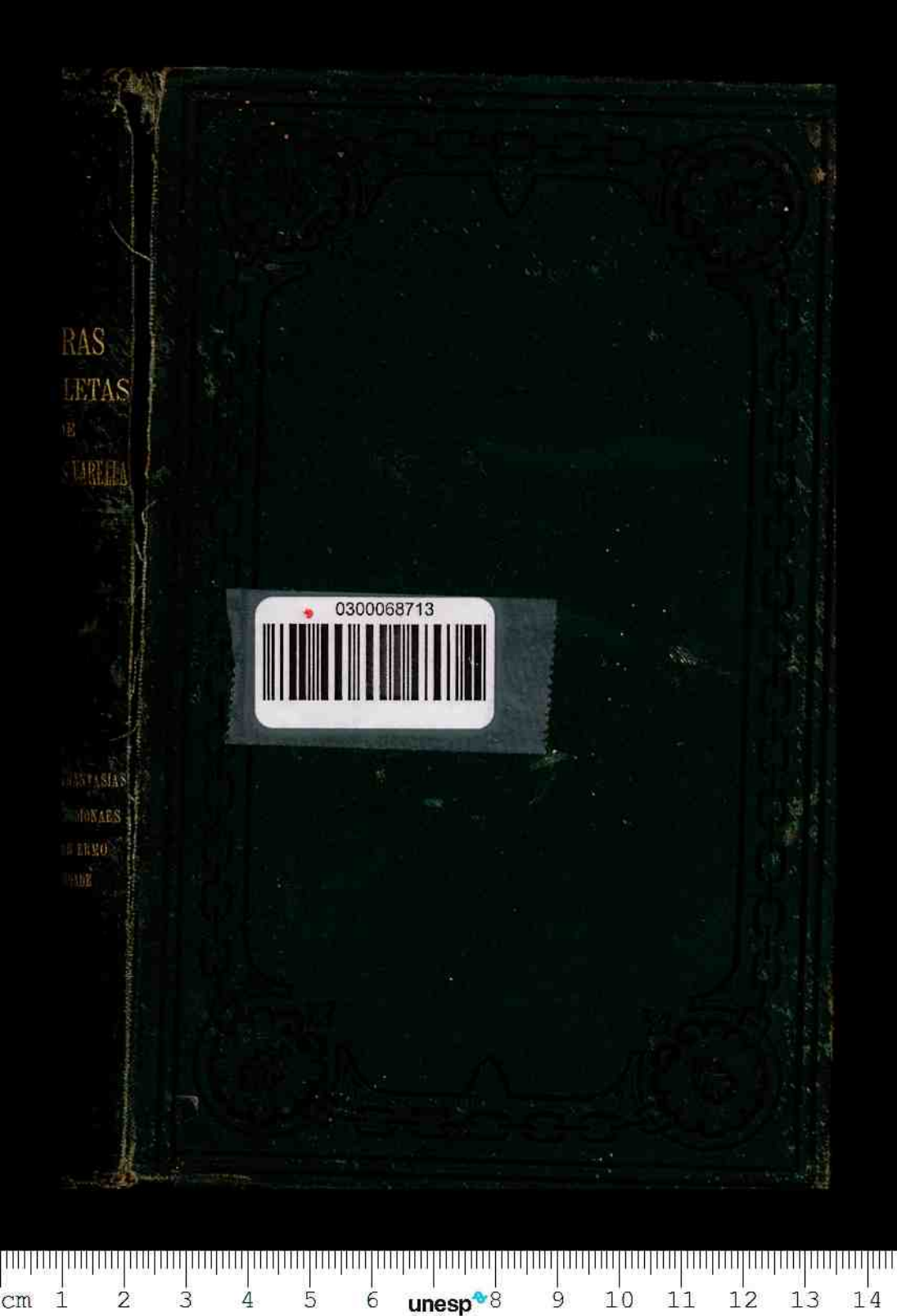

0300068713

Antonio Galdino de Alvim Soares
Campinas, 29 março, 1925
Rua Barreto Leme, 136.

Doação: Renata S. Junqueira

Rua Dr Queiroz nº 95

Emilia de Abreu Lima
S. Paulo, 17-1-83
Rua Marechal Deodoro - 38.
Livro dado por Arthur Mendes

OBRAS COMPLETAS

DE

L. N. FAGUNDES VARELLA

II

CANTOS E PHANTASIAS — CANTOS MERIDIONAES

CANTOS DO ERMO E DA CIDADE.

Doado pelo
Prof. Carlos A. Iannone

...s, chronicas coloniaes, contendo :
...nc. 3$000, br . . . . . 2$000
— **O Ermitão da Gloria**, a alma de Lazaro, 1 vol. in-8 enc. 3$000, br. . . . . 2$000
— **Azas de um anjo**, comedia, 1 vol. in-8 br . . . . . 2$000
— **Ao correr da penna**, escriptos politicos, 1 vol. in-8 br . . 4$000
— **Cinco minutos, A viuvinha**, romances, 1 vol. in-8 enc. 3$000, br. . . . . 2$000
— **O Demonio Familiar**, comedia, 1 vol. in-8 br. . . . . 1$500
— **Diva**, perfil de mulher, 1 vol. in-8 enc 3$000, br . . . . . 2$000
— **O Gaucho** (DE SENIO), 2 vol. in-8 enc. 6$000, br . . . . . 4$000
— **Guerra dos mascates** (DE SENIO), chronica dos tempos coloniaes, 2 vol. in-8 enc. 6$000, br . . . . . 4$000
— **O Guarany**, episodios dos tempos coloniaes, 2 vol. in-8 enc. 8$000, br. . . . . 6$000
— **Iracema**, lenda do Ceará. 1 vol. in-8 enc. 3$000, br . . . . 2$000
— **O Jesuita**, drama em 4 actos, 1 vol. in-8 enc. 3$000, br . . . 2$000
— **Luciola**, perfil de mulher, 1 vol. in-8 enc. 3$000, br . . . . . 2$000
— **Mãi**, drama em 4 actos, 1 vol. in-8 br . . . . . 2$000
— **As Minas de Prata**, complemento do **Guarany**. Episodios dos tempos coloniaes, 3 vol. in-8 enc. 12$000, br . . . . . 9$000
— **A pata da Gazella** (DE SENIO), 1 vol. in-8 enc. 3$000. br . 2$000
— **O Sertanejo**, romance, 2 vol. in-8 enc. 6$000, br. . . . . 4$000
— **Senhora** (de G. M.), perfil de mulher, 2 vol. in-8 enc. 6$000, br . . . . . 4$000
— **Systema representativo**, 1 vol. in-4 . . . . . 4$000
— **Til**, romance, 4 vol. in-12 enc. 6$000, br. . . . . 4$000
— **O Tronco do Ipé** (DE SENIO), 2 vol. in-8 enc. 6$000, br . . 4$000
— **Ubirajara**, lenda tupy, 1 vol. in-8 enc. 6$000, br. . . . . 2$000
— **Verso e reverso**, comedia em 2 actos, 1 vol. br. . . . . 1$000
— **Viagem Imperial**, 1 vol. in-8 br. . . . . 4$000

LIVRARIA CLASSICA. — Excerptos dos principaes auctores portuguezes

Antonio Ferreira, 3 vol. in-4 15$000, in-8 . . . . . 9$000
Manoel Bernardes, 2 vol. in-4. . . . . 10$000
Fernão Mendes Pinto, 2 vol. in-4 10$000, in-8. . . . . 6$000
Garcia de Rezende. 1 vol. in-4 5$000, in-8. . . . . 3$000
Bocage, 3 vol. in-4 15$000, in-8. . . . . 9$000
João de Lucena, 2 vol. in-4 10$000, in-8 . . . . . 6$000
Ha ricas encadernações.

Havre. — Imprimerie du Commerce, 3, rue de la Bourse.

OBRAS COMPLETAS

DE

L. N. FAGUNDES VARELLA

EDIÇÃO ORGANIZADA E REVISTA, E PRECEDIDA DE UMA NOTICIA BIOGRAPHICA

POR

VISCONTI COARACY

E DE UM ESTUDO CRITICO PELO

Dr FRANKLIN TAVORA

CANTOS E PHANTASIAS — CANTOS MERIDIONAES

CANTOS DO ERMO E DA CIDADE

UNESP
Faculdade de Ciencias e Letras
BIBLIOTECA
CAMPUS DE ARARAQUARA

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, LIVREIRO EDITOR

71, *Rua do Ouvidor*, 71

PARIS, Vve EMILE MELLIER, RUE SEGUIER, 17

1892

Doação de Renata Soares Junqueira ao
CEB - Centro de Estudos Bandeirantes
"Fernando Corvalho" - FCL/CAr/UNESP - 1996

CANTOS E PHANTASIAS

BIBLIOTECA DO CENTRO DE ESTUDOS
BRASILEIROS - UNESP - FCL CAr
C.G. N.º 12810(a)

JUVENILIA

I

Lembras-te, Inah, d essas noites
Cheias de doce harmonia,
Quando a floresta gemia
Do vento aos brandos açoites?

Quando as estrellas sorrião,
Quando as campinas tremião
Nas dobras de humido véo?
E nossas almas unidas
Estreitavão-se, sentidas,
Ao languor d'aquelle céo?

Lembras-te, Inah? Bello e mago,
Da nevoa por entre o manto,
Erguia-se ao longe o canto
Dos pescadores do lago.

Os regatos soluçavão,
Os pinheiros murmuravão
No viso das cordilheiras,
E a briza lenta e tardia

O chão relvoso cobria
Das flôres das trepadeiras.

Lembras-te, Inah? Era bella,
Ainda no albor da vida,
Tinhas a fronte cingida
De uma innocente capella.

Teu seio era como a lyra
Que chora, canta e suspira
Ao roçar de leve aragem;
Teus sonhos erão suaves,
Como o gorgeio das aves
Por entre a escura folhagem.

Do mundo os negros horrores
Nem presentias siquer;
Teus almos dias, mulher,
Passavão n'um chão de flôres.

Oh! primavera sem termos!
Brancos luares dos ermos!
Auroras de amor sem fim!
Fugistes, deixando apenas
Por terra esparsas as pennas
Das azas de um serafim!

Ah! Inah! Quanta esperança
Eu não vi brilhar nos céos
Ao luzir dos olhos teus,
A teu sorrir de criança!

Quanto te amei! Que futuros!
Que sonhos gratos e puros!
Que crenças na eternidade!
Quando a furto me fallavas,
E meu ser embriagavas
Na febre da mocidade!

Como nas noites de estio,
Ao sopro do vento brando,
Rola o selvagem cantando
Na correnteza do rio;

Assim passava eu no mundo,
N'esse descuido profundo
Que etherea dita produz!
Tu eras, Inah, minh'alma,
De meu estro a gloria e a palma,
De meus caminhos a luz!

Que é feito agora de tudo?
De tanta illusão querida?
A selva não tem mais vida,
O lar é deserto e mudo!

Onde foste, oh! pomba errante?
Bella estrella scintillante
Que apontavas o porvir?
Dormes acaso no fundo
Do abysmo tredo e profundo,
Minha perola de Ophir?

Ah! Inah! por toda parte
Que teu espirito esteja,
Minh'alma que te deseja
Não cessará de buscar-te!

Irei ás nuvens serenas,
Vestindo as ligeiras pennas
Do mais ligeiro condor;
Irei ao pégo espumante,
Como da Asia o possante,
Soberbo mergulhador!

Irei á patria das fadas
E dos sylphos errabundos,
Irei aos antros profundos
Das montanhas encantadas;

Si depois de immensas dôres,
No seio ardente de amores
Eu não puder apertar-te,
Quebrando a dura barreira
D'este mundo de poeira,
Talvez, Inah, hei de achar-te!

II

Era á tardinha. Scismando,
Por uma senda arenosa
Eu caminhava. Tão brando,
Como a voz melodiosa
Da menina enamorada,
Sobre a grama avelludada
Corria o vento a chorar.
Gemia a pomba... no ar
Passava grato e sentido
O aroma das maravilhas
Que crescião junto ás trilhas
Do deserto humedecido.

Mais bella que ao meio-dia,
Mais carinhosa batia
A luz nos cannaviaes;
E o manso mover das mattas,
O barulho das cascatas
Tinhão notas divinaes.
Tudo era tão calmo e lindo,
Tão fresco e placido alli,
Que minh'alma se expandindo
Voou, foi junto de ti,
Nas azas do pensamento,
Gozar do contentamento
Que n'outro tempo fruí.
Oh! como através dos mantos

Das saudades e dos prantos
Tão meigamente sorrias!
Tinhas o olhar tão profundo
Que de minh'alma no fundo
Fizeste brotar um mundo
De sagradas alegrias.

Uma grinalda de rosas
Brancas, virgens, odorosas,
Te cingia a fronte triste...
Scismavas queda, silente,
Mas, ao chegar-me, tremente
Te ergueste, e alegre, contente,
Sobre meus braços cahiste.
Pouco a pouco, entre os palmares
Da longinqua serrania,
Sumia-se a luz do dia
Que aclarava esses lugares;
As campanulas pendidas
Sobre as fontes adormidas
De sereno gottejavão,
E no fundo azul dos céos,
Dos vapores entre os véos,
As estrellas despontavão.

Eramos sós, mais ninguem
Nossas palavras ouvia;
Como tremias, meu bem!
Como teu peito batia!...
Pelas janellas abertas
Entravão molles, incertas,
D'aquellas plagas desertas
As virações suspirosas,

E cheias de mil desvelos,
Cheias de amor e de anhelos,
Lançavão por teus cabellos
O effluvio das tuberosas!...
Ai! tu não sabes que dôres,
Que tremendos dissabores
Longe de ti eu padeço!
Em teu retiro sozinha,
Pobre criança mesquinha,
Cuidas talvez que te esqueço!
A turba dos insensatos
Entre futeis apparatos
Canta e folga pelas ruas;
Mas triste, sem um amigo,
Em meu solitario abrigo
Pranteio saudades tuas!
Nem um minuto se passa,
Nem um insecto esvoaça,
Nem uma briza perpassa
Sem uma lembrança aqui;
O céo d'aurora risonho,
A luz de um astro tristonho,
Os sonhos que á noite sonho,
Tudo me falla de ti.

III

Tu és a aragem perdida
Na espessura do pomar,
Eu sou a folha cahida
Que levas sobre as azas ao passar.
Ah! voa, voa, a sina cumprirei :
Te seguirei.

Tu és a lenda brilhante
Junto do berço cantada,
Eu sou o pavido infante
Que o somno esquece ouvindo-te a toada.
Ah! canta, canta, a sina cumprirei :
Te escutarei.

Tu és a onda de prata
Do regato transparente,
Eu a flôr que se retrata
No crystal encantado da corrente.
Ah! chora, chora, o fado cumprirei :
Te beijarei.

Tu és o laço enganoso
Entre rosas estendido,
Eu o passaro descuidoso
Por funesto prestigio seduzid .

Ah ! não temas, a sina cumprirei :
Me entregarei.

Tu és o barquinho errante
No espelho azul da lagôa,
Eu sou a espuma alvejante
Que agita n'agua a cortadora prôa.
Ah ! voga, voga, o fado cumprirei :
Me desfarei.

Tu és a luz d'alvorada
Que rebenta n'amplidão,
Eu a gotta pendurada
Na trepadeira curva do sertão.
Ah ! brilha, brilha, a sorte cumprirei :
Scintillarei.

Tu és o iris eterno
Sobre os desertos pendido,
Eu o ribeiro do inverno
Entre broncos fraguedos escondido.
Ah ! fulge, fulge, a sorte cumprirei :
Deslizarei.

Tu és a esplendida imagem
De um romantico sonhar,
Eu cysne de alva plumagem
Que fallece de amor a te mirar.
Ah ! surge, surge, o fado cumprirei :
Desmaiarei.

Tu és a luz crepitante
Que em noite trevosa ondeia,
Eu mariposa offegante
Que em torno á chamma tremula volteia.
Ah! basta, basta, a sina cumprirei :
Me abrasarei.

IV

Teus olhos são negros, negros
Como a noite nas florestas...
Infeliz do viajante
Si de sombras tão funestas
Tanta luz não rebentasse!
A aurora desponta e nasce
Da noite escura e tardia :
Tambem da noite sombria
De teus olhos amorosos
Partem raios mais formosos
Que os raios da luz do dia.

Teu cabello mais cheiroso,
Que o perfume dos vergeis,
Na brancura immaculada
Da cutis assetinada
Rola em profusos anneis :
Eu quizera ter mil almas,
Todas ardentes de anhelos,
Para prendêl-as, meu anjo,
A'luz de teus olhos bellos,
Nos grilhões de teus olhares,
Nos anneis de teus cabellos!

V

Não vês quantos passarinhos
Se cruzão no azul do céo?
Pois olha, pomba querida,
Mais vezes,
Mais vezes te adoro eu.

Não vês quantas rosas bellas
O sereno humedeceu?
Pois olha, flôr de minh'alma,
Mais vezes,
Mais vezes te adoro eu.

Não vês quantos grãos de arêa
Na praia o rio estendeu?
Pois olha, candida perola,
Mais vezes,
Mais vezes te adoro eu.

Ave, flôr, perfume, canto,
Rainha do genio meu,
Alem da gloria e dos anjos,
Mil vezes,
Mil vezes te adoro eu.

VI

Ês a sultana das brazileas terras,
A rosa mais balsamica das serras,
A mais bella palmeira dos desertos;
Tens nos olhares do infinito as festas
E a mocidade eterna das florestas
Na frescura dos labios entre-abertos.

Porque Deos fez-te assim? Que brilho é esse
Que ora incendêa-se, ora desfallece
N'essas pupillas doudas de paixão?...
Quando as enxergo julgo nos silvados
Ver palpitar nos lirios debruçados
As borboletas negras do sertão.

O rochedo luzido, onde a torrente
Bate alta noite rapida e fremente,
De teu preto cabello inveja a côr...
E que aromas, meu Deos! o estio inteiro
Parece que lavanta-se fagueiro,
Cheio de sombra e canticos de amor!

Quando tu fallas lembro-me da infancia,
Dos vergeis de dulcissima fragrancia
Onde cantava á tarde o sabiá!...
Ai! deixa-me chorar e falla ainda,

Não, não dissipes a saudade infinda
Que n'esta fronte bafejando está!

Eu tenho n'alma um pensamento escuro,
Tão tredo e fundo que o pharol mais puro
Que Deos ha feito espancará jámais!
Debalde allivio hei procurado afflicto,
Mas quando fallas teu fallar bemdito
Abranda-lhe os martyrios infernaes!

Dizem que a essencia dos mortaes ha vindo
De um outro mundo mais formoso e lindo
Que um santo amor as bases alimenta;
Talvez n'esse outro mundo um laço estreito
A teu peito prendesse o triste peito
Que hoje sem ti nas trevas se lamenta!

És a princeza das brazileas terras,
A rosa mais balsamica das serras,
Do céo azul a estrella mais dilecta...
Vem, não te afastes, teu sorrir divino
É bello como a aurora, e a voz um hymno
Que o genio inspira do infeliz poeta.

VII

Ah! quando face á face te comtemplo,
E me queimo na luz de teu olhar,
E no mar de tu'alma afogo a minha,
E escuto-te fallar,

Quando bebo teu halito mais puro
Que o bafejo ineffavel das espheras,
E miro os roseos labios que aviventão
Immortaes primaveras,

Tenho medo de ti!... Sim, tenho medo
Porque presinto as garras da loucura,
E me arrefeço aos gelos do atheismo,
Soberba creatura!

Oh! eu te adoro como adoro a noite
Por alto mar, sem luz, sem claridade,
Entre as refegas do tufão bravio
Vingando a immensidade!

Como adoro as florestas primitivas,
Que aos céos levantão perennaes folhagens,
Onde se embalão nos coqueiros presas
As redes dos selvagens!

Como adoro os desertos e as tormentas,
O mysterio do abysmo e a paz dos ermos,
E a poeira de mundos que prateia
A abobada sem termos!...

Como tudo o que é vasto, eterno e bello,
Tudo o que traz de Deos o nome escripto!
Como a vida sem fim que além me espera
No seio do infinito!

VIII

Saudades! Tenho saudades
D'aquelles serros azues,
Que á tarde o sol inundava
De louros toques de luz!
Tenho saudades dos prados,
Dos coqueiros debruçados
A' margem do ribeirão,
E o dobre d'Ave-Maria
Que o sino da freguezia
Lançava pela amplidão!
Oh! minha infancia querida!
Oh! doce quartel da vida!
Como passaste depressa!
Si tinhas de abandonar-me,
Porque, falsaria, enganar-me
Com tanta meiga promessa?
Ingrata, porque te foste?
Porque te foste, infiel?
E a taça de ethereas ditas,
As illusões tão bonitas
Cobriste de lama e fel?

Eu era vivo e travesso,
Tinha seis annos então,
Amava os contos de fadas
Contados junto ao fogão;

E as cantigas compassadas,
E as legendas encantadas
Das éras que lá se vão.
De minha mãi era o mimo,
De meu pai era a esperança:
Um tinha o céo, outro a gloria
Em meu sorrir de criança,
Ambos das luzes vivião
Que de meus olhos partião

Junto do alpendre sentado
Brincava com minha irmã,
Chamando o grupo de anginhos
Que tiritavão sózinhos
Na cerração da manhã;
Depois, por invios caminhos,
Por campinas orvalhadas,
Ao som de ledas risadas
Nos lançavamos correndo...
O viandante parava
Tão descuidosos nos vendo,
O camponez nos saudava,
A serrana nos beijava
Ternas palavras dizendo.

A' tarde erão brincos, festas,
Carreiras entre as giestas,
Folguedos sobre a verdura;
Nossos pais nos contemplavão,
E seus seios palpitavão,
De uma indizivel ventura.
Mas ai! os annos passárão,
E com elles se apagárão

Tão lindos sonhos sonhados!
E a primavera tardia,
Que tanta flôr promettia,
Só trouxe acerbos cuidados!

Inda revejo esse dia,
Cheio de dôres e prantos,
Em que tão puros encantos
Oh! sem saber os perdia!
Lembra-me ainda : era á tarde.
Morria o sol entre os montes,
Casava-se a voz das rôlas
Ao borborinho das fontes;
O espaço era todo aromas,
Da matta virgem nas comas
Pairava um grato frescor;
As criancinhas brincavão,
E as violas resoavão
Na cabana do pastor.

Parti, parti, mas minh' alma
Partida ficou tambem,
Metade alli, outra em penas
Que mais consolo não têm!
Oh! como é diverso o mundo
D'aquellas serras azues,
D'aquelles valles que riem
Do sol á dourada luz!
Como differem os homens
D'aquelles rudes pastores
Que o rebanho apascentavão,
Cantando idyllios de amores!

Subi aos paços dos nobres,
Fui aos casebres dos pobres,
Riqueza e miseria vi;
Mas tudo é morno e cansado,
Tem um gesto refalsado,
N'estes lugares d'aqui!
Oh! então chorei por ti,
Minha adorada mansão;
Chamei-te de meu desterro,
Os braços alcei-te em vão!
Não mais! Os annos passarão,
E com elles desbotarão
Tantas rosas de esperança!
Do tempo nas cinzas frias
Repousão p'ra sempre os dias
De meu sonhar de criança!

IX

Um dia o sol poente dourava a serrania,
As ondas suspiravão na praia mansamente,
E além nas solidões morria o som plagente
Dos sinos da cidade dobrando Ave-Maria.

Estavamos sozinhos sentados no terraço
Que a trepadeira em flôr cobria de perfumes :
Tu escutavas muda das auras os queixumes,
Eu tinha os olhos fitos na vastidão do espaço.

Então me perguntaste, com essa voz divina
Que a teu suave mando trazia-me captivo :
— Porque todo o poeta é triste e pensativo?
Porque dos outros homens não segue a mesma sina?

Era tão lindo o céo, a tarde era tão calma...
E teu olhar brilhava tão cheio de candura,
Criança! que não viste a tempestade escura
Que estas palavras tuas me despertárão n'alma!

Pois bem, hoje que o tempo partio de um golpe só
Sonhos da mocidade e crenças do futuro,
Na fronte do poeta não vês o sello escuro
Que faz amar as tumbas e affeiçoar-se ao pô?

X

A' luz d'aurora, nos jardins da Italia
Floresce a dhalia de sentida côr,
Conta-lhe o vento divinaes desejos
E geme aos beijos da mimosa flôr.

O céo é lindo, a fulgurante estrella
Ergue-se bella n'amplidão do sul,
Pallidas nuvens do arrebol se córão,
As auras chorão na lagôa azul.

Tu és a dhalia dos jardins da vida,
A estrella erguida no ceruleo véo,
Tens n'alma um mundo de virtudes santas,
E a terra encantas n'um sonhar do céo.

Basta um bafejo na inspirada fibra
Que o seio vibra divinaes encantos,
Como no templo do senhor vendado
O orgão sagrado se desfaz em cantos.

Pomba innocente, nem siquer o indicio
Do escuro vicio presentiste apenas!
Nunca manchaste na charneca impura
A doce alvura das formosas pennas.

LIVRO DAS SOMBRAS

(S. Paulo 1864)

A . . . . .

Pensava em ti nas horas de tristeza
Quando estes versos pallidos compuz..
Cercavão-me planicies sem belleza,
Pesava-me na fronte um céo sem luz.

Ergue este ramo solto em teu caminho:
Sei que em teu seio asylo encontrará!...
Só tu conheces o secreto espinho
Que dentro d'alma me pungindo está!..

Li 8-2-93
S. Sa

SCISMAS A' NOITE

Doce briza da noite, aura mais frouxa
Que o debil sopro de adormido infante,
Tu és, quem sabe? a perfumada aragem
Das azas de ouro d'algum genio errante.

Tu és, quem sabe? a gemedora endecha
De um ente amigo que afastado chora,
E ao som das fibras do psalterio cburneo
Conta-me as dôres que padece agora!

Ai! não te arredes, viração tardia,
Zephyro pleno da estival fragrancia!
Sinto a teus beijos resurgir-me n'alma
O drama inteiro da rosada infancia!

Bem como a aurora faz brotar as clicias,
Chama da selva os festivaes cantores,
Assim dos tempos na penumbra elevas
Todos os quadros da estação das flôres.

Sim, vejo ao longe os matagaes extensos,
O lago azul, os palmeiraes airosos,
A grei sem conta de ovelhinhas brancas
Balindo alegre nos sarçaes viçosos;

Diviso a choça paternal no outeiro,
Alva, gentil, dos laranjaes no seio,
Como a gaivota descuidosa e calma
Das verdes ondas a boiar no meio ;

Sinto o perfume das roçadas frescas,
Ouço a canção do lenhador sombrio,
Sigo o barqueiro que tranquillo fende
A lisa face do profundo rio...

Oh! minhas noites de illusões celestes!
Visões brilhantes da primeira idade!
Como de novo reviveis tão lindas
Por entre as balsas da nativa herdade!

Como no espaço derramais, suaves,
Tão langue aroma, vibração tão grata!
Como das sombras do passado, mesmo,
Tantas promessas o porvir desata!

Exalte embora o insensato as trevas,
Chame o descrido a solidão e a morte,
Não quero ainda fenecer, é cedo!
Creio na sina, tenho fé na sorte!

Creio que as dores que supporto alcancem
Um premio ainda da justiça eterna!
Oh! basta um sonho!... o respirar de um sylpho,
O amor de um' alma compassiva e terna!

Basta uma noite de luar nos campos,
O brando effluvio dos vergeis do sul,
Dous olhos bellos, como a crença bellos,
Fitos do espaço no fulgente azul!

Ah! não te afastes, viração amiga!
Além não passes com teu molle adejo!
Tens nas delicias que as torrentes vertes
Toda a doçura de um materno beijo!

Falla-me ainda d'esses tempos idos,
Rasga-me a tela da sazão que vem,
Foge depois, e mais subtil, mais tenue,
Vai meus suspiros repetir além.

Li: 8-2-93
S. Soares

SEXTILHAS

Amo o cantor solitario
Que chora no campanario
Do mosteiro abandonado,
E a trepadeira espinhosa
Que se abraça caprichosa
A' forca do condemnado.

Amo os nocturnos lampyrios
Que gyrão, errantes cirios,
Sobre o chão dos cemiterios,
E ao clarão de tredas luzes
Fazem destacar as cruzes
De seu fundo de mysterios.

Amo as timidas aranhas
Que, lacerando as entranhas,
Fabricão dourados fios,
E com seus leves tecidos
Dos tugurios esquecidos
Cobrem os muros sombrios.

Amo a lagarta que dorme,
Nojenta, languida, informe,

Por entre as hervas rasteiras,
E as rãs que os paúes habitão,
E os molluscos que palpitão
Sob as vagas altaneiras!

Amo-os, porque todo o mundo
Lhes vota um odio profundo,
Despreza-os sem compaixão!
Porque todos desconhecem
As dôres que elles padecem
No meio da creação!

Li- 8-2-93
S. Soares

HORAS MALDITAS

Ha umas horas na noite,
Horas sem nome e sem luz,
Horas de febre e agonia...
Como as horas de Maria
Debruçada aos pés da cruz.

Tredos abortos do tempo,
Cadêas de maldição
Vertem gelo nas arterias,
E suffocão deleterias
Do poeta a inspiração

N'essas horas tumulares
Tudo é frio e desolado!...
O pensador vacillante
Julga ver a cada instante
Livido espectro a seu lado.

Quer fallar, porém seus labios
Recusão-lhe obedecer,
Medrosos de ouvir nos ares
Uma voz de outros lugares
Que venha os interromper.

Si abre a janella, as planicies
Vê de aspecto aterrador;
As plantas frias, torcidas,
Parece que esmorecidas
Pedem soccorro ao Senhor.

As charnecas lamacentas
Exhalão podres miasmas;
E os fogos phosphorescentes
Passão rapidos, frementes,
Como um bando de fantasmas.

E a razão vacilla e treme,
Coalha-se o sangue nas vêas,
Mas as horas somnolentas
Vão-se arrastando cruentas
Ao som das bronzeas cadêas.

Oh! essas horas tremendas
Tenho-as sentido de mais!
E os males que me causárão,
Os traços que me deixárão
Não se apagaráõ jámais!

Li-8-2-79
S. Soares

CANTICO DO CALVARIO

Á MEMORIA DE MEU FILHO

MORTO A 11 DE DEZEMBRO DE 1863.

Eras na vida a pomba predilecta
Que sobre um mar de angustias conduzia
O ramo da esperança! .. eras a estrella
Que entre as nevoas do inverno scintillava
Apontando o caminho ao pegureiro!...
Eras a messe de um dourado estio!...
Eras o idyllio de um amor sublime!...
Eras a gloria, a inspiração, a patria,
O porvir de teu pai! — Ah! no emtanto,
Pomba — varou-te a flecha do destino!
Astro — engulio-te o temporal do norte!
Tecto — cahiste! Crença — já não vives!

Correi, correi, oh! lagrimas saudosas,
Legado acerbo da ventura extincta,
Dubios archotes que a tremer clarêão
A lousa fria de um sonhar que é morto!
Correi! Um dia vos verei mais bellas
Que os diamantes de Ophir e de Golgonda
Fulgurar na corôa de martyrios
Que me circumda a fronte scismadora!

São mortos para mim da noite os fachos,
Mas Deos voz faz brilhar, lagrimas santas,
E á vossa luz caminharei nos ermos!
Estrellas do soffrer, gottas de mágoa,
Brando orvalho do céo! sede bemditas!
Oh! filho de minh'alma! Ultima rosa
Que n'este sólo ingrato vicejava!
Minha esperança amargamente doce!
Quando as garças vierem do occidente,
Buscando um novo clima onde pousarem,
Não mais te embalarei sobre os joelhos,
Nem de teus olhos no ceruleo brilho
Acharei um consolo a meus tormentos!
Não mais invocarei a musa errante
N'esses retiros onde cada folha
Era um polido espelho de esmeralda
Que reflectia os fugitivos quadros
Dos suspirados tempos que se forão!
Não mais perdido em vaporosas scismas
Escutarei ao pôr do sol, nas serras,
Vibrar a trompa sonorosa e leda
Do caçador que aos lares se recolhe!

Não mais! A arêa tem corrido, e o livro
De minha infanda historia está completo!
Pouco tenho de andar! Um passo ainda,
E o fructo de meus dias, negro, pôdre,
Do galho eivado rolará por terra!
Ainda um threno! e o vendaval sem freio
Ao soprar quebrará a ultima fibra
Da lyra infausta que nas mãos sustenho!
Tornei-me o écho das tristezas todas
Que entre os homens achei! o lago escuro
Onde ao clarão dos fogos da tormenta
Mirão-se as larvas funebres do estrago!

Por toda a parte em que arrastei meu manto
Deixei um traço fundo de agonias!...

Oh! quantas horas não gastei, sentado
Sobre as costas bravias do Oceano,
Esperando que a vida se esvaisse
Como um floco de espuma, ou como o friso
Que deixa n'agua o lenho do barqueiro!
Quantos momentos de loucura e febre
Não consumi perdido nos desertos,
Escutando os rumores das florestas,
E procurando n'essas vozes torvas
Distinguir o meu cantico de morte!
Quantas noites de angustias e delirios
Não velei, entre as sombras espreitando
A passagem veloz do genio horrendo
Que o mundo abate ao galopar infrene
Do selvagem corsel?... E tudo embalde!
A vida parecia ardente e douda
Agarrar-se a meu ser!... E tu tão joven,
Tão puro ainda, ainda n'alvorada,
Ave banhada em mares de esperança,
Rosa em botão, crysalida entre luzes,
Foste o escolhido na tremenda ceifa!
Ah! quando a vez primeira em meus cabellos
Senti bater teu halito suave;
Quando em meus braços te cerrei, ouvindo
Pulsar-te o coração divino ainda;
Quando fitei teus olhos socegados,
Abysmos de innocencia e de candura,
E baixo e a medo murmurei: meu filho!
Meu filho! phrase immensa, inexplicavel,
Grata como o chorar de Magdalena
Aos pés do Redemptor... ah! pelas fibras
Senti rugir o vento incendiado

D'esse amor infinito que eterniza
O consorcio dos orbes que se enredão
Dos mysterios do ser na têa augusta,
Que prende o céo á terra e a terra aos anjos!
Que se expande em torrentes ineffaveis
Do seio immaculado de Maria!

Cegou-me tanta luz! Errei, fui homem!
E de meu erro a punição cruenta
Na mesma gloria que elevou-me aos astros,
Chorando aos pés da cruz, hoje padeço!

O som da orchestra, o retumbar dos bronzes,
A voz mentida de rafeiros bardos,
Torpe alegria que circumda os berços
Quando a opulencia doura-lhes as bordas,
Não te saudárão ao sorrir primeiro,
Clicia mimosa rebentada á sombra!
Mas ah! si pompas, esplendor faltárão-te,
Tiveste mais que os principes da terra...
Templos, altares de affeição sem termos!
Mundos de sentimento e de magia!
Cantos ditados pelo proprio Deos!
Oh! quantos reis que a humanidade aviltão
E o genio esmagão dos soberbos thronos,
Trocarião a purpura romana
Por um verso, uma nota, um som apenas
Dos fecundos poemas que inspiraste!

Que bellos sonhos! Que illusões bemditas
Do cantor infeliz lançaste á vida,
Arco-iris de amor! luz da alliança,
Calma e fulgente em meio da tormenta!

Do exilio escuro a cithara chorosa
Surgio de novo e ás viraçõcs errantes
Lançou diluvios de harmonia! O gozo
Ao pranto succedeu, as ferreas horas
Em desejos alados se mudárão...
Noites fugião, madrugadas vinhão,
Mas sepultado n'um prazer profundo
Não te deixava o berço descuidoso,
Nem de teu rosto meu olhar tirava,
Nem de outros sonhos que dos teus vivia!

Como eras lindo! Nas rosadas faces
Tinhas ainda o tepido vestigio
Dos beijos divinaes! nos olhos langues
Brilhava o brando raio que accendêra
A benção do Senhor quando o deixaste!
Sobre teu corpo a chusma dos anginhos,
Filhos do ether e da luz, voavão,
Rião-se alegres, das caçoilas niveas
Celeste aroma te vertendo ao corpo!
E eu dizia co'migo : — teu destino
Será mais bello que o cantar das fadas
Que dansão no arrebol, mais triumphante
Que o sol nascente derribando ao nada
Muralhas de negrume!... Irás tão alto
Como o passaro-rei do Novo Mundo!

Ai! doudo sonho!... Uma estação passou-se.
E tantas glorias, tão risonhos planos
Desfizerão-se em pó! O genio escuro
Abrasou com seu facho ensanguentado
Meus soberbos castellos. A desgraça
Sentou-se em meu solar, e a soberana
Dos sinistros imperios de além-mundo

Com seus dedos real sellou-te a fronte!
Inda te vejo pelas noites minhas,
Em meus dias sem luz vejo-te ainda,
Creio-te vivo, e morto te pranteio!...

Ouço o tanger monotono dos sinos,
E cada vibração contar parece
As illusões que murchão-se comtigo!
Escuto em meio de confusas vozes,
Cheias de phrases pueris, estultas,
O linho mortuario que retalhão
Para envolver teu corpo! Vejo esparsas
Saudades e perpetuas, sinto o aroma
Do incenso das igrejas, ouço os cantos
Dos ministros de Deos que me repetem
Que não és mais da terra!... E choro embalde!..

Mas não! Tu dormes no infinito seio
Do Creador dos seres! Tu me fallas
Na voz dos ventos, no chorar das aves,
Talvez das ondas no respiro flebil!
Tu me contemplas lá do céo, quem sabe?
No vulto solitario de uma estrella...
E são teus raios que meu estro aquecem!
Pois bem! Mostra-me as voltas do caminho!
Brilha e fulgura no azulado manto!
Mas não te arrojes, lagrima da noite,
Nas ondas nebulosas do occidente!
Brilha e fulgura! Quando a morte fria
Sobre mim sacudir o pó das azas,
Escada de Jacob serão teus raios
Por onde azinha subirá minh'alma.

Li-8-2-93

MADRUGADA Á BEIRA-MAR

O firmamento inteiro
Transborda de fulgores
Do sol aos esplendores,
De Deos ao vasto olhar;
Esparsas no infinito
As nuvens cambiantes
Se espelhão triumphantes
Na face azul do mar.

A tribu das gaivotas,
Abrindo as azas leves,
Descreve gyros breves
Das rochas ao redor;
E além, na praia extensa,
Ao cantico das aves
Misturão-se as suaves
Canções do pescador.

Nas ondas transparentes,
D'aurora os brandos lumes
Pratêão os cardumes
Dos vividos peixinhos;
E os botes descuidosos,
Em prolongadas voltas,

Correm de velas soltas
Nos páramos marinhos.

Comtudo entre as bellezas
D'este festim sublime
Eu sinto que me opprime
Um intimo pezar!
Porque não sou a concha
Que volve-se na praia?
E a espuma que desmaia?
A onda azul do mar?

Porque não tenho eu azas
Assim como a andorinha,
Que se levanta azinha
E vôa n'amplidão?
Si a inspiração procura
Erguer-me pelo espaço.
Um rijo, estreito laço
Me prende os pés no chão!

O sol, que hoje fulgura
E as vagas illumina,
De novo a luz divina
Derramará nos céos;
A madrugada esplendida,
No dia de amanhã,
Virá bella e louçã
Quebrar da noite os véos.

Mas eu, ente maldito,
Da creação no meio,

Tenho no fragil seio
Martyrios infernaes!
Hoje reflicto, sinto,
Mas amanhã, cahido,
Do lodo apodrecido
Não surgirei jámais!

Li-8-2-93
S. Soares

SOMBRAS!

Não me detestes, não! Si tu padeces,
Tambem minh'alma teu soffrer partilha,
E sigo em prantos do supplicio a trilha,
Curvado ao peso de tremenda cruz!

Para nós ambos apagou-se a luz,
Tudo é tristeza no deserto vario,
Inda está longe o cimo do Calvario...
Não para ti... mas para mim, precito!

Tenho na face o desespero escripto:
Todos me odeião! quanto toco é pó!
Ai! n'este mundo tu me amaste, só,
E em paga d'esse amor tiveste o inferno!

Pallida rosa do alcaçar eterno,
Candida pomba que a innocencia nutre,
Melhor te fôra a sanha de um abutre
Que estas profanas mãos que te roçárão!

Aos céos os anjos teu chorar levárão,
Irmãos preparão-te amoroso abrigo,
E eu inda fico!... E tenho por castigo
Sentir-me vivo quando tudo expira!

Oh! quando á noite o vendaval se atira,
Quebrando as vagas turbulentas, frias,
E lasca o raio as broncas penedias
Onde a chuva despenha-se escumando...

Penso que Deos se abranda e vem chegando
A ultima scena de meu torvo drama;
Mas do fuzil que passa á rubra chamma
Vejo ainda longe o pouso derradeiro!

Andar e sempre andar! O globo inteiro
Pendido atravessar como Caim!
Não achar um repouso, um termo, um fim
A' dôr que róe, lacera e não descança!

E jámais antever uma esperança!
Uma restia de luz na escuridão!
Uma voz que me falle de perdão
E parta o bronzeo sello d'agonia!

Ah! é cruento! Mas talvez um dia
Comprehendas tão funda expiação,
E o pobre nome que detestas hoje
Murmures entre lagrimas então!

Li-8-2-93
S. Soares

A VARZEA

Ás luzes matutinas,
Sorrindo entre neblinas,
A varzea como é linda!
Parece uma criança
Rosada, loura e mansa,
No molle berço ainda.

O arroio somnolento
Desliza tardo e lento
Por entre os nenuphares,
E cada vez mais brando
Se vai perder chorando
No seio dos palmares.

As languidas nymphéas,
De fresco orvalho cheias,
Nas hasteas se balanção;
E, como doudas willis,
Por sobre as amaryllis
As borboletas dansão.

Na têa de mil côres,
Brilhante entre vapores,
A aranha se equilibra,
Fugindo de um argueiro

Ao toque o mais ligeiro
Que abala a sabia fibra.

Depois, leve, indolente
A nevoa docemente
Desdobra-se passando,
E alem, nos horizontes,
Por entre os altos montes,
O sol vem despontando.

A grama, o rio, as flores,
Os timidos cantores,
Palpitão de alegria,
E o pobre em seu albergue
Humildes cantos ergue
Ao filho de Maria.

Meu Deos! a luz divina
Que os orbes illumina
Rebenta de teus olhos,
Sant'elmos de alem-mundo
Que vêm no mar profundo
Mostrar-nos os escolhos!

Ah! que seria a vida,
Tão tetrica e dorida,
Sem teu saber sem termos?
Que quando o triste cança,
Povôa de esperança
Os mais medonhos ermos?

Senhor! a podre argilla
Abafa e aniquila

Meu genio solitario !...
Oh ! nem mais forças tenho
Para arrastar meu lenho
Ao combro do Calvario !

No meio da jornada
Vergou-me a mão pesada
Da infamia negra e rude !
As serpes que passarão
A rosa envenenárão
De minha juventude !

Mas ah ! quando contemplo
Teu magestoso templo,
A vasta creação,
Sinto brotar de novo
Da crença inda um renovo
No exhausto coração !

Li-8-2-93
S. Soares

QUEIXAS DO POETA

Ao cedro magestoso que o firmamento espana
Ligou a mão de Deos a humida liana,
A's amplas soledades arroios amorosos,
A's selvas passarinhos de cantos sonorosos,
Neblinas ás montanhas, aos mares viraçõe,
Ao céo mundos e mundos de fulgidos clarões,
Mas presa de uma dôr tantalica e secreta
Sozinho fez brotar o genio do poeta!...

A aurora tem cantigas e a mocidade rosas,
O somno do opulento visões deliciosas,
Nas ondas crystallinas espelhão-se as estrellas,
E as noites d'esta terra têm seducções tão bellas,
Que as plantas, os rochedos e os homens electrizão.
E os mais dourados sonhos na vida realizão!
Mas triste, do martyrio ferido pela setta,
Soluça no silencio o misero poeta!...

As auras do verão, nas regiões formosas
Do mundo Americano, as viraçõe cheirosas
Parecem confundidas rolar por sobre as flores
Que exhalão da corolla balsamicos odores;
As leves borboletas em bandos esvoação,
Os reptis na sombra ás arvores se enlação;
Mas só, sem o consolo de um' alma predilecta,
Descora no desterro a fronte do poeta!...

O viajor que á tarde sobre os outeiros passa
Divisa junto ás selvas um fio de fumaça
Erguer-se preguiçoso da choça hospitaleira
Pousada alegremente de um ribeirão á beira;
Alli junto dos seus descansa o lavrador,
Dos homens afastado e longe do rumor;
Mas no recinto escuro que o desalento infecta
Succumbe lentamente o genio do poeta!...

No rio caudaloso que a solidão retalha,
Da funda correnteza na limpida toalha,
Deslizão mansamente as garças alvejantes;
Nos tremulos cipós de orvalho gottejantes
Embalão-se avesinhas de pennas multicôres
Pejando a matta virgem de canticos de amores;
Mas presa de uma dôr tantalica e secreta
De dia em dia murcha o louro do poeta!...

Li- 8-2-93
S. Soares

RESIGNAÇÃO

Sózinho no descampado,
Sozinho, sem companheiro,
Sou como o cedro altaneiro
Pela tormenta açoutado.

Rugi! tufão desabrido!
Passai! temporaes de pó,
Deixai o cedro esquecido,
Deixai o cedro estar só!

Em meu orgulho embuçado,
Do tempo zombo da lei...
Oh! venha o raio abrasado,
— Sem me vergar... tombarei!

Gigante da soledade,
Tenho na vida um consolo:
Si enterro as plantas no solo,
Chego a fronte á immensidade!

Nada a meu fado se prende,
Nada enxergo junto a mim;
Só o deserto se estende
A meus pés, fiel mastim.

A' dôr o orgu'ho sagrado
Deos ligou n'um grande nó...
Quero viver isolado,
Quero viver sempre só!

E quando o raio incendido
Roçar-me, então cahirei
Em meu orgulho envolvido,
Como em um manto de rei.

Li 9-2-93
S Lins

PROTESTOS

Esquecer-me de ti? Pobre insensata!
Posso acaso o fazer quando em minh'alma
A cada instante a tua se retrata?

Quando és de minha vida o louro e a palma,
O pharo amigo que annuncia o porto,
A luz bemdita que a tormenta acalma?

Quando na angustia funebre do horto
Es a socia fiel que azinha instilla
Na taça da amargura algum conforto?

Esquecer-me de ti, pomba tranquilla,
Em cujo peito, erario de esperança,
Entre promessas meu porvir se asyla!

Esquecer-me de ti, fragil criança,
Ave medrosa que esvoaça e chora
Temendo o raio em dias de bonança!

Bane o pezar que a fronte te descora,
Secca as inuteis lagrimas no rosto...
Que pois receias se inda brilha a aurora?

Ermo arvoredo aos temporaes exposto,
Tudo póde alluir, tudo apagar
Em minha vida a sombra do desgosto;

Ah! mas nunca teu nome ha de riscar
De um coração que te idolatra, emquanto
Uma gotta de sangue lhe restar!

É teu, e sempre teu, meu triste canto,
De ti rebenta a inspiração que tenho,
Sem ti me afogo n'um continuo pranto;

Teu riso alenta meu cansado engenho,
E ao meigo auxilio de teus doces braços
Carrego aos hombros o funesto lenho.

De mais a mais se apertão nossos laços,
A ausencia... oh! que me importa! estás presente
Em toda a parte onde dirijo os passos.

Na briza da manhã que mollemente
Junca de flôres do deserto as trilhas
Ouço-te a falla tremula e plangente.

Do céo carmineo nas douradas ilhas
Vejo-te, ao pôr do sol, formosa imagem,
Cercada de esplendor e maravilhas.

Da luz, do mar, da nevoa e da folhagem
Uma outra tu mesma eu hei formado,
Outra que és tu, não pallida miragem.

E colloquei-te n'um altar sagrado
Do templo immenso que elevou talvez
Meu genio pelos anjos inspirado!

Não posso te esquecer, tu bem o vês!
Abre-me d'alma o livro tão vendado,
Vê si te adoro ou não: porque descrês?

DESEJO

Quando eu morrer adornem-me de flôres,
Descubrão-me das vendas do mysterio.
E ao som dos versos que compuz carreguem
Meu dourado caixão ao cemiterio.

Abrão-me um fosso no lugar mais fresco,
Cantem ainda, e deixem-me cantando;
Talvez assim a terra se converta
De suave dormir n'um leito brando.

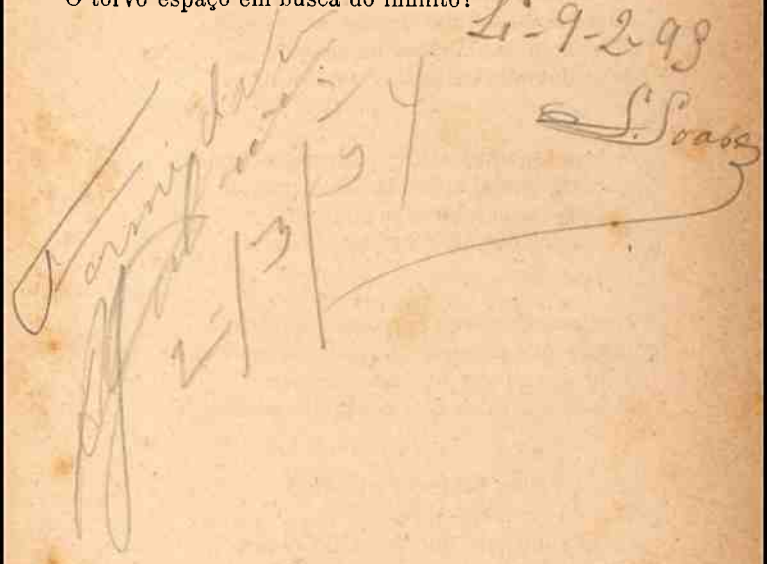
Em poucos mezes faz-me-hei poeira,
Porém que importa? si mais pura e bella
Minh'alma livre dormirá sorrindo
Talvez nos raios de encantada estrella.

E lá de cima velarei teu somno,
E lá de cima esperarei por ti,
Pallida imagem que do exilio escuro
Nas tristes horas de pezar sorri!

Ah! e comtudo si deixando o globo
Ave ditosa eu não partisse só,
Si ao mesmo sopro conduzisse unidas
Nossas essencias n'um estreito nó!...

Si junto ao leito das finaes angustias,
Da morte fria ao bafejar gelado
Eu te sentisse junto a mim dizendo :
São horas de marchar, eis-me a teu lado...

Como eu me erguêra resoluto e firme!
Como eu seguíra teu voar bemdito!
Como espancára co'as possantes azas
O torvo espaço em busca do infinito!



DESENGANO

Oh! não me falles da gloria,
Não me falles da esperança!
Eu bem sei que são mentiras
Que se dissipão, criança!
Assim como a luz profliga
As sombras da immensidade,
O tempo desfaz em cinzas
Os sonhos da mocidade.
Tudo descora e se apaga:
É esta do mundo a lei,
Desde a choça do mendigo
Até aos paços do rei!
A poesia é um sopro,
A sciencia uma illusão,
Ambas tactêão nas trevas
A luz procurando em vão.
Caminhão doudas, sem rumo,
Na senda que á dôr conduz,
E vão cahir soluçando
Aos pés de sangrenta cruz.
Oh! não me falles da gloria,
Não me falles da esperança!
Eu bem sei que são mentiras
Que se dissipão, criança!
Que me importa um nome impresso
No templo da humanidade,
E as corôas de poeta,

E o sello da eternidade,
Si para escrever os cantos
Que a multidão admira
É mister quebrar as pennas
De minh'alma que suspira?
Si nos desertos da vida,
Romeiro da maldição,
Tenho de andar sem descanso
Como o Hebrêo da tradição?...
Buscar das selvas o abrigo,
A sombra que a paz aninha,
E ouvir a selva bradar-me :
Ergue-te, doudo, e caminha!
Caminha! dizer-me o monte!
Caminha! dizer-me o prado.
Oh! mais não posso! — Caminha!
Responder-me o descampado?...
Ah! não me falles da gloria,
Não me falles da esperança!
Eu bem sei que são mentiras
Que se dissipão, criança!

L-9-2-93
C. L. Soares

REFLEXÕES DA MEIA-NOITE

TRADUCÇÃO DE UMA POESIA DE M. AUBERTIN,
OFFERECIDA AO AUTOR.

No céo da meia-noite a lua se equilibra,
As praças estão mudas e os homens repousando.
Mas ai! sob este encanto da abobada cerulea
Que multidão de seres não vela soluçando!

A' calma semelhante, a dôr é queda e funda...
Seus intimos gemidos quem poderá contar?
A tempestade foge, mais infeliz, da nuvem
Que a lagrima secreta desprende em seu passar!

Tão dolorida e triste que espera as horas mortas
Para afogar seu brilho no pallio tenebroso,
Tão surda que ao rolar nas faces desbotadas
Talvez nem a presinta o misero inditoso.

Ha um pezar ainda mais barbaro e cruento!
E esse que enregela as lagrimas nos olhos
E queima a gotta fulgida que a madre natureza
Verteu, como um consolo, da vida entre os abrolhos!

E' quando tudo dorme que este pezar desperta!
Oh! quanto desgraçado não curva-se á pressão

Do rabido tyranno do seio que padece
E a vida amaldiçoa e a morte chama em vão!

Meu Deos! si isto é assim, bemdita a voz amiga
Que a seu exhausto ouvido dicesse brandamente :
— Miserrimo ! si a dôr magôa-vos a essencia,
Mirai o céo da noite tão placido e fulgente!

Porém se obstinado, com gelido desprezo,
Tenaz em refazer-se da desventura infinda,
Olhasse com sarcasmo o divinal aviso,
Ou mais suave e meiga dicesse a voz ainda :

— Podeis pensar acaso que a lua peregrine
Nos paramos sidereos tão cheia de fulgor,
Si aqui sobre este mundo, ao lado da tristeza,
Não mais restasse um viso de tanta paz e amor?

Emquanto ao firmamento a côr azul fôr propria
As trevas passarão e a chuva hade cessar,
E junto do infeliz a magica esperança
Os sonhos que morrerão virá resuscitar.

Comtudo o céo mais puro parece opaco e negro
A quem foge da luz obstinado e cego;
A' vista firme e clara esvaem-se os negrumes
Que turbão da existencia a calma e o socego.

Trará consolo a lua, o sol calor e vida,
E a humana creatura, ligada a seu penar,
Se quedará tristonha quando a esperança vela
Nas sombras d'este mundo, archanjo tutelar?

Vossa alma é livre agora, despedaçai os ferros
Que os entes escravizão n'um padecer insano;
Mirai o céo azul, sede robusto e forte,
Além do desespero não ha peior tyranno!

O desespero o que é? — Palavra estulta e louca!
O coração só vive ás luzes da esperança,
Scentelha ora indecisa, ora formosa e viva,
Que nunca desfallece, nem de brilhar se cança.

A's vezes, por mais bello que o dia resplandeça,
Lá surge um ponto negro que avulta n'amplidão,
Assim tambem no meio dos gozos e venturas
O dissabor se mostra e pede seu quinhão.

Ao dia segue a noite, mas esta se esvaece,
E o globo aviventando desponta um novo dia,
E os corações, que ha pouco pulsavão tristemente,
Dilatão-se inundados de amor e de alegria.

Erguei acima os olhos, que linda vai a noite!
Quão doce é seu aspecto e seu respiro ameno!
E vós pensais achar, sombrio e taciturno,
Seu manto conspurcado da morte no veneno!

Assim ao desditoso pudera, no silencio
Celeste, occulta voz baixinho murmurar:
— São estas as verdades que a sã philosophia
As lagrimas inuteis devêra aconselhar.

Mas ai! a cada passo a vida nos demonstra,
Embora da esperança scintille a chamma pura,
Que ha dôres tão profundas, pezares tão rebeldes,
Assim como ha molestias mortiferas, sem cura!

L. 9-2-93

Serrão

MELODIAS DO ESTIO

ASPIRAÇÕES

Meu Deos! já que não posso no meio das florestas
Ouvir da natureza as mais soberbas festas;
Já que não posso errante no esplendido oceano
Sorver a longos tragos teu bafo soberano;
Quero escutar nas praças, ao vento das paixões,
Erguer-se retumbante a voz das multidões!
Quero sentir, Senhor, que o fogo de teu genio
Abrasa-lhes as fibras, do mundo no proscenio,
E sabem responder do despota á vontade:
— Aqui finda teu mando o surge a liberdade!

Aos mares e aos desertos, aos povos e ás féras
Déste uma lei sómente nas primitivas éras:
O Genesis dos orbes teve por lettra prima
O emblema da igualdade que a independencia arrima.
A luz sacode as sombras e abraça a immensidade,
Os escarcéos resistem ao horror da tempestade;
Mas ai! Senhor, os homens na mais formosa plaga
Parece que affeiçoão-se ao jugo que os esmaga!
Quando ouvirei nas praças, ao vento das paixões,
Erguer-se retumbante a voz das multidões?

Espanta-me a tormenta que as arvores derriba :
Mas o tufão que passa e a cerração fustiga
E util e propicio, porque descobre os montes
E deixa que eu comtemple os vastos horizontes,
Onde ao clarão suave de um sol brilhante e puro
Ostenta-se formosa a imagem do futuro !...
A raça entorpecida á sombra se acostuma
E nada enxerga alem da condensada bruma !...
Venha o tufão bemdito, e, ao vento das paixões,
Quero escutar nas praças a voz das multidões !

A escravidão não cinge-se unicamente aos ferros !...
Ha uma inda mais negra, a escravidão dos erros !
Para privar-se ao pobre que seu caminho veja
Oh ! não, não é preciso que elle atulhado seja ;
Basta roubar-lhe a luz, e o misero nas sombras
Se atirará da margem nas humidas alfombras !
Oh ! mão peior mil vezes !... trazei-lhe a claridade ;
Si o trilho está coberto, abre outro a liberdade !
Quando ouvirei nas praças, ao vento das paixões
Erguer-se retumbante a voz das multidões ?

EM TODA A PARTE

Quando alta noite as florestas,
Ao soprar das ventanias,
Tenebrosas agonias
Trahem nas vozes funestas,
Quando as torrentes bravejão,
Quando os coriscos rastejão
Na espuma dos escarcéos...
Então a passos incertos
Procuro os amplos desertos
Para escutar-te, meu Deos!
Quando na face dos mares
Espelha-se o rei dos astros,
Cobrindo de ardentes rastros
Os ceruleos alcaçares,
E a luz domina os espaços
Partindo da nevoa os laços,
Rasgando da sombra os véos...
Então resoluto, ufano,
Corro ás praias do oceano
Para mirar-te, meu Deos!
Quando ás bafagens do estio
Tremem os pomos dourados,
Sobre os galhos pendurados
Do pomar fresco e sombrio,
Quando á flôr d'agua os peixinhos
Saltitão, e os passarinhos
Se cruzão no azul dos céos,

Então procuro as savanas,
Me atiro entre as verdes canas
Para sentir-te, meu Deos!
Quando a tristeza desdobra
Seu manto escuro em minh'alma,
E vejo que nem a calma
Desfructo que aos outros sobra,
E do passado no templo
Lettra por lettra contemplo
A nenia dos sonhos meus...
Então me afundo na essencia
De minha propria existencia
Para entender-te, meu Deos!

Li- 9-2-93
Serrilio Lobo

A UM ENGEITADO

Como a semente cahida
Sobre um ingrato terreno,
Nasci;
E pobre planta esquecida,
Sem viraçōes, sem sereno
Cresci!

O meu primeiro momento
Foi um momento maldito,
Bem sei;
Filho do vicio cruento,
Sempre a nodoa de prescito
Terei!

De um porvir almo e dourado
Aquece as humanas frontes
A luz;
Mas, triste ser malfadado,
Só vejo nos horizontes
A Cruz!

Li-9-2-88

NO ERMO

Salve! erguidas cordilheiras,
Brenhas, rochas altaneiras,
D'onde as alvas cachoeiras
Se arrojão troando os ares!
Folhas que rangem cahindo,
Féras que passão rugindo,
Genios que dormem sorrindo
No fresco chão dos palmares!

Salve! florestas sombrias,
Onde as rijas ventanias
Acordão mil harmonias
Na doce quadra estival!
Rôlas gentis que suspirão,
Louras abelhas que gyrão
Sobre as flores que transpirão
No seio do taquaral!

Salve! esplendida espessura,
Mares de sombra e verdura
D'onde a briza etherea e pura
Faz brotar a inspiração,
Quando á luz dos vagalumes,
Da mariposa aos cardumes
Se casão molles queixumes
Dos filhos da solidão!

Ah! que eu não possa me afastar das turbas,
Curar a febre que meu ser consome,
E entre alegrias me atirar cantando
Nas seccas folhas do sertão sem nome...

Ah! que eu não possa desprender aos ermos
O fogo ardente que meu craneo encerra,
Gastar os dias entre Deos e os genios
Nas mattas virgens da cabralia terra!

Eu não detesto nem maldigo a vida,
Nem do despeito me remorde a chaga;
Mas ai! sou pobre, pequenino e debil,
E sobre a estrada o viajor me esmaga!

Fere-me os olhos o clarão do mundo,
Rasgão-me o seio prematuras dôres,
E á mágoa insana que me enluta as noites
Declino á campa na estação das flores!

E ha tanto encanto nos desertos vastos,
Tanta belleza do sertão na sombra,
Tanta harmonia no correr do rio,
Tanta doçura na campestre alfombra,

Que inda pudera se alentar de novo
E entre delicias fluctuar minh' alma,
Fanada planta que mendiga apenas
O orvalho, a noite, a viração e a calma!

Abre-me os braços, ó fada,
Fada do ermo profundo,

Onde o bulicio do mundo
Não ousa siquer bater!
Oh! quero tudo esquecer,
Tudo o que aos homens seduz,
Beber uma nova vida
E a fronte elevar ungida
De santas crenças á luz!
Gloria, futuro... o que valem
Futuro e glorias de pó...

Sem gratos sonhos que embalem
O triste descrido e só?
De que serve o ouro, a fama,
Um nome — pallida chamma! —
Quando á noite junto á cama
Só ha martyrios e dôres?
Quando a aurora é sem bellezas,
Cheias de espinho as devezas,
E a tarde só tem tristezas
Em vez de cantos e flôres!

Li - 9-2-93
Servilio Soares

VOZES NO AR

Basta de luz, Senhor! Senhor, basta de afagos!
Minhas retinas frageis se cansão de esplendores!
E o fogo que me assopras sobre as espaduas nuas
Desperta-me nas veias freneticos ardores!

Ah! sou tão nova ainda que sinto-me exaltada
Das selvas verde-escuras ao caloroso effluvio,
E busco envergonhada nas solidões sem termos
Meu manto inda molhado das aguas do diluvio.

Tenho no seio a vida e a liberdade n'alma;
Aponta-me o caminho por onde devo andar;
Irei onde os condores seus ninhos pendurarão?
Ou bem onde desdobra seus vagalhões o mar?

Nas aguas do Amazonas mirei meu rosto altivo
No Prata transparente banhei meus lindos pés;
Ungi os meus cabellos do aroma da baunilha,
Das palmas do coqueiro cobri minha nudez.

Tenho cascatas de ouro, abysmos de diamantes,
Riquezas para um mundo... si me aprouver comprar;
Mas sinto-me indecisa, quero avançar, vacillo,
Oh! mostra-me o caminho por onde devo andar!

Li-9-2-93

Serrinha Soares

COLMAL

PARAPHRASE OSSIANICA

Como é sentido o canto que murmuras,
Ó genio dos rochedos solitarios!
Assemelha-se á queixa dos arroios
Entre a relva macia e vigorosa
Dos valles florecidos. Muitas vezes
No silencio da noite hei despertado
Procurando nas sombras, como outr'ora
Da mocidade nos risonhos dias,
Minha lança esquecida; e no emtanto
Sinto meu braço recahir sem força
E choro amargamente a sós co'migo.
Recusarás acaso, ó grato genio,
Prestar ouvido aos canticos de Ossian?
A inspiração rebenta-me na fronte
Á lembrança das glorias do passado;
Minh'alma se illumina, e mais formosos
Brotão os sonhos da primeira idade,
Como as flores do campo á luz d'aurora
Quando foge a tormenta, e a noite escura
Corre aos raios do sol que o espaço inundão!

Não vês suspenso á cabeceira de Ossian
Aquelle antigo escudo? seus relevos

Estão gastos á força de combates,
Seu brilho está perdido, e no emtanto
É o escudo do celebre Duntalmo.
Ó genio dos rochedos solitarios,
Escuta a voz prophetica dos tempos!
Era Ramor de Clutha illustre chefe;
Em seu palacio o fraco descansava
Sem receio dos fortes; o estrangeiro
Jámais achou fechada a vasta porta
D'essa morada hospitaleira e rica.
Um dia appareceu Duntalmo o fero
E convidou Ramor para o combate;
O guerreiro aceitou, porém na luta
Duntalmo foi vencido. Dominado
Por um odio fatal, passados tempos,
Voltou Duntalmo, e, collocado á frente
De numerosa tropa, ás horas mortas
Assassinou Ramor em seu palacio.

Filhos do morto, na mais tenra idade,
Colmar e Calthon descuidosos entrão
Na triste habitação, e, contemplando
Sobre a terra atirado, envolto em sangue,
O cadaver paterno, as frontes unem,
E seus prantos confundem abraçados.

Ás lagrimas doridas que derramão,
Aos suspiros sentidos que desprendem,
O coração cruento de Duntalmo
Abranda-se e commove-se; de prompto
Manda levar as miseras crianças
A seu palacio esplendido de Alteutha.

Sob o tecto opulento do inimigo
Os filhos de Ramor forão crescendo;

Já na presença do feroz guerreiro
Entesavão seus arcos, junto d'elle
Já combatião destemidos, fortes.

Virão cobertos de espinhosas plantas
Da morada paterna os altos muros;
E junto da lareira o verde limo,
Sob as azas de funebre silencio,
Estender-se e ganhar os aposentos;
E chorárão sózinhos nas montanhas,
E o pezar que sentião transudava
Das faces juvenis. Duntalmo em breve
Percebeu-lhes a dôr, e, receiando
Que elles a morte de seu pai vingassem,
Os prendeu em dous antros pavorosos
Do Teutha escuro nas desertas margens.

Jámais a luz do sol transposto havia
D'estas cavernas humidas as bordas,
Jámais da lua os somnolentos raios
Tinhão beijado os funebres recantos
D'estas negras prisões onde os mancebos
Entre sombras espessas soluçavão.

A filha de Duntalmo, airosa e linda,
Virgem de olhos azues, louros cabellos,
Chorava no silencio a desventura
De Calthon que prendêra-lhe a vontade
De ardente amor nos laços feiticeiros.
Uma noite ella ergueu-se resoluta,
A formosa Colmal, reveste de aço
Seu corpo seductor, agarra a espada
Que a defunto guerreiro pertencêra,
E, transpondo a prisão do desditoso,
Quebra-lhe os ferros, mostra-lhe a passagem.

— Oh! filho de Ramor, a noite é negra,
Levanta-te e caminha! O rei de Selma
Asylo nos dará; meu pai outr'ora
Na casa de teu pai asylo achára:
Vem pois co'migo, de Langal sou filho.

E Calthon diz a medo: — Oh! voz suave,
D'onde vens tu? Do cimo dos outeiros,
Ou do seio das nuvens encantadas?
Muitas vezes sonhando enxergo as sombras
Queridas de meus pais entre as profundas
Trevas espessas que meu corpo envolvem!
Serás o filho de Langal? Outr'ora
No palacio de Clutha eu vi sentado
Esse illustre guerreiro!... Tu me chamas,
Oh! mas não posso abandonar nos ferros
Meu irmão infeliz, seria infame!
Dá-me uma lança, voarei de prompto,
Partirei seus grilhões e iremos juntos.

— Guerreiros mil, responde-lhe a donzella,
Guardão Colmar. Que poderás sózinho
Contra força tão grande? Vem, fujamos,
Corramos a Morvem, seu rei piedoso
De teus males ouvindo a triste historia
Virá salvar Colmar. Da noite as sombras
Aos poucos vão fugindo, e na planicie
Verá Duntalmo de teus pés os traços,
E morrerás na flôr da juventude.
Vem, não receies, inda é tempo. O moço
Suspirando levanta-se; á lembrança
Do irmão infeliz, rios de pranto
Escapão-lhe dos olhos. O caminho
Que vai dar a Morvem ligeiros trilhão.

O capacete escuro a face occulta
Da formosa Colmal ; seu branco seio
O ar da noite a longos tragos bebe
Sob a lisa armadura que o comprime.

No palacio de Selma, entrando á volta
Da caça turbulenta, os dous mancebos
Fingal encontra ; as desventuras ouve
Que o filho de Ramor lhe conta, e volve
Seus olhares á tropa que o circumda.
Mil guerreiros levantão-se e reclamão
A honra de levar a guerra a Teutha.

E tambem eu parti. Sobre a planicie
Nossos bravos marchavão semelhantes
Ás vagas do Oceano : os dous mancebos
Ião perto de mim. Logo Duntalmo
Nossa chegada prevenindo ajunta
No topo da collina os seus guerreiros.

A torrente de Teutha bravejava
Orgulhosa a seus pés. Um bardo envio
A convidar Duntalmo para a luta
No meio da planicie : um rir de mofa
Foi a resposta do soberbo chefe.
O turbilhão de seus guerreiros move-se
No topo da collina, semelhante
Á nuvem negra que o tufão sacode
E desdobra no céo. Duntalmo ordena
Que o misero Colmar trazido seja
A margem da torrente, e enfurecido
Embebe-lhe no seio a ferrea lança.

O desditoso cahe, rola por terra
Torcendo-se no sangue. Hallucinado
Calthon se arroja da torrente ao meio ;
Eu vibro a minha espada, e ao lado opposto
Atiro-me das aguas. O inimigo
De mais a mais fraquêa a nossos golpes,
Mas a noite destende sobre a terra
Seu manto tenebroso e nos separa.

Duntalmo se retira para o centro
De uma antiga floresta, acceso em raiva
Contra o mancebo cujo ardor guerreiro
Não pudera extinguir. Calthon sentado
A sombra de um pinheiro pranteava
Seu irmão infeliz tão cedo morto.
Vai alta noite, as sombras e o silencio
Estendem-se no plaino ; os combatentes
Mal resistem ao somno, mas ainda
Aos ouvidos de Calthon rumoreja
A torrente de Teutha, e a triste sombra
Do misero Colmar ante seus olhos
Levanta-se funerea, ensanguentada,
E com sinistra voz assim lhe falla :
« Ergue-te, Calthon, antes que a alvorada
Appareça no céo, vinga a desgraça
De teu pobre Colmar! Duntalmo, o féro,
Irá seus restos insultar nas trevas! »

Assim dizendo a sombra se esvaece.

A taes palavras Calthon se levanta
E parte como um raio ; ignota chamma

Incende-lhe os olhares ; a tormenta
Convulsa-lhe no seio. Os inimigos
Estremecem de horror ; porém, passados
Os primeiros instantes, se condensão,
Apertão-se ao redor do combatente,
Prendem-n'o em breve e levão-n'o á presença
Do cruento Duntalmo. Alegres brados
Elevão-se nos ares, as collinas
Repetem-n'os da noite no silencio.

Despertei assustado a taes rumores :
Tomo da lança que a meu lado estava,
Chamo os guerreiros. Mais funesto e horrivel
Que a propria morte meu valor se torna !

Não era assim que outr'ora se batião,
Oh ! filhos de Morvem, nossos maiores !
Quando de volta Fingal divisar-nos
Sem ter vencido os féros inimigos,
Que lhe diremos nós ? Eia, guerreiros !
Preparai vossas armas e segui-me !
Sobre as ondas do Teutha a madrugada
Começava a lançar seus brandos lumes...
Colmal acompanhava-nos chorando,
Das mãos imbelles lhe escapou trez vezes
A lança que levava. Esta fraqueza
Incitou minha colera : « Mancebo
Covarde e pusillanime, lhe eu disse,
Por acaso os guerreiros d'esta terra
Combatem soluçando ? Segue as corças
E os rebanhos que pascem junto ao Teutha
E deixa as armas, deixa-as aos valentes ! »

Assim dizendo, arranco-lhe do corpo
A lustrosa armadura, e um branco seio,

Um seio de mulher, alvo e formoso,
Descoberto apparece ! A minha lança
Escapa-me das mãos, abaixo a fronte,
E desprendo um suspiro amargurado.

Tudo entendi ! O grito do combate
Soltei de novo ! Ó genio dos rochedos.
O' genio dos rochedos solitarios !
Porque do velho bardo a voz já rouca
Treme de relatar como morrerão
Os guerreiros de Teutha ? Hoje repousão
Em seus proprios paizes olvidados,
E o viajante buscaria embalde
Seus tumulos nas sarças escondidos !
Apenas o lugar onde Duntalmo
Cahio aos golpes de Ossian, e o jazigo
Onde o somno sem fim ha muito dorme,
Aos fulgores da lua inda branquêão !
Tudo mais a tormenta ha dissipado !

Preso ao tronco rugoso de um carvalho
Calthon achei, cortei-lhe as duras cordas,
E da bella Colmal nos lindos braços
Atirou-se feliz. Junto de Teutha
Uma rica morada levantárão,
E Ossian, radiante da victoria,
Ás terras de Morvem voltou de novo.

Li - 9-2-93
Serrito Soares

IRA DE SAUL

FRAGMENTO

A noite desce. Os furacões de Assur
Passão dobrando os galhos á videira,
Todos os plainos de Salisa e Sur
Perdem-se ao longe em nuvens de poeira.

Minh'alma se exacerba. O fel d'Arabia
Coalha-se todo n'este peito agora:
Oh! nenhum mago da Chaldéa sábia
A dôr abrandará que me devora!

Nenhum! Não vem da terra, não tem nome,
Só eu conheço tão profundo mal,
Que lavra como a chamma e que consome
A alma e o corpo no calor fatal!

Maldição! Maldição! Eil-o que vem!
Oh! mais não posso! A ira me quebranta!...
Toma tu'harpa, filho de Belem,
Toma tu'harpa sonorosa e canta!

Canta, louro mancebo! O som que acordas
É doce como as auras do Cedron,

Lembra-me o arroio de florentes bordas
Junto á minha romeira de Magron.

Lembra-me a vista do Carmelo, as tendas
Brancas sobre as encostas de Ephraim,
E pouco a pouco apagão-se as tremendas
Furias do genio que me opprime assim!

Li- 9-2-93
S. Soares

VERSOS SOLTOS

AO GENERAL JUAREZ

Juarez! Juarez! Quando as idades,
Fachos de luz que a tyrannia espancão,
Passarem desvendando sobre a terra
As verdades que a sombra escurecia;
Quando soar no firmamento esplendido
O julgamente eterno;
Então banhado no prestigio santo
Das tradições que as epopeas crêão,
Grande como um mysterio do passado,
Será teu nome a magica palavra
Que o mundo fallará lembrando as glorias
Da raça Mexicana!
Quem se atreve a medir-te face á face?
Quem teu vôo acompanha nas alturas,
Condor soberbo que da luz nas ondas
Sacode o orvalho das possantes azas,
E lança um grito de desprezo infindo
Aos milhafres rasteiros?
Que destemido caçador dos ermos
Irá te captivar, ave sublime,
N'essas costas bravias e tremendas
Onde o Grande Oceano atira as vagas
E os vendavaes sem pêas atordôão
O espaço de rugidos?

Que sicario real, nas mattas virgens,
Amplas, sem marcos, sem baptismo e data
Te apanhará, jaguar das soledades?...
Ah! tu espreitas os volcões que dormem!
Quando a cratera encher-se, á luz vermelha
Rebentarás nas praças!
Trarás comtigo os raios da tormenta!
Da tormenta serás o sopro ardente!
Mas a tormenta passará de novo
E o golfo Mexicano illuminado
Reflectirá teu vulto gigantesco,
Ó aguia do porvir!

Teu nome está gravado nos desertos
Onde pés de mortal jámais pisárão!
Quando pudessem deslembral-o os homens,
As selvas despirião-se de folhas,
Para arrojal-as do tufão nas azas
A's multidões ingratas!
Como as de um livro immenso ellas compoem
Teu poema sublime, a pluma eterna
Do invisivel destino, e não rasteira,
Misera penna de mundano bardo,
N'ellas traçou as indeleveis cifras
De teu nome immortal!
Os pastores de Puebla e de Xalisco,
As morenas donzellas de Bergara
Cantão teus feitos junto ao lar tranquillo
Nas noites perfumadas e risonhas
Da terra Americana. Os viajantes,
Que os desertos percorrem, pensativos
Parão no cimo das erguidas serras,
Medem co' a vista o descampado immenso,
E murmurão fitando os horizontes
Vastos, perdidos n'um lençol de nevoas:

Juarez! Juarez! em toda a parte
Teu espirito vaga! ..

Fallão de ti as fontes e as montanhas,
As hervinhas do campo e os passarinhos
Que, abrindo as azas no azulado céo,
Como um bando de sonhos esvoação.
Mas esse nome que ameniza o canto
Do torvo montanhez, e mais suave
Que um suspiro de amor, parte dos labios
Da virgem sonhadora das campinas,
Faz tremer o tyranno que repousa
Nos macios coxins de leito de ouro,
Como o brado do archanjo no infinito
Ao fenecer dos mundos!

Deixa que as turbas de terror escravas
Junto do falso throno se ajoelhem!
Os brindes e os folguedos continuão...
Mas a mão invisivel do destino
Na sala do banquete austera escreve
O aresto irrevogavel!

L. 1- 9-2-98
J. Soares

SETE DE SETEMBRO

Quando o genio de Deos em santo arrojo
atendo as sombras atirou no espaço
A hyperbole da luz,
E á materia disforme que boiava
Sem destino e sem rumo abrio a senda
Que á perfeição conduz;

Os cherubins calárão-se escutando
A ode universal que retumbava
Aos pés do Creador;
E a natureza virgem dilatou-se,
E os mundos abalárão-se rugindo:
— Somos livres, Senhor!

As gerações erguêrão-se no tempo:
De cada idéa levantou-se um povo,
De cada povo a lei!...
As éras succedêrão-se confusas;
Mas o canto divino orientava
Das multidões a grei.

E ora entre nevoas, ora entre fulgores,
Como a lua formosa em céo nublado,
A liberdade andava,
E a cada passo a transfuga celeste

Um rasto immenso de grilhões partidos
Como o raio deixava!...

Mas tu, risonha plaga Americana,
Ilha de amor nos mares do mysterio,
Dormias a sorrir,
Tão linda como o cysne de alvas pennas,
Tão pura como a virgem balouçada
Nos sonhos do porvir!

Do vulto horrendo do voraz abutre
A sombra intensa não toldou-te as faces,
Nem manchou-te, é mentira!
Anjo de azas de luz! não foste escrava!
Criança! inda era cedo, o canto eterno
Dormia-te na lyra!

Dormia! mas o halito de Deos
Rugia-te nas fibras, inflammado
Como um volcão no mar!
As nações esperavão-te anciosas,
E no forum dos povos avultava
Vazio o teu lugar!

Appareceste emfim, mas não liberta,
Que nunca foste escrava, apenas debil,
Sem forças, vacillante;
Si assim não é, onde estarão teus ferros?
Onde o pó das prisões que derribaste?
Onde o jugo infamante?

É n'este altar de esplendido futuro,
Berço de outr'ora, throno do presente,

Que beijamos-te as plantas,
E ao perfume do incenso, ao som dos hymnos,
Adoramos em ti da liberdade
As glorias sacrosantas.

Filha augusta de Deos ! Rosa banhada
Da Redempção nas lagrimas ardentes !
Mãi das raças oppressas !
Pomba sagrada que rompendo as nuvens
Trazes ao lenho errante o verde ramo
Ungido de promessas;

Liberdade gentil, mil vezes salve !
Salve ! sem pêas devassando os ares,
Espancando os bulcões !
Salve ! nos paços de opulentos satrapas !
Salve ! na choça humilde do operario !
Salve até nas prisões !

Li- 9-2-93
S. Soares

NOITE SAUDOSA

SERENATA

POSTA EM MUSICA PELO DISTINCTO COMPOSITOR ACADEMICO
O SENHOR V. J. GOMES DA COSTA.

Ah! como brilhas
No céo azul,
Dourando os serros,
Astro do Sul!

Quanta tristeza,
Quanta saudade
No seio expandes
Da soledade!

Ah! não, não fujas,
Não mais te escondas
Da nevoa errante
Nas brancas ondas!

Vê como as aves
Adormecidas
Soltão sonhando
Queixas sentidas.

Vê como as selvas,
O prado, as flôres
N'um só abraço
Tremem de amores.

Na sombra o rio
Chora e desmaia;
Mortas as vagas
Gemem na praia...

Ah! fica, fica
No céo azul,
Não mais te afastes,
Astro do Sul!...

A luz que vertes
Da patria falla,
E a dôr abranda
Que o seio rala!...

Li. 9-2-93
J. Soares

CANTOS MERIDIONAES

ORAÇÃO

Oh! virgem das esphéras sempiternas!
Oh! meu anjo da guarda! Oh! minha musa!
Minha esposa immortal!
Bate as trevas que enlutão meu caminho,
Proteje na jornada deste mundo
Minh'alma tua igual!

Nos loiros dias da risonha infancia
Desdobraste sobre ella as vastas azas
Gottejantes de luz...
Dá-me hoje alento que meu ser fraqueia,
Enxuga-me os suores do supplicio,
Conforta-me na cruz!

Eu vejo ao longe as sombras que se enrolão,
O raio que flammeja, ruge e passa
Das nuvens através;
Meu seio é todo angustias, a tristeza,
Como a bôa voraz, me arrocha os membros
Em seus rijos anneis!

Sacode as plumas, anjo do infinito,
Pisa os vermes do chão e os corvos negros
Que folgão junto a mim!
Não consintas que o espirito das trevas

Se assente nos debruns de teu vestido
E faça seu festim!

A tormenta do céo sacode as plantas,
Fustiga das montanhas o costado
Tremenda em seu furor!
Mas os ventos da intriga e da calumnia
Não deixão nos arbustos que açoitárão
Nem sombra de uma flor!

Elles passárão crebros e cruentos
Sobre minha cabeça inda aquecida
Da mocidade ao sol!
Na estação do prazer, eis-me sentado
Do mar da vida nas bravias costas,
Sem lume, sem pharol!

Eu quero andar! Eu sei que no futuro
Inda ha rosas de amor, inda ha perfumes,
Ha sonhos de encantar!
Não, eu não sou daquelles que a descrença
Para sempre curvou, e sobre a cinza
Debrução-se a chorar!

Lança um raio de luz em meu caminho,
Proteje na jornada deste mundo
Minh'alma tua igual,
Oh! virgem das espheras sempiternas!
Oh! meu anjo da guarda! Oh! minha musa!
Minha esposa immortal!

L.-9-2-93

O ESCRAVO

AO SR.

THOMAZ DE AQUINO BORGES

Dorme! Bemdito o archanjo tenebroso
Cujo dedo immortal
Gravou-te sobre a testa bronzeada
O sigillo fatal!
Dorme! Si a terra devorou sedenta
De teu rosto o suor,
Mãi compassiva agora te agasalha
Com zelo e com amor.

Ninguem te disse o adeus da despedida,
Ninguem por ti chorou!
Embora! A humanidade em teu sudario
Os olhos enxugou!
A verdade luzio por um momento
De teus irmãos á grei:
Si vivo foste escravo, és morto... livre
Pela suprema lei!

Tu suspiraste como o hebreu captivo
Saudoso do Jordão,

Pesado achaste o ferro da revolta,
Não o quizeste, não!
Lançaste-o sobre a terra inconsciente
De teu proprio poder!
Contra o direito, contra a natureza,
Preferiste morrer!

Do augusto condemnado as leis são santas,
São leis porém de amor:
Por amor de ti mesmo e dos mais homens
Preciso era o valor...
Não o tiveste! Os ferros e os açoites
Matárão-te a razão!
Dobrado captiveiro! A teus algozes
Dobrada punição!

Porque nos teus momentos de supplicio,
De agonia e de dôr,
Não chamaste das terras Africanas
O vento assolador?
Elle traria a força e a persistencia
A' tu alma sem fé,
Nos rugidos dos tigres de Benguella,
Dos leões de Guiné!...

Elle traria o fogo dos desertos,
O sol dos areaes,
A voz de teus irmãos viril e forte,
O brado de teus pais!
Elle te sopraria ás molles fibras
A raiva do suão
Quando agitando as crinas inflammadas
Fustiga a solidão!

Então ergueras resoluto a fronte,
E, grande em teu valor,
Mostráras que em teu seio inda vibrava
A voz do Creador!
Mostraras que das sombras do martyrio
Tambem rebenta a luz!
Oh! teus grilhões serião tão sublimes,
Tão santos como a cruz!

Mas morreste sem luctas, sem protestos,
Sem um grito siquer!
Como a ovelha no altar, como a criança
No ventre da mulher!
Morreste sem mostrar que tinhas n'alma
Uma chispa do céo!
Como si um crime sobre ti pesasse!
Como se fôras réo!

Sem defesa, sem preces, sem lamentos,
Sem cyrios, sem caixão,
Passaste da senzala ao cemiterio!
Do lixo á podridão!
Tua essencia immortal onde é que estava?
Onde as leis do Senhor?
Digão-n'o o tronco, o latego, as algemas
E as ordens do feitor!

Digão-n'o as ambições desenfreadas,
A cobiça fatal,
Que a eternidade arvorão nos limites
De um circulo mortal!
Digão-n'o o luxo, as pompas e grandezas,
Lacaios e brazões,

Thesouros sobre o sangue amontoados,
Paços sobre volcões!

Digão-n'o as almas vis das prostitutas,
O lodo e o setim,
O demonio do jogo, a febre accesa
Em ondas de rubim!...
E no emtanto tinhas um destino,
Uma vida, um porvir,
Um quinhão de prazeres e venturas
Sobre a terra a fruir!

Eras o mesmo ser, a mesma essencia
Que teu barbaro algoz;
Forão seus dias de rosada seda,
Os teus de atro retroz!...
Patria, familia, idéas, esperanças,
Crenças, religião,
Tudo matou-te, em flôr no intimo d'alma,
O dedo da oppressão!

Tudo, tudo abateu sem dó, nem pena!
Tudo, tudo, meu Deos!
E teu olhar á lama condemnado
Esqueceu-se dos céos!...
Dorme! Bemdito o archanjo tenebroso
Cuja cifra immortal,
Sellando-te o sepulchro, abrio-te os olhos
A' luz universal!

Li 9-2-93

A CIDADE

A MEU PREDILECTO AMIGO O SR. DR. BETOLDI

A cidade alli está com seus enganos,
Seu cortejo de vicios e trahições,
Seus vastos templos, seus bazares amplos,
Seus ricos paços, seus bordeis salões.

A cidade alli está: sobre seu tectos
Paira dos arsenaes o fumo espesso,
Rolão nas ruas da vaidade os coches
E ri-se o crime á sombra do progresso.

A cidade alli está: sob os alpendres
Dorme o mendigo ao sol do meio dia,
Chora a viuva em humido tugurio,
Canta na cathedral a hypocrisia.

A cidade alli está: com ella o erro,
A perfidia, a mentira, a desventura...
Como é suave o aroma das florestas!
Como é doce das serras a frescura!

A cidade alli está: cada passante
Que se envolve das turbas no bulicio

Tem a maldade sobre a fronte escripta,
Tem na lingua o veneno e n'alma o vicio.

Não, não é na cidade que se formam
Os fortes corações, as crenças grandes,
Como tambem nos charcos das planicies
Não é que gera-se o condor dos Andes!

Não, não é na cidade que as virtudes,
As vocações eleitas resplandecem,
Flores de ar livre, á sombra das muralhas
Pendem cêdo a cabeça e amarellecem.

Quanta scena infernal sob essas telhas!
Quanto infantil vagido de agonia!
Quanto adulterio! Quanto escuro incesto!
Quanta infamia escondida á luz do dia!

Quanta atroz injustiça e quantos prantos!
Quanto drama fatal! Quantos pezares!
Quanta fronte celeste profanada!
Quanta virgem vendida aos lupanares!

Quanto talento desbotado e morto!
Quanto genio atirado a quem mais der!
Quanta affeição cortada! Quanta duvida
N'um carinho de mãi ou de mulher!

Eis a cidade! Alli a guerra, as trevas,
A lama, a podridão, a iniquidade;
Aqui o céo azul, as selvas virgens,
O ar, a luz, a vida, a liberdade!

Alli medonhos, sordidos alcouces,
Antros de perdição, covis escuros,
Onde ao clarão de baços candieiros
Passão da noite os lemures impuros;

E abalroão-se as mumias coroadas,
Corpos de lepra e de infecção cobertos,
Em cujos membros mordem-se raivosos
Os vermes pelas sedas encobertos!

Aqui verdes campinas, altos montes,
Regatos de crystal, mattas viçosas,
Borboletas azuês, loiras abelhas,
Hymnos de amor, canções melodiosas.

Alli a honra e o merito esquecidos,
Mortas as crenças, mortos os affectos,
Os lares sem legenda, a musa exposta
Aos dentes vis de perros abjectos!

Presa a virtude ao cofre dos banqueiros,
A lei de Deos entregue aos histriões!
Em cada rosto o sello do egoismo,
Em cada peito um mundo de trahições!

Depois o jogo, a embriaguez, o roubo,
A febre nos ladrilhos do prostibulo,
O hospital, a prisão.... Por desenredo
A imagem pavorosa do patibulo!

Eis a cidade!... Aqui a paz constante,
Serena a consciencia, alegre a vida,

Formoso o dia, a noite sem remorsos,
Prodiga a terra, nossa mãi querida!

Salve, florestas virgens! Rudes serras!
Templos da immorredoura liberdade!
Salve! Tres vezes salve! Em teus asylos
Sinto-me grande, vejo a divindade!

Li-9-2-93

D. de Sousa

O CAVALLO

Corre, vôa, transpõe os outeiros,
Corta os charcos de sombra cobertos,
Quebra as pedras, escarva as planicies,
Vinga os serros, devora os desertos !

Vamos, meu cavallo branco,
Minha neblina veloz,
Deixemos campos e prados,
Sarças, brejos e vallados,
Ermos, villas, povoados,
E os homens, atrás de nós!

Vamos, vamos, busquemos as terras
Onde habitão meus doudos amores,
Onde espera por mim, anciosa,
A mais languida flôr, entre as flôres.

Onde tudo é liberdade,
Vida, calôr, gozo e luz;
Onde as placidas campinas
Regorgitão de boninas
Ás caricias peregrinas
De um sol que sempre reluz!

Bebe a plenos pulmões as bafagens
Desta noite sombria, mas pura;
Deixa as feras rugirem no mato,
Deixa o insecto chilrar na espessura!

Deixa que gema nas rochas
O mocho embusteiro e vil,
Que as cobras no chão rastejem,
Que os fogos fatuos doudejem,
Que as feiticeiras praguejem,
Que pulem demonios mil!

Não és tu destemido e valente?
Não palpitas de seiva e de vida?
Tantas vezes por brenhas e gandras
Não venceste o tufão na corrida?

Bem poucos homens, bem poucos
Te igualão, nobre animal!
Raros na vivacidade...
Talvez alguns na amizade,
Mas nenhum na lealdade!
Na intrepidez natural!

Como rasgas as trevas garboso!
Ah! como ellas te lambem as ancas!
Como aos ventos sacódes ousado
Essas crinas espessas e brancas!

A teus pés saltão scentelhas,
Rebentão rubros fuzis,

E os festões das amoreiras
E as selvagens trepadeiras
Curvão-se humildes, rasteiras,
Beijão-te os cascos, servis.

Mil figuras estranhas te espreitão,
Convulsivas, na margem da estrada,
Depois fogem silvando, e se escondem
No remanso da matta cerrada.

Mil muralhas, mil columnas,
Mil orgulhosos frontaes,
Mil capiteis trabalhosos,
Fustes, pilares pomposos
Se levantão portentosos
A cada salto que dás!

Novos mundos parece que vejo,
Novo solo parece que pisas,
Novos cantos escuto no espaço,
Novas queixas nas azas das brizas!

Corre, meu bom companheiro,
Vôa, meu bravo corcel,
Somos livres como os ares,
As serras com seus palmares,
O sertão com seus jaguares,
Os astros com seu docel!

Corre, vôa, transpõe os outeiros,
Corta os charcos de sombra cobertos,
Quebra as pedras, escarva as planicies,
Vinga os serros, domina os desertos!

Li. 2-2-23
[illegible]

AO RIO DE JANEIRO

Adeus! Adeus! Nas cerrações perdida
Vejo-te apenas, Guanabara altiva,
Molle, indolente, á beira-mar sentada,
Sorrindo ás ondas em nudez lasciva.

Mimo das aguas, flôr do Novo Mundo,
Terra dos sonhos meus,
Recebe azinha no passar dos ventos
Meu derradeiro adeus!

A noite desce, os boqueirões de espuma
Rugem pejados de ferventes lumes,
E os loiros filhos do marinho imperio
Brotão do abysmo em festivaes cardumes

Sinistra voz envia-me aos ouvidos
Um cântico fatal!
Permitta o fado que a teu seio eu volte,
Oh! meu torrão natal!

Já no horizonte as plagas se confundem,
O céo e a terra abração-se discretos,
Leves os vultos das palmeiras tremem
Como as antennas de subtis insectos.

Agora o espaço, as sombras, as audade,
O pranto e a reflexão....
A alma entregue a si, Deos nas alturas....
Nos labios a oração!

Tristes idéas, pensamentos fundos
Nublão-me a fronte descahida e fria,
Como esses flocos de neblina errante
Que os serros vendão quando morre o dia.

Amanhã que verei? Talvez o porto,
Talvez o sol... não sei!
Brinco do fado, a dôr é minha essencia,
O acaso minha lei!...

Que importa! A patria do poeta o segue
Por toda a parte onde o conduz a sorte,
No mar, nos ermos, do ideal nos braços,
Respeita o sello imperial da morte!

Oceano profundo! Augusto emblema
Da vida universal!
Leva um adeus ainda ás alvas praias
De meu torrão natal.

Li - 8-2-93
S. Soares

A MORTE

Tu não me curvarás sem resistencia,
Divindade cruel!
Tu não me abaterás impunemente
A cabeça revel!

Pódes chegar, não temo-te : aos escravos
Voto extremo desdem!
Eis a materia... Queres que te adore?
Vê si passas além!

Misera! A essencia eterna, immaculada,
Insulta-te o poder!
Realeza de cinza e de poeira!
Triste escarneo do ser!

Do cadaver á face apenas gravas
Teu gélido signal,
E já de novo o anima em formas novas
A vida universal!

Tu nada pódes! Teu dominio louco,
Teu reinado fallaz,
Em vez do nada ao peregrino apontão
As glorias immortaes!

E devo então temer-te! Vem, que importa
Teu pavoroso rir,
Si além da cova impura ardentes brilhão
Os astros do porvir?

Porem não, mentem os homens
Quando te pintão tão má!
Sentada entre brancos ossos,
Contando os escuros fossos
Do valle de Josaphat!

Quando te colmão de horrores,
E em doida exageração
Dizem-te negra, sombria,
Nua, deslavada e fria,
Coberta de podridão!

Mentem, sim? As dôres fundas,
Os estertores fataes,
As horas lentas, tardias,
As cruentas agonias,
Não és tu, anjo, que dás!

São as luctas da materia,
São da carne as convulsões,
São insensatos esforços,
São as settas dos remorsos,
São as furias das paixões!

Mas não tu! Oh! quantas vezes
Em subito despertar,
Tenho-te visto fagueira

De meu leito á cabeceira,
Fitar-me um divino olhar!

Quantas vezes alta noite
Nos delirios do festim
Fallas-me baixo aos ouvidos,
Me envolves em teus vestidos
Todos de gaze e setim!

Quantas vezes sobre os labios
De uma adorada mulher
Meus labios incendiados
Em teus labios descorados
Repousão sem eu saber!....

Vem sem cortejo, vem sozinha, oh noiva
De meus ultimos dias!
Tu serás recebida como o archanjo
Em casa de Tobias!

Traze em teu seio o talisman da crença,
A paz sob teu véo....
Nós subiremos de vagar a escada
Que vai bater ao céo!

Mas quebra-me certeira o immundo vaso
Que occulta o eterno ser,
Quebra-o de um golpe, toma-me nos braços,
Não me deixes soffrer!

Na flôr dos annos conheci da vida
Toda a triste illusão,

Embora os homens meu porvir manchassem,
Não os detesto, não!

Embora o sopro ardente da calumnia
Crestasse os sonhos meus
Nunca descri do bem e da justiça,
Nunca descri de Deus!

Bemdicta sejas, virgem do infinito,
Anjo consolador,
Que a triste foragida creatura
Restitues ao Senhor!

Li - 9-2-93
S. Soares

NEVOAS

Na hora em que as nevoas se estendem nos ares,
Que choram nos mares as ondas azues,
E a lua cercada de pallida chamma
Nas selvas derrama seu pranto de luz...

Eu vi.... Maravilha! Prodigio ineffavel!
Um vulto adoravel, primor dos primores,
Sorrindo ás estrellas, no céo resvalando,
Nas vagas boiando de tenues vapores!

Nos membros divinos, mais alvos que a neve,
Que os astros, de leve, clareiam formosos,
Nas tranças doiradas, nos labios risonhos
Os genios e os sonhos brincavam medrosos!

Princeza das nevoas! Milagre das sombras!
Das roseas alfombras, dos paços sidéreos,
Acaso rolaste, dos anjos nos braços,
Dos vastos espaços aos mantos ethereos?

Os prantos do inverno congelam-te a fronte,
Os combros do monte se cobrem de brumas,
E quêda repousas n'um mar de neblina
Qual perola fina n'um leito de espumas!

Nas nuas espaduas, dos astros algentes,
O sopro não sentes raivoso passar?
Não vês que se esvaem miragens tão bellas?
A luz das estrellas não vês se apagar?

Ai! vem que nas nuvens te mata o desejo
De um fervido beijo gozares em vão!
Os astros sem alma se cançam de olhar-te,
Nem podem amar-te, celeste visão!

E as auras passavam e as nevoas tremiam,
E os genios corriam no espaço a cantar,
Mas ella dormia, gentil, peregrina,
Qual pallida ondina nas agoas do mar!

Estatua sublime, mas triste, sem vida,
Sem voz, envolvida no hiberneo sudario,
Verás, si me ouvires, trocado por flôres,
Por palmas de amores teu véo mortuario!

Ah! vem, vem minh'alma! Teus loiros cabellos!
Teus braços tão bellos, teus seios tão lindos,
Eu quero aquecel-os no peito incendido....
Contar-te ao ouvido meus sonhos infindos!

Assim eu fallava, nos amplos desertos,
Seguindo os incertos lampejos da luz,
Na hora em que as nevoas se estendem nos ares
E choram nos mares as ondas azues.

As brizas d'aurora ligeiras corriam,
As flôres sorriam nas verdes campinas,
Ergueram-se as aves do vento á bafagem,
E a pallida imagem desfez-se em neblinas!

Li. 9-2-99
L. Soares

O BAHIA

Sobre coxins de verdura,
Aos fogos do meio-dia,
Dorme a esplendida Bahia
Reclinada á beira-mar;
E, como servas humildes
Sustendo-lhe o regio arminho,
As vagas fallam baixinho
Medrosas de a dispertar.

Os ventos que a furto beijam
De seus vergeis as mangueiras
Vão perfumar cem bandeiras
Que ondeiam no céo azul;
E relatam maravilhas
Dessa perola do Norte,
Mais do que Carthago, forte,
Mais linda do que Stambul,

Estrangeiro que habitastes
Mil cidades de outros mares,
Ao mirar estes palmares,
O que sentistes, dizei?
O que sentistes pisando
Sobre o tapiz destas praias
Pomposas, como as alfaias
Do leito de um grande rei?

Ao contemplar estes montes
Ardentes de mocidade,
Por onde a dupla cidade
Se estende a seu bel prazer
E estas praças arrelvadas
E estas arvores erguidas
E estas rampas atrevidas
Que vão nas nuvens morrer...

Sentistes saudade acaso
Dos paizes que deixastes?
Dos povos que visitastes
Tivestes lembranças cá?
Oh! não, que a vossos olhares
Não mostrárão tal belleza
Roma, Napoles, Veneza,
Cantão, Pekim, Calcutá!

Mas ah! Vede, nesta patria
De heróes, de genios, de bravos,
Vestigios de pés escravos
Conspurcam tão nobre chão!
E, pelas noites tranquillas,
Aos echos das serenatas
Casam-se as vozes ingratas
Da mais cruenta oppressão!

Estas praças e mercados,
Estes vastos edificios
Não são por certo os indicios
De um povo calmo e feliz!
Não, que sobre essas riquezas
Fundadas sobre um delicto

Geme o direito proscripto,
Chora uma raça infeliz!

E ella dorme descuidosa,
Sem medo, a filha do Norte,
Entregue á misera sorte
Das outras dellas irmans;
Dorme, como as odaliscas
Nos palacios do Oriente,
Sob a guarda inconsciente
De comprados yatagans.

Bahia, terra das artes!
Terra do amor e da gloria!
Quão grande fôras na Historia
Quão grande com teus brazões.
Si á fronte não te luzissem
Aos diamantes misturados
Os prantos crystallizados
De captivas multidões!

L. 9-2-93

A FLORA DO MARCUJÁ'

Pelas rosas, pelos lyrios,
Pelas abelhas, sinhá,
Pelas notas mais chorosas
Do canto do sabiá,
Pelo calice de angustias
Da flor do maracujá!

Pelo jasmim, pelo goivo,
Pelo agreste manacá,
Pelas gottas de sereno
Nas folhas do gravatá,
Pela corôa de espinhos
Da flor do maracujá!

Pelas tranças da mãi d'agoa
Que junto da fonte está,
Pelos colibris que brincam
Nas alvas plumas do ubá,
Pelos cravos desenhados
Na flor do maracujá.

Pelas azues borboletas
Que descem do Panamá,
Pelos thesouros occultos
Nas minas do Sincorá,
Pelas chagas rouxeadas
Da flor do maracujá!

Pelo mar, pelo deserto,
Pelas montanhas, sinhá!
Pelas florestas immensas
Que fallam de Jehovah!
Pela lança ensanguentada
Da flor do maracujá!

Por tudo o que o céo revela,
Por tudo o que a terra dá
Eu te juro que minh'alma
De tua alma escrava está! !...
Guarda comtigo este emblema
Da flor do maracujá!

Não se enojem teus ouvidos
De tantas rimas em — a
Mas ouve meus juramentos,
Meus cantos ouve, sinhá!
Te peço pelos mysterios
Da flor do maracuiá! Li 9-2-93 L. Loanz

A SOMNAMBULA

Virgem de loiros cabellos
— Bellos, —
Como cadeias de amores,
Onde vás tão triste agora,
— Hora —
De tão sinistros horrores?

Sob nuvem lutulenta,
— Lenta —
Se esconde a pallida lua,
Na sombra os genios combatem,
— Batem —
Os ventos a rocha nua.

Noite medonna e funesta,
— Esta, —
Fundos mysterios encerra!
Não corras, olha, repara,
— Para, —
Escuta as vozes da serra!...

Dos furacões nas lufadas,
— Fadas -

Trahidoras passam nos ares!
Cruentos monstros te espiam!
— Piam —
As corujas nos palmares!

Bella doida, se soubesses
— Esses —
Esses gritos o que dizem,
Ah! por certo que me ouviras,
— Viras —
Que tredas coisas predizem!

Mas, infeliz, continuas!
— Nuas —
As tuas espaduas são!
E sob teus pés mofinos,
— Finos, —
Prendem-se as urzes do chão!

O orvalho teu rosto molha
— Olha —
Como branca e fria estás!
Virgem de loiros cabellos
— Bellos, —
Por Deus! conta-me onde vás!

Nestes hervaçáes sem termos,
— Ermos, —
Ninguem póde te acudir...
Toma sentido, socega,
— Céga! —
Vê, são horas de dormir!

Teus olhos gyram incertos,
— Certos —
Comtudo teus passos vão!
Teu ser, que a illusão persegue,
— Segue —
O impulso de occulta mão!

Ai! dormes! Talvez risonho
— Sonho —
Te chame a bailes brilhantes!
Talvez vozes que te encantam
— Cantam —
A teus ouvidos amantes!

Talvez teus ligeiros passos
— Paços —
Pisem d'oiro construidos!
Talvez quanto ha de perfume
— Fume —
Para agradar teus sentidos!

Mas ah! Na cabana agora
— Ora —
Tua pobre mãi por ti;
E teu pai alem divaga,
— Vaga, —
Sem saber que andas aqui!

Virgem de loiros cabellos
— Bellos, —

Como cadeias de amores,
Onde vás sozinha agora,
— Hora —
De tão sinistros horrores?

Li 9-2-23
S. Soares

A ROÇA

O balanço da rede, o bom fogo
Sob um tecto de humilde sapé;
A palestra, os lundus, a viola,
O cigarro, a modinha, o café;

Um robusto alazão, mais ligeiro
Do que o vento que vem do sertão,
Negras crinas, olhar de tormenta,
Pés que apenas rastejam no chão;

E depois um sorrir de roceira,
Meigos gestos, requebros de amor,
Seios nus, braços nus, tranças soltas,
Molles fallas, edade de flor;

Beijos dados sem medo ao ar livre,
Risos francos, alegres serões,
Mil brinquedos no campo ao sol posto,
Ao surgir da manhã mil canções :

Eis a vida nas vastas planicies
Ou nos montes da terra da Cruz:
Sobre o solo só flores e glorias,
Sob o céo só magia e só luz.

Bellos ermos, risonhos desertos,
Livres serras, extensos marneis,
Onde muge o novilho anafado,
Onde nitrem fogosos corceis...

Onde a infancia passei descuidoso,
Onde tantos idyllios sonhei,
Onde ao som dos pandeiros ruidosos
Tantas dansas da roça dansei...

Onde a viva e gentil mocidade
N'um continuo folgar consumi,
Como longe avultais no passado,
Como longe vos vejo d'aqui!

Si eu tivesse por livro as florestas,
Si eu tivesse por mestre a amplidão,
Por amigos as plantas e as aves,
Uma flecha e um cocar por brazão;

Não manchara minh'alma inspirada,
Não gastara meu proprio vigor,
Não cobrira de lama e de escarneos
Meus laureis de poeta e cantor!

Voto horror ás grandezas do mundo,
Mar coberto do horriveis parceis,
Vejo as pompas e galas da vida
De um sendal de poeira atraves.

Ah! nem creio na humana sciencia,
Triste acervo de enganos fataes,

O clarão do saber verdadeiro
Não fulgura aos olhares mortaes!

Mas um genio impiedoso me arrasta,
Me arremessa do vulgo ao vai-vem,
E eu soluço nas sombras olhando
Minhas serras queridas além!

Li - 9-2-95
A. Soares

A CREANÇA

É menos bella a aurora,
A neve é menos pura
Que uma creança loira
No berço adormecida!
Seus labios innocentes,
Meu Deus, inda respiram
Os languidos aromas
Das flores de outra vida!

O anjo de azas brancas
Que lhe protege o somno
Nem uma nodoa enxerga
Naquella alma divina!
Nunca sacode as plumas
Para voltar ás nuvens,
Nem triste afasta ao vel-a
A face peregrina!

No seio da creança
Não ha serpes occultas,
Nem perfido veneno,
Nem devorantes lumes.
Tudo é candura e festas!
Sua sublime essencia
Parece um vaso de oiro
Repleto de perfumes!

Mas ella cresce, os vicios
Os passos lhe acompanham,
Seu anjo de azas brancas
Pranteia ou torna ao céo.
O calice brilhante
Transborda de absintho,
E a vida corre envolta
N'um tenebroso véo!

Depois ella envelhece,
Fogem os roseos sonhos,
O astro da esperança
Do espaço azul se escôa...
Pende-lhe ao seio a fronte
Coberta de geadas,
E a mão rugosa e tremula
Levanta-se e abençoa!

Homens! O infante e o velho
São dois sagrados seres,
Um deixa o céo apenas,
O outro ao céo se volta,
Um cerra as azas debeis
E adora a divindade...
O outro a Deus adora
E as azas niveas solta!

Do cherubim que dorme
Na face alva e rosada
O traço existe ainda
Dos beijos dos anjinhos,
Assim como na fronte
Do velho brilha e fulge

A luz que do infinito
Aponta-lhe os caminhos!

Nestas inaustas éras,
Quando a familia humana
Quebra sem dó, sem crenças
O altar e o ataude,
Nos olhos da creança
Creiamos na innocencia,
E nos cabellos brancos
Saudemos a virtude!

Li - 9-2-93
S. Soares

EXPIAÇÃO

Quando cansado da vigilia insana
Declino a fronte n'um dormir profundo,
Porque teu nome vem ferir-me o ouvido,
Lembrar-me o tempo que passei no mundo?

Porque teu vulto se levanta airoso,
Ebrio de almejos de volupia infinda?
E as fórmas nuas, e offegante o peito,
No meu retiro vens tentar-me ainda?

Porque me fallas de venturas longas?
Porque me apontas um porvir de amores?
E o lume pedes á fogueira extincta?
Doces perfumes a pollutas flores?

Não basta ainda essa ignobil farça,
Paginas negras que a teus pés compuz?
Nem estas fundas, perennaes angustias,
Dias sem crenças e serões sem luz?

Não basta o quadro de meus verdes annos,
Manchado, roto, abandonado ao pó?
Nem este exilio, do rumor no centro,
Onde pranteio desprezado e só?

Ah! Não me lembres do passado as scenas
Nem essa jura desprendida a esmo!
Guardaste a tua? A quantos outros, dize,
A quantos outros não fizeste o mesmo?

A quantos outros, inda os labios quentes
De ardentes beijos que eu te dera então,
Não apertaste no vasio peito
Entre promessas de eternal paixão?

Oh! fui um doudo que segui teus passos!
Que dei-te, em versos, da belleza a palma!
Mas tudo foi-se! e esse passado negro
Porque sem pena me despertas n'alma?

Deixa-me agora repousar tranquillo!
Deixa-me agora descansar em paz!...
Ai! com teus risos de infernal encanto
Em meu retiro não me tentes mais!

Li- 9-2-93
A. Soares

A ESTRELLA DOS MAGOS

HYMNO PARA A NOITE DO NATAL

A noite se adianta, as horas passam
Mudas, solemnes sobre o globo immerso
Nos mysterios do somno; a tumba e o berço
Parece que se abraçam
E neste instante iguaes
Somem no olvido as ambições mortaes.

Salve! estação propicia aos pensadores!
Salve! prodigio! Que luzeiro é esse
Que entre as sombras da noite resplandece
Offuscando os fulgores,
Apagando o clarão
Dos cyrios immortaes da vastidão?

D'onde vens, gloria do espaço!
Bella estrella radiante,
Que campêas triumphante
Sobre as chans do Sennaar?

Como és linda! Ao vêr-te, os astros
Por sobre as nuvens revoltas
Rolam como pedras soltas
De teu desfeito collar!

Que maravilha opera-se no espaço?
Que respirar de fogo agita os mundos?
Que vento abrasador dos céos profundos
Baixa sobre o regaço
Da terra que fluctua
Entre o dia e a noite incerta e nua?

Brizas prenhes de aromas deleitosos,
Quentes brizas da Arabia! Onde aprendestes
Estes cantos subtis, mais que terrestres,
Essas vozes chorosas,
Essas queixas de amor
Que aos pés soltais da amendoeira em flor?

Brilha, sol da meia noite!
Sol, talvez de um bello dia,
Que a sombra turbida e fria
De nosso globo encontrou!

Sol das plagas mais felizes!
Sol que outros seres anima!
Que sobre este pobre clima
De Deus a mão arrojou!

Borboletas do ermo! Aves dos montes!
Creaturas da noite! Que alegria
Estranha vos anima? O novo dia
Que abeira os horizontes
Acaso nos trará
Inaudito favor de Jehovah?

Oh! certamente! Os astros não se abalam,
Tão commovida a terra não palpita,

A natureza toda não se agita,
As solidões não fallam,
Não exultam os céos,
Si os não roçasse o halito de Deus!

Ah! sim, tu vens do oriente,
Passaste sobre as cimeiras
Das montanhas altaneiras
Onde a luz seu throno tem!

Trazes, quem sabe? em teus raios
A palavra da verdade!...
Prodigio da immensidade,
Dize, o que succede alem?

Mundo recem-nascido! Astro brilhante
Cujo clarão vivaz me entorna n'alma
Doces lampejos de ineffavel calma!
Estrella radiante!
Gloria da creação!
Aceita minha humilde adoração!

As aldêas alegram-se, os pastores
Sahem de seus casaes cantando hosannas,
Das tendas do deserto e das cabanas
Hymnos, risos e flores
Se levantam a flux!
Tudo se volta ao céo e brada—luz!

Gloria ao Senhor nas alturas!
Paz aos homens neste mundo!
Genios do abysmo sem fundo,
Torcei-vos, — nasceu Jesus!

E vós, filhos do peccado,
Quebrai, quebrai vossos ferros,
E, livres de escuros erros,
Erguei-vos, saudai a luz!

8-2-83
S. Soares

PLECTRO

O sumo do estramonio e da cicuta,
As flores infieis da dedaleira,
O dente vil da vibora trahidora,
A sombra da fatal mancenilheira;

O cancro, a lepra, o tetano, a gangrena
Trazem da morte os rabidos martyrios,
Ora nas azas de afflictivo somno,
Ora nas chammas de crueis delirios...

Mas o veneno que da lingoa instillas,
Ente maldito consagrado á intriga,
Do corpo á alma a perdição transporta
Nas doces frases de uma voz amiga!

Nasceste como a serpe da floresta,
Como a serpe tu vives, mas como ella
Não deu-te a providencia o leve guiso
Que o mal occulto ao viajor revéla!

Vendes, beijando, como o hebreu covarde!
Mordes, brincando, como o cão falsario!
E na sêde de aleives que te queima
Não poupas nem dos mortos o sudario!

Na ruina alheia ergueste teu futuro,
Fizeste teu festim, riste e folgaste.....
Terás por punição sorver de um trago
Toda a peçonha e fel que derramaste!

Já de teu leito ha desertado o sommo!
Já o remorso, si és mortal, te abrasa!
E na bocca mendaz, covil de enganos,
Arde-te a lingoa como um ferro em brasa!

Não ha virtude que teu pé não pise!
Não ha flôr que teu halito não mate!
Não ha charcos impuros neste mundo
Que teu perfido busto não retrate!

Mixto de lama, de poeira e luzes!
Creatura infernal com azas de anjo!
Cimento de odio e raiva humedecido
Nas lagrimas crueis do negro archanjo!

Tu preparas tu mesmo o teu supplicio!
Cavas tu mesmo o leito derradeiro!
Tu mesmo lavras a sentença propria
E serves, sem saber, de prégoeiro!

Li-9-2-93
L. Soares

NOCTURNO

Minh'alma é como um deserto
Por onde o romeiro incerto
Procura uma sombra em vão;
É como a ilha maldita
Que sobre as vagas palpita
Queimada por um volcão!

Minh'alma é como a serpente
Que se torce ebria e demente
De vivas chammas no meio;
É como a douda que dansa
Sem mesmo guardar lembrança
Do cancro que rôe-lhe o seio!

Minh'alma é como o rochedo
Donde o abutre e o corvo tredo
Motejam dos vendaváes;
Coberto de atros matizes,
Lavrado das cicatrizes
Do raio, nos temporaes!

Nem uma luz de esperança,
Nem um sopro de bonança
Na fronte sinto passar!
Os invernos me despiram,

E as illusões que fugiram
Nunca mais hão de voltar!

Tombam as selvas frondosas,
Cantam as aves mimosas
As nenias da viuvez;
Tudo, tudo, vai finando,
Mas eu pergunto chorando:
Quando será minha vez?

No véo ethereo os planetas,
No casulo as borboletas
Gozam da calma final;
Porém meus olhos cansados
São, a mirar, condemnados
Dos seres o funeral!

Quero morrer! Este mundo
Com seu sarcasmo profundo
Manchou-me de lôdo e fél!
Minha esperança esvaio-se,
Meu talento consumio-se
Dos martyrios ao tropel!

Quero morrer! Não é crime
O fardo que me comprime
Dos hombros lançal-o ao chão;
Do pó desprender-me rindo
E, as azas brancas abrindo,
Perder-me pela amplidão

Vem, oh! morte! A turba immunda
Em sua illusão profunda
Te odeia, te calumnia,
Pobre noiva tão formosa
Que nos espera amorosa
No termo da romaria!

Virgens, anjos e creanças,
Coroadas de esperanças,
Dobram a fronte a teus pés!
Os vivos vão repousando!
E tu me deixas chorando!
Quando virá minha vez?

Minh'alma é como um deserto
Por onde o romeiro incerto
Procura uma sombra em vão;
É como a ilha maldita
Que sobre as vagas palpita
Queimada por um volcão!

Li-9-2-93
S. Soares

CANÇÃO PARA MUSICA

A MADRUGADA

Surge o dia, as sombras correm
Como batido esquadrão...
Todo o espaço é luz e vida,
Deixa teu leito querida,
Deixa o macio colchão.
Vamos respirar nos campos
A frescura da manhan,
Ver as garças nas lagoas,
Espreitar entre as tabôas
Os brincos da yassanan.
Não alinhes teus cabellos,
Teus hombros não cubras não...
Concede que em seus anceios
Os ventos beijem-te os seios
Em mal cerrado roupão...
Que molhe teus pés de fada
O orvalho dos capinzáes,
Que as borboletas te sigam,
Que os colibris te persigam
No meio dos matagaes.
Minha linda preguiçosa,
Minha sultana, meu sol,
Não ouves junto á janella
Das aves a voz singela

Saudando o mago arrebol?
Não sentes o doce aroma
Dos limoeiros em flôr?
Sonhas? Os genios agora
Mesclam aos sonhos d'aurora
Fios da mais viva côr!
Te levanta e vem, mimosa!
Não mais durmas, eis-me aqui:
Tenho pressa de fallar-te,
Tenho tanto que contar-te,
Que esta noite não dormi!
Meu cavallo altivo e ledo
Rincha preso a teu portão;
Eu te espero impaciente,
Mas tu dormes, indolente,
Sem ouvir minha canção!

Li-9-2-93
S. Soares

OUTRA CANÇÃO PARA MUSICA

O CÉGO

Eu sei modinhas tão bellas
Que as estrellas,
Que as estrellas commovidas
Param no céo quando as canto!
Chorão tanto!
Lançam queixas tão sentidas!...

Sei tantos contos de fadas
Encantadas,
Tantas historias bonitas
Que as meninas que me escutam
Se reputam
Princezas por Deos bemditas!

Sei cantigas mais suaves
Do que as aves,
Do que as aves da floresta!
Em toda a parte que chego,
Pobre cego,
As moças me fazem festa!

Porem, ai! das açucenas
Sinto apenas

O perfume que embriaga!
Tenho n'alma um céo aberto...
Mas incerto
Nas sombras meu corpo vaga!

Virgem! cuja voz divina,
Peregrina,
Deu-me uma idéa da l ,
Cujos braços amorosos
Carinhosos
Partilharam minha cruz...

O canto do desgraçado,
Desherdado
Das glorias da creação,
Achou asylo em teu peito,
Foi acceito
De teu santo coração!

Dize, dize que me escutas!
Que nas luctas
Da vida achei um pharol!
Ah! tem dó de meus pezares.. ..
Si fallares
Meus olhos verão o sol! Li-9-2-93

S. Soares

OUTRA CANÇÃO PARA MUSICA

Quando tu fallas eu penso
Que, livre da tempestade,
Vejo o sol na immensidade
Nadando em vivo esplendor;
E sobre um torrão bemdito,
Salvo da furia das vagas,
Ouço da tormenta as pragas,
Ouço do raio o estridor.

Sim! Teu amor é o porto
Onde minh'alma descrida
No naufragio desta vida
Asylo e calma encontrou;
Praia amiga, ilha das fadas,
Que a mão de Deos sobre os mares
Cobrio de eternos palmares,
De areias de ouro cercou!

Falla! Teu fallar é grato
Como o vinho que embriaga,
Si n'alma a tristeza apaga,
Traz sonhos que não tem fim!...
Ai! Si além na eterna gloria
Tambem os anjos se fallam,
Si não te entendem se calam,
Ou sinão fallam assim!

Li 9-2-93
S. Soares

A UMA MULHER

Não!... não arredes da verdade os olhos,
Ella foi sempre da belleza o throno:
Porque mentir? As illusões se acabam
E a vida passa como um leve somno.

É tempo ainda, nos festins da côrte
Rasga essas sedas que salpicam prantos,
E á nova aurora, que te aguarda, eleva,
Como a florinha, os divinaes encantos.

Sim!... vem, minh'alma de teu riso escrava
Sobre o passado correrá um véo,
E tu verás como a esperança volta,
E a nuvem negra desassombra o céo.

Vem, que me importa o murmurar do vulgo,
Dos homens todos o desdem profundo,
Quando no ermo a teu olhar sublime
Verei das trevas rebentar um mundo?

Vem, as florestas te darão riquezas
Que o oiro e a prata comprarão jamais!
Templos, palacios os terás, tão bellos
Que os reis da terra nunca hão visto iguaes!

Tudo isto a lyra do infeliz poeta
Só n'um harpejo alcançará de Deus...
Riam-se os nescios com seu riso estulto,
Zombem os Midas dos enlevos meus.

Triste é a farça desta vida ingrata,
Tredo, infiel o bafejar da sorte:
Ha sobre o globo uma estação mais feia,
Mais seva e crua do que a propria morte!

Quando a velhice, que apressada marcha,
Vier cobrar-te seu pesado imposto,
E, abrindo os braços onde o inverno dorme,
Toda a frescura te manchar do rosto;

Quando essa fronte, feiticeiro espelho
Que de tua alma as perfeições revela,
Toldar-se aos poucos, retratar o aspecto
De um mar nas furias de fatal procella;

Quando essas tranças se tornarem brancas,
Seccas, despidas de subtis perfumes,
E os lindos olhos se mudarem, frios,
Em mortas brasas de passados lumes;

Que dôr pungente sentirás no peito!
Que philtro amargo tragarás, mulher!
Tu que da vida enlameaste a senda
Sem te lembrares do porvir siquer!

Rainha, em terra ver partido o sceptro!
O throno de oiro reduzido a pó!

E após um'éra de opulencia e mando
Ver-se no mundo desprezada e só!

Vem, a manhã radiará de novo!
Inda teu astro n'amplidão fulgura!
Não mais te arrojes, emula dos anjos,
A's ondas negras dessa vida impura!

Vem, que me importa o murmurar do vulgo?
O dubio riso? o escarnecer das gentes?
Si agoa precisas que teus erros lavem,
Oh! de meus olhos verterei torrentes!

Lisboa dia
9 de fevereiro de 1893
Teixeira Soares

ESPERANÇA

LENDA SELVAGEM

A HUASCAR — LEMBRANÇA —

Quereis ouvir minha historia?
Pois bem, prestai-me attenção,
Puxai esse duro cêpo,
Sentai-vos junto ao fogão :
Não ha poltronas macias,
Nem canapés no sertão.

A porta está bem fechada,
Temos quentura de mais,
A lenha que estala falla
De calma socego e paz :
Que importa que os ventos lutem
Lá fóra nos matagaes?

Que importa que a chuva caia,
Que no céo ruja o trovão,
Que as enxurradas engrossem
As agoas do ribeirão ?
Si abrigados conversamos
Á luz de amigo fogão?

Quereis ouvir minha historia?
Não precisais pedir mais...
É triste, e de historias tristes
Quem sabe se não gostais?
Vou contar-vos: nenhum outro
De mim a ouvirá jamais.

I

Não, não foi somente o tempo
Com suas frias geadas
Que desnudou-me a cabeça,
Fez-me as faces encovadas.
Foram da vida as borrascas,
Foram noites de agonia,
Foram do fado as mentiras,
Dos homens a aleivosia.

II

Nasci pobre; este delicto
Seguio-me toda a existencia...
Sobre o tecto de uma choça
De que serve a intelligencia?
Que vale uma alma robusta,
Um peito energico e forte
Ante o egoismo das turbas
E os anathemas da sorte?
Nasci pobre, e, alçando os olhos
Da pobreza em que vivia,
Me atrevi, como os condores,
A fitar o rei do dia!

III

Foram-se os annos, sou velho,
Perdi tudo quanto amei;
Deixai que chore um momento
Tantos sonhos que sonhei!
Correi, lagrimas saudosas,
Tristes perolas de amor,
Gottas do orvalho da vida
No seio da murcha flôr!
Correi! Ao menos sois doces,
Trazeis-me consolo ao menos....
Quanto infeliz vos derrama
Roazes como os venenos!

IV

Era na sazão bemdita,
Quando as florestas viçosas
Aromas subtis respiram
E queixas melodiosas;
Quando as leves borboletas
Gyram nas margens dos rios,
E as rôlas mais ternas gemem
Nos ermos valles sombrios;
A' minha humilde morada
Rico viajor parou....
Tinha uma filha, — outro mimo
Como ella Deus não formou!

V

Eram seus cabellos — noite!
Os seus olhos eram — luz!
Como o céo e o mar — profundos
Como o mar e o céo — azues!
Seu fallar era — promessas,
Seus sorrisos — recompensas
Onde o porvir se espalhava
Rico de sonhos e crenças!
E chamava-se — Esperança!
Que santo nome, meu Deus!
Nome que falla da terra,
Porém que nos mostra os céos!

VI

Amei-a. Era o impossivel
Que eu buscava : amei-a mais!
Amor, o que és tu sem lutas,
Sem circumstancias fataes?
Sem revezes, sem torturas,
Sem flagicios, sem cadeias
Que o homem transponha e quebre
Como o corcel quebra as pêas?

VII

Um poema de delicias,
De infindos planos compuz,

Em dois mezes que inspirou-me
De seus olhares a luz!
Mas o destino cruento
De minha audacia se rio...
Inda eu folgava insciente
Quando Esperança partio!
Partio para longes terras,
Foi ver estranhos lugares,
Como o passaro que emigra
Foi pousar n'outros palmares.

VIII

Uma nuvem de amarguras
Cercou-me a existencia então,
O céo tornou-se a meus olhos
O tecto de uma prisão!
Trez noites, trez longas noites
Em vez de dormir gemi,
Mas no fim dessas trez noites
Ergui-me... tambem parti!
O que intentava? — Ignoro!
O que esperava? — Não sei!...
Surdo á razão, surdo aos homens,
Lancei-me do acaso á lei!

IX

Desta infanda romaria
Não quero as penas lembrar....
Dias de acerbas angustias,
Vigilias de delirar!

Não quero lembrar as horas
De desanimo cruel
Em que traguei té as fezes
A taça de negro fel!

X

Dois annos que valem vinte,
Sem repouso, sem soccgo,
Passei vagando entre os homens
Doido, enfebrecido e cego!
Dois annos a mesma imagem!
Dois annos a mesma idéa!....
Dois annos por toda a parte
Ebrio de amor procurei-a!
Pelas ruas, pelas praças,
Pelos campos e desertos,
Buscando essa esquiva sombra,
Levei meus passos incertos!
Quantos labios me sorriam!
Quanta belleza encontrei!
A quanto amor puro e casto
Voltei o rosto... passei!
E no emtanto pudéra
Sem frenesi, sem loucura,
Colher a flôr perfumada
De modesta formosura.
Parar na febril carreira,
Dizer : — basta, a vida é esta ;
Quem foge ao commum dos seres
Segue uma estrella funesta!
A ventura é ver a prole,
Ver a paz sentada ao lar.

Ver dos tectos o trabalho
A miseria afugentar!

XI

Mas a imagem de Esperança
Não me deixava um momento!
Era um consolo celeste
Junto a um martyrio cruento!
Via-lhe as formas divinas
No céo, nas mattas, nos campos,
Quer ao clarão das estrellas,
Quer á luz dos pyrilampos!
Si eu dormia, a nivea face
Sentia encostada á minha,
Sentia-lhe as longas tranças
E a cabeça de rainha!
Ouvia-lhe a voz, tão doce,
Tão doce que eu despertava...
E minh'alma estremecia,
Daquellas visões escrava!
Si eu caminhava, nos prados
Ou junto ás fontes sentada,
Via-lhe o vulto sublime,
Via-lhe o corpo de fada!
E me lembrava dos contos
Que me contaram creança;
Passava as mãos pelos olhos
E murmurava: — Esperança!
Esperança era o meu norte!
Esperança o meu porvir!
Esperança a maga estrella
Que via no céo luzir!

XII

De tanto errar fatigado,
Fatigado de soffrer,
Busquei nos ermos profundos
Um logar onde morrer.
Embrenhei-me no mais denso,
No mais negro das florestas,
Onde a natureza virgem
Se ostenta em continuas festas;
Onde este verme que pensa,
Farto, inflado de vaidade,
Sente as fibras se crisparem
Ao sopro da liberdade...
Sente-se vil, pequenino,
Cinza, lama, podridão,
E curva-se aniquilado
Perante o Deus — Creação.
No seio de escuras selvas,
No cimo das serranias,
Dos grandes rios á margem,
Deixei passarem meus dias:
Mas nesses ermos sem nome,
Na tormenta ou na bonança,
Entre mysticos rumores,
Ouvia a voz de Esperança.

XIII

Uma noite, era bem tarde,
Sobre um rochedo dormia,

E em sonhos a imagem della
Mais bella me apparecia.
De repente um brado immenso
Me acordou sobresaltado;
Ergui-me, e de estranhos seres
Achei-me todo cercado:
Era uma turba selvagem
De selvagens semi-nus,
Cujos dorsos reluziam
Dos astros á tenue luz;
Entre gritos e ameaças
Sobre mim se arremessaram,
Lançaram-me rijas cordas
E comsigo me levaram.

XIV

A noite inteira marchamos...
Ao rebentar da alvorada
Chegamos todos á aldeia
Sobre um outeiro assentada.
Triste o primeiro espectaculo!
Quatro cabeças humanas
Se embalavam sobre estacas
Ao derredor das cabanas!

XV

As mulheres ostentavam
Ao sol as formas adustas,
Nuas, bellas pela força,
Pelas proporções robustas.

E em torno de grandes fogos,
Entre ligeira fumaça,
Volviam sobre os brazidos
Pingues productos da caça.
Emquanto, não muito longe,
Reunidos os filhinhos
Jogavam no chão seus brincos
Feitos de brancos ossinhos...
Ou saltavam sobre varas,
Ou ageis, fortes lutavam,
E com alegres celeumas
Os espaços atroavam.

XVI

Levaram-me logo ao chefe,
Que me guardou junto a si:
Das palavras que disseram
Por Deus que nada entendi;
Mas entre esta rude gente,
Sujeito a seu jugo e lei,
Mais franqueza e mais verdade
Do que nas praças achei.

XVII

Era do chefe a morada
Maior do que as mais cabanas,
Coberta de grossa palha,
Cercada de verdes cannas.
Atrás della poucos passos,
Entre palmeiras pousada,

Via-se, á parte das outras.
Outra cabana isolada.
Uma cerca forte, unida,
De trepadeiras coberta,
Guardava o ambito triste
Daquella casa deserta.
Ninguem chegava-se a ella,
Della todos se afastavam,
A voz baixavam medrosos
Si acaso della fallavam.
A' tarde um velho indiano
Junto a cerca se postava,
E estranho, insipido canto
Lentamente murmurava:
E os mancebos, e as mulheres
Em chusma se reuniam
Seguindo o insipido canto,
Cujas notas repetiam.

XVIII

Daquelle asylo o mysterio
Tentei penetrar em vão!
Que Deus, que thesoiro occulto
Ali vendavam-se então?
Tarde o soube!... Ha nesta vida
Arcanos de endoidecer!
Desgraçado o que procura
Seu fundo escuro entrever!

XIX

Muitas luas se passaram,
Muitas noites, muitos dias,

Em que o quadrante do tempo
Marcou penas e alegrias...
Não para mim, que, sem crenças,
Sem gozos, sem esperança,
Não enxergava em meu fado
A mais ligeira mudança!

XX

Um dia a filha do chefe,
Moça airosa, esbelta e forte,
Sentou-se triste a meu lado
E me fallou desta sorte:
— Tu soffres, pobre estangeiro,
Soffres e eu soffro por ti,
Perdi a paz de minh'alma
Depois que chegaste aqui!...
Sou virgem, bella me chamam,
Toma-me, pois, por mulher!...
Segredos que só conheço
Nem os presentes siquer!
Serei tua companheira,
Dar-te-hei filhos valentes,
Que supplantem com seus feitos
Os mais bravos combatentes! »
Assim fallou-me aos ouvidos
Aquella adusta creança;
Fitei-lhe um olhar dorido
E disse baixo: — Esperança!

XXI

— Acceitas-me por esposa?
— Pois bem, seja assim... acceito!

Beijei-lhe as faces morenas,
Cerrei-a contra meu peito,
Mas tomarás outro nome,
Te chamarás Esperança:
Traz esse nome aos que soffrem
Dias de paz e bonança!»
Ella sorrio-se. De novo
Nossas cabeças se uniram,
Mas duas lagrimas tristes
Sobre seu seio cahiram.
Pobre filha das florestas,
Tu crêste no que eu fallava!
Minh'alma pensava em outra,
Minha bocca te beijava!

XXII

Não tardou a hora infausta
Desse infausto casamento!
Toda a tribu poz-se em festa,
Toda a aldeia em movimento;
O dia inteiro dansaram
Junto de grandes fogueiras,
Ao som de instrumentos ledos,
Ao som de canções fagueiras.
Ao sol posto, em frente á taba
Servio-se o lauto festim...
Feliz a virgem dos ermos
Sorria junto de mim!
Sorria-se... Ah! covardia!
Miseria! Traição escura!
Meu espirito zombava
No olhar, ao ler-lhe a ventura!

Depois do banquete agreste,
Da noite as sombras desceram,
Levantaram-se os convivas,
Grandes fachos accenderam.

XXIII

Adornaram-me de acacias
A cabeça mal-fadada,
E entre clamores levaram-me
A' cabana abandonada.
Então um velho da tribu
D'entre a multidão sahio,
E, nos chamando, silente
A tremenda porta abrio.

XXIV

— Allumiai, disse. Logo
Dois moços se adiantaram
E á luz vermelha dos fachos
O recinto clarearam.
E o velho mudo, curvado,
Fazendo um signal, entrou,
Junto de um altar grosseiro
Ergueu os braços, parou.
Sobre aquelle altar grosseiro,
Qual tripeça de sybilla,
No meio de sêccas palmas
Estava um vaso de argilla.

XXV

— Cantai, cantai! brada o velho,
A divindade aqui está!
Ella ouvirá nossas vozes,
Nossas preces ouvirá!
E todo o corpo agitou-lhe
Convulso, febril tremor,
Estranhos gestos fazendo
Do tosco altar ao redor.

XXVI

A' porta a turba dansava
Com selvagem phrenesi,
Dando gritos tão medonhos
Como jamais os ouvi!
Meus olhos não se afastavam
Daquelle vaso de argilla:
— Que segredo, que thesouro,
Que mysterio ali se asyla?
Assim dizia commigo,
E o rumor crescia, ia
Unir-se á voz das torrentes
Em longinqua serrania!
E aquelle infernal tripudio
De mais a mais se augmentava!
Tinha um quê de horrendo e vago
Que a loucura simelhava!

XXVII

De subito, um brado immenso
Pelo espaço restrugio!
— Adorai! o velho exclama;
Com elle a tribu rugio:
— Adorai! A larga tampa
Do vaso sinistro alçou,
E uma formosa cabeça
Pelas tranças levantou!
— Adoremos! gritam todos,
Moços, mulheres e velhos...
Soltei um gemido acerbo,
Cahi no chão de joelhos!

XXVIII

Era uma fronte celeste,
Fronte de santa e creança...
Ai! essa fronte sem manchas
Era a fronte de Esperança!
No collo airoso uma tarja
Funda, horrivel negrejava,
Mas o rosto era tão branco,
Tão branco que deslumbrava!

XXIX

De certo, bastante tempo,
Bastantes dias passaram

Depois que os broncos levitas
Sem piedade a decoparam!
Porem, milagre! prodigio!
Essa fronte nova, cleita,
Zombava da morte ainda!
Estava illesa e perfeita!
Parecia rir-se! O somno
Nublava-lhe o olhar apenas;
Era calma a nivea testa,
Calmas as faces serenas!
Sem depressões e sem rugas,
Sem aspecto funerario,
Mas como o marmore antigo
Que eterniza o estatuario.

XXX

Que pensamento sublime,
Que mysterio excelso, augusto,
Presentira a turba insonte
Naquelle esplendido busto!
Veria de novas crenças,
De um culto mais puro e bello
A vasta palavra escripta
Naquelle riso singelo?
Veria de um Deus a imagem
Mais viva, mais séria então
Naquella airosa cabeça,
Naquella altiva expressão?
Não sei! As sombras da morte
Sobre minh'alma passaram,
E vozes de um outro mundo
Por meus ouvidos soaram!

Senti o frio das campas,
Cahi sem forças no chão:
Ao voltar de novo á vida,
Perdêra a luz da razão!

XXXI

Por muito tempo na tribu
Sombrio e mudo vivi..
Livre, depois, estas serras
Por meu asylo escolhi.
Meu espirito aclarou-se,
Dos annos curvei-me á lei....
Mas ah! sinto ainda o peso
Dos males que supportei!

Um dia
10 de fevereiro de 1893
Tenreiro Aranha

MIMOSA

POEMA DA ROÇA — EM TRES CANTOS

OFFERECIDO A MEU AMIGO P. C. CASTRO.

CANTO PRIMEIRO

INTRODUCÇÃO

Censor austero, rigido analysta,
Guarda zeloso de banaes regrinhas,
Deixai vosso escalpello infatigavel,
Poupai estas quadrinhas !

Cada esphera da humana intelligencia
Tem milhões de degráos, milhões de faces,
A musa é sempre musa, embora exalte
As mais humildes classes.

A idéa não tem marcas nem barreiras,
E o pensamento, irmão da liberdade,

Quando as azas sacode abate e quebra
Mais de uma autoridade.

Tudo é nobre na terra, tudo é grande
Tudo se adorna de ideal belleza
Quando o poeta ha sagrado a lyra
No altar da natureza.

Lançai vossos preceitos e tratados
Ás chammas vivas de voraz incendio...
Alma que sente, que se inspira e canta
Não conhece compendio.

NARRAÇÃO

Gastei meu genio, desfolhei sem pena
A flôr da mocidade entre os enganos,
E, cansado das lidas deste mundo,
Procurei o deserto aos vinte annos.

A cavallo, sem rumo, o olhar tristonho,
Na bocca o saibo de fatal veneno,
Percorria as campinas e as montanhas
Da bella terra de Amador Bueno.

Era no mez de agosto, o mez dos risos,
Das doces queixas, das canções sentidas,
Quando no céo azul, ermo de nuvens,
Passam as andorinhas foragidas.

Quando voltam do exilio as garças brancas,
Quando as manhãs são ledas e sem brumas,
Quando sobre a corrente dos ribeiros
Pende o cannaveal as alvas plumas.

Quando palram no mato os periquitos,
Quando corre o tatú pelas roçadas,
Quando chilra a cigarra nos fraguedos
E geme a jurity nas assomadas.

Quando os lagartos dormem no caminho,
Quando os macacos pulam nas palmeiras,
Quando se casa o grito da araponga
A' triste e surda voz das cachoeiras.

Então que de poemas nas florestas!
Que de sonhos de amor pelas choupanas!
Que de selvagens, mysticos rumores
Dos lagos pelas verdes espadanas!

Um brando véo de languidez divina
Paira sobre a cabeça dos viventes,
Vergam-se as maravilhas sobre as hastes,
Refrescam-se os cipós sobre as torrentes.

Quedam-se as borboletas nos pomares,
Gemem os sabiás pelos outeiros,
Chamam-se enamorados os canarios,
E os fulvos bem-te-vis nos ingázeiros.

O lavrador recolhe-se á palhoça,
Reclina-se na esteira e se espreguiça,
E entre os folguedos da bemdita prole
Se entrega ao doce vicio da preguiça.

O viandante pára nas estradas,
Abre os alforges, e do mato á sombra,
Depois de cheio e farto, fuma e sonha
Da molle grama na macia alfombra.

A natureza inteira ama e soluça,
Ebria de aphrodisiacos perfumes,
E a mente solitaria do poeta
Se abrasa em chammas de insensatos lumes.

Foi quando vi Mimosa a vez primeira,
Beija-flôr do deserto, agreste rosa,
Gentil como a Dalila da Escriptura,
Mais ingenua, porem, mais amorosa...

Punha-se o sol, as sombras somnolentas
Mansamente nos valles se alongavam,
Bebiam na taberna os arrieiros
E as bestas na poeira se espojavam.

O fogo ardia vivido e brilhante
No vasto rancho ao lado do giráo,
Onde os tropeiros sobre fulvos couros
Entregavam-se ao culto do pacáo.

A caxaça alegrava os olhos todos,
As cuias de café se repetiam,
E as fátuas baforadas dos cachimbos
Nos caibros fumarentos se perdiam

A viola soava alegremente...
Que meigas notas! Que tanger dorido!

Vida de sonhos, drama de aventuras,
Não, vós não morrereis no mar do olvido!

Mimosa estava em pé sobre a soleira
Da exigua entrada da mesquinha venda,
Saudosa, como á sombra do passado
Um typo de ballada ou de legenda.

Saudosa, sim, cercada do prestigio
Dessa belleza vaga, indefinivel,
Cuja expressão completa em vão procura
O pobre pensador sobre o visivel!

Que faz lembrar o que existio, é certo,
Porém aonde e quando? Que tortura
A memoria impotente e em vez de um facto
Mostra ao poeta o abysmo da loucura!

Indeciso clarão de uma outra vida!
Fugitivo ondular, dobra ligeira
Do manto do ideal estremecendo
Entre bulcões de fumo e de poeira!

Raio de Deus na face da materia!
Frouxo luzir do sol da poesia!
Eu vos contemplarei a pura essencia?
Eu poderei gozar-vos algum dia?

Nada de digressões. Minha heroina
Fumava um cigarrinho branco, leve,
Delgado como um brinco de creança,
Como um torrão de assucar ou de neve.

E o vapor azulado lhe vendava
De quando em quando as faces peregrinas..
Parecia uma fada do Oriente,
Uma visão do opio entre neblinas.

A saia de ramagens caprichosas
Cahia-lhe em prodigios da cintura,
Entre os bordados da infiel camisa
Tremião dous delirios de esculptura.

Sobre a direita a perna esquerda curva,
Capaz de enlouquecer Phidias — o mestre,
Dava um encanto singular ao vulto
Daquella altiva perfeição campestre.

Depois em tamanquinhos amarellos
Pés de princeza, pés diminutivos,
Cutis morena revelando á vista
Do pêcego e do jambo os tons lascivos.

Olhos ebrios de fogo, vida e goso,
Sombrias palpitantes mariposas,
Cabellos negros. bastos, ennastrados
De roixos manacás e rubras rosas.

Eis Mimosa! Seu corpo trescalava
O quente e vivo aroma da alfazema,
Perfume de cabocla e de roceira,
Porem que para mim vale um poema!

PARENTHESIS

Chamo-me Marcos Marques, e sou filho
De meu pai, minha mãi e mais ninguem;
Perdi-os muito cedo, e vos declaro
Que delles não herdei nem um vintem.

Perdoai-me, leitor, si até agora
Nada vos tenho dito a meu respeito...
Quando esta historia passa-se era moço
E estudava a sciencia do direito.

Póde bem ser que livros não abrisse,
Que não votasse amor a sábia casta,
Mas tinha o nome escripto entre os alumnos
Da escola de S. Paulo, e é quanto basta.

CONTINUAÇÃO

Queres tu descansar? ella me disse,
Dos labios retirando o cigarrinho,
Não faças ceremonias, minha casa
Ahi está sobre a margem do caminho.

Tenho boa aguardente, vinho e fumo,
Café bem forte, sempre accêso o fogo;
Si estás triste, doente ou namorado,
Lá poderás scismar em desafogo.

Vem pois commigo. E a segui pensando...
Sombria a noite já ganhára a terra,
E ao longe, occultos nos pinhaes, soltavam
A voz sentida os bacuráos da serra.

Zumbia o insecto na espessura, os sapos
De seus recantos humidos sahiam,
E aos rumores do dia moribundo
Os rumores das sombras succediam.

As estrellas brotavam vivas, bellas,
Do céo azul na face transparente,
D'onde um ligeiro manto de vapores
Baixava sobre os valles mansamente.

Mais preguiçoso o arroio murmurava,
Mais surdo o vento nos sarçáes gemia,
Mais seductora a imagem de Mimosa
D'entre as balsas floridas me sorria.

A casa era pequena, mas bem feita,
Coberta de sapé, de páos cercada,
Aos lados gravatás, flores na frente,
Uma cruz no terreiro levantada...

A' porta respeitavel confraria
De gatos brancos, pretos e vermelhos,
Gansos e frangos, patos e marrecos,
Magros rafeiros e mollossos velhos...

Cortiços á parede, sobre o tecto
Um bugio satyrico e farcista,

Preso á janella verde papagaio
Grave e analysador como um legista.

Entrámos. A sallinha estreita e clara,
A rêde ao canto, a corda atravessada
Cheia de saias brancas e vestidos,
Camisas de morim, roupa engommada.

Grosseiros quadros de disformes santos,
Duas mesas, tres bancos, um pilão,
Caixas de pinho, cestos de taquara,
Esteiras de tabua sobre o chão.

Tudo, porem, tão limpo e tão singelo,
Tão ordenado estava e bem disposto,
Que me senti, si não contente, ao menos
Livre de meu fatidico desgosto.

— Tira o casaco e senta-te na rêde;
Como estás triste! disse graciosa.
— Achas-me triste? — Sim. Como te chamas?
— Francisca; o povo chama-me Mimosa.

— Moras aqui sósinha? — Só. Creança,
Vi-me sem pai, sem mãi, sem um parente,
Alheios peitos me aleitaram, pobre
Até hoje vivi, porem contente.

— E que edade tens tu? — Dezeseis annos.
— Dezeseis annos, céos! E nesta vida
Nunca encontraste alguem que te amparasse,
Que te desse morada, pão, guarida?

— Ninguem. Quem dá guarida ás borboletas
Quem dá sustento aos passaros da serra?
Foi esse que amparou-me neste mundo,
Foi esse que ajudou-me sobre a terra!

— Vives feliz? — Si vivo! quantas ricas
Invejam-me a pobreza e a liberdade!
Quantas, pelo dever, queimão de prantos
A corôa vivaz da mocidade!

Quantas se vendem pela vida inteira
Aos beijos vis de um opulento esposo,
E nos seus braços torcem-se offegantes
Buscando em vão no desespero o goso!

Eu não tenho ambições, amo e me entrego,
Nenhuma lei me prende a quem odeio!...
És bello e moço, dizem que sou linda;
Queres tu repousar sobre meu seio?

Pobre Mimosa! Nos meus braços frouxos
Para junto de mim sorrindo a ergui...
A noite adiantava-se, as estrellas
Desmaiaram no céo, adormeci.

[illegible]

[illegible] 1893

[illegible]

CANTO SEGUNDO

Quando tentei partir, á madrugada,
Mimosa me deteve. — Ah! não me deixes,
Murmurou a chorar;
Nesta só noite que passei comtigo,
Tanto, tanto sonhei, que outra me sinto,
A' luz de teu olhar!

Não partas, fica, tenho dentro d'alma
Um mundo que se forma pouco e pouco,
Que em breve hade surgir...
Porque rasgaste o véo que me occultava
Tanta esperança, tantos resplandores,
Si tinhas de partir?

Escuta: a teu fallar estas campinas,
Estas florestas, estes altos montes
São novos para mim;
Minha vida, mais bella, é como um astro
Que livre da tormenta em paz caminha
No céo de azul setim!

Hontem, céga, insensata, atravessava
Erma de sonhos a existencia, como
Cansado viajor...
Hoje só vejo flôres e ouço cantos,

Conheço quanto valho neste mundo,
Por ti, por teu amor!

Tu dissipaste a nevoa de meus olhos,
Mostraste-me um paiz de eternos gosos,
Além de um verde mar;
E, quando sinto a força, ensaio os passos,
E cheia de ambição fito o horizonte,
Procuras me deixar!

Não partas! Olha, em breve as mattas virgens
Se tornarão em mysticos palacios
Como nunca verás!
Em leitos de oiro correrão mil fontes,
Mil maravilhas encherão a terra...
Tudo isto cantarás!

Tudo isto cantarás! Teus doces labios
Sabem mysterios junto aos quaes são poucos
Os thesouros de um rei!
Quando tu fallas cerram-se-me os olhos...
Parece que hei vivido um'outra vida,
Quando e aonde, não sei!

Oh! não partas! Disseste que as cidades
Tinham-te morto n'alma as esperanças
E as flôres do porvir;
Que só topaste corações sem crenças,
Almas vazias, labios deslavados
Affeitos a mentir!

Tenho um diluvio de illusões na fronte,
Tu as geraste! As emoções devoram
Meu seio de mulher!...
Toma-me por escrava! Meiga, humilde,
Eu não te occultarei, tanto te adoro!
Uma idéa siquer!

Assim fallou Mimosa, e suspendida
A meu pescoço, em lagrimas banhada,
Sorrio e se calou.
Beijei-lhe os braços nus, beijei-lhe o collo,
Beijei-lhe a rósea bocca, fiquei mudo...
Mas minh'alma fallou!...

(Já sei, compadre, que acharás impropria
Nos labios de Mimosa tanta pompa,
Tão alta locução;
Não importa, atavio-lhe a linguagem
Sem lhe afogar a idéa: — si discutes,
Mando-te á Introducção.

Voto horror aos rhetoricos e mestres
Que exigem copiada a natureza
Tal e qual ella está:
Sem meias tintas e artificios finos
Pinta-me um quadro, tu verás se minto
Que monstro sahirá).

As silhas desatei de meu cavallo,
Tirei-lhe a sella e o freio que insoffrido
Mascava com ardor,

O formoso animal rinchou contente,
Deu tres saltos robustos, e espojou-se
Da relva no frescor.

— Mimosa, eu ficarei! Pouco me importa
O que os homens disserem! Desgraçados,
Miseraveis de nós,
Si a cada passo neste ingrato mundo
Tomassemos por lei de nossos actos
Das multidões a voz!

Eu ficarei! Quem sabe si mais tarde
Na hora extrema, meu viver revendo,
Tivesse de chorar
Alguns dias de goso verdadeiro,
De calma e de socego, que em teus braços
Não soube aproveitar?

Tu és a flôr do mato airosa e bella
Aberta á noite, a medo bafejada
Por ventos do sertão...
Nunca a mentira te pousou nos labios,
Nunca um punhado de oiro ha seduzido
Teu livre coração!

Sentindo as azas leves, perfumadas
Do genio do prazer roçar-te o peito,
Gozaste, sem amor...
Na sarça escura a pomba tambem geme,
E a corça meiga entrega-se nos ermos
Dos seres ao pendor.

A pobreza que atira ás espeluncas
Milhões de virgens, cujos corpos mata
Mercenario gosar,
Deixou-te aqui vedada aos libertinos,
Inda ignorante da fatal sciencia
Que ensina o lupanar!

Nunca o astro das noites encantadas
Deixou cahir em faces mais formosas
Seu humido clarão!
Como teus olhos nunca hei visto estrellas!
Como teus labios não tem côr a aurora
E rosas o verão!

Eu ficarei comtigo! Em teus carinhos
Quero afogar, sonhando ethereos sonhos,
Da mocidade a flôr!
Quero morrer sentindo-te em meus braços,
Chorar, gemer, estremecer sem forças
Em delirios de amor!

Assim fallei-lhe, e, como ao leve corpo
De uma leve creança, em meus joelhos
Brandamente a depuz;
Cerrei-a contra o peito, e largo tempo
Mudo assisti ás festas de su'alma
De seus olhos na luz.

(Responde-me, compadre, crês acaso
Que habita a virgindade só no corpo
De donzellas noveis?

Que não ha cortezans por entre as virgens,
Como entre cortezans virgens existem,
Mesmo até nos bordeis?

Que do casto sacrario a fome livida
Não conduza aos alcouces macilentas,
Puras, santas vestaes,
Emquanto o oiro esconde em véos pudicos
Illesos corpos, cujas almas queimam
Ardores infernaes?

Pede emprestada ao Cynico a lanterna,
Percorre as praças, entra nos palacios,
Devassa os camarins,
E dize-me depois quantas mulheres,
Virgens do corpo, achaste, agasalhando
Almas de seraphins?

Poucas, bem poucas!... Muda de caminho,
Lança por terra o baço candieiro
E, calmo pensador,
Contempla esta creança! Algo descobres
Que não seja candura, paz, bondade
Intelligencia e amor?)

De novo as illusões e os aureos sonhos
Que o mundo afugentara me surgiram
Na viva phantasia!
O verdadeiro amor, o amor sagrado
Que prende o sonhador á natureza
N'uma estreita harmonia...

Esse, que a voz das aves interpreta,
Que inunda de clarões os mais profundos
Antros da Creação,
Que a mentira dos homens não extincto,
Mas esfriado havia a lentos sopros
Dentro do coração;

Esse brotou mais forte e mais intenso!
E eu me senti nas azas conduzido
De aspirações sem fim
Para o cimo das serras altaneiras,
Onde o arrebol semêa ilhotas de oiro
Em lagos de carmim.

E eu invoquei os passaros errantes,
Que vêm de longes climas desenhando
As sombras nos sertões,
Afim de que mostrassem-me nos ermos
Um remanso feliz onde soltasse
Minhas livres canções.

E fallei a Mimosa dos desertos,
Das plagas afastadas do bulicio,
Do mundano rumor,
Onde nem traços de homem se estampassem
Dos amplos chapadões sobre as areias
De deslumbrante côr.

Fallei de uma casinha á beira d'agoa,
Occulta entre as folhagens verde-escuras
Dos ricos laranjaes;
De um jardimzinho, do arrulhar dos pombos,
Da sesta no pomar, de quanto almeja
Quem sonha e ama de mais!

Ella me ouvia, e por seus bellos olhos
Eu via-lhe a voar o pensamento
No espaço do ideal!
Depois nossas cabeças se encostavam,
Nossas almas fundiam-se n'um canto
Sublime, sem igual!

Tres mezes decorreram; em tres mezes
Vivemos por tres seculos. Mimosa
Se tranformára então;
Minhas idéas de poeta haviam
Lhe esclarecido o espirito dotado
Por celeste condão.

A' noite, no terreiro, eu lhe fallava
Da harmonia dos astros, de seus gyros
E leis universaes;
Da existencia dos seres que pululam
Na eterna creação; da natureza
Das almas immortaes.

Eu lhe contava a vida da florinha,
A formação do seixo, a intima historia
Das arvores titães;
E pouco a pouco as relações mostrando
Das cousas e de Deus, me levantava
Té ás idéas mãis...

Narrava-lhe dos povos que passaram
Todas as crenças, todas as legendas,
Usos, religião;
E os prodigios da arte, e as maravilhas
Que se deram na terra á luz divina
Da santa redempção.

Tres mezes decorreram, mas nem sempre,
Como no ceo azul a casta diva
Das tradicções pagãs,
Nossa existencia deslizou tranquilla...
Parece que a tormenta ama e prefere
As mais bellas manhãs!

Mimosa tinha um circulo de ousados,
Cegos adoradores, broncos vates,
Valentões commensaes.
Paladinos de esperas e emboscadas,
Cujas noites contavam-se por brigas
E surdas bacchanaes...

Logo aos primeiros dias, ás visitas
Dos Adonis boçáes indifferente
Mostrou-se e fria até;
Depois foi se esquivando a seus gracejos.
Por fim negou-se por uma vez ao trato
Dessa indigna relé.

Então feridos no brutal orgulho,
Calcados pelos pés de uma creança
Que pensavam dobrar,
Uniram-se, esquecendo os mutuos zelos,
E ardendo em furias de despeito e raiva
Juraram se vingar.

Uma historia de lutas improficuas,
De dias sem repouso e inquietas noites
Começou para mim!
Tornou-se a casa um forte sitiado,
E a guerra declarou-se atra em seus meios.
Cruenta no seu fim!

Era Nho Láo o chefe dos guerreiros
Do exercito inimigo, audaz roceiro,
Como Ulysses sagaz :
Ciladas que evitei deste malvado,
Tramas que desmanchei, contar não posso,
Tantas eram e taes!

Por duas vezes escapei, Deus sabe
Como, de horrenda surra de cacete
Dada por dextra mão!
Muitas outras de laços e armadilhas
Erguidas no caminho, que eu trilhava
Com toda a precaução!

Aqui eram traidores, fundos fossos
Cobertos de paosinhos, escondidos
Em branca e fina areia;
Ali pesada pedra em fragil corda;
Além ponte infiel lançada adrede
Sobre torrente feia!

Mimosa era um prodigio de bravura,
De finura e de tactica! Uma noite,
Já bem tarde era então,
Ella me despertou. — Ergue-te, disse,
Incendiam a casa, não percamos
Nem um minuto, não!

Fujamos! Levantei-me de um só pulo,
Tomei duas pistolas. — Eis-me prompto:
O que faremos nós?
— Fujamos, repetio, ainda é tempo,
Elles não nos verão, todos entregues
A seu projecto atroz!

Assim dizendo, me lançou aos hombros
Um pesado capote e foi juntando
A roupa que encontrou;
Deu-me uma trouxa, encarregou-se de outra,
E á porta do quintal se dirigindo,
Abrio, e observou.

— Nada suspeitam, vamos. Quão formosas,
Quão serenas luziam as estrellas
No céo sombrio-azul!
Nem uma nuvem maculava o espaço!
A' nossa frente n'amplidão brilhava
O Cruzeiro do Sul!

E caminhámos, caminhámos; frias
Batiam-nos no rosto e nos cabellos
Da noite as virações;
O orvalho nos molhava os pés descalços;
Os espinhos do mato nos cobriam
As faces de arranhões.

Chegando ao cimo de um pequeno outeiro,
Ella parou. — Estou cansada, disse,
Repousemos em paz...
Estendi meu capote sobre a relva,
Sentamo-nos, voltando a vez primeira
Os olhos para traz.

Tudo estava tranquillo. A varzea, o rio,
A estrada solitaria, os fundos valles
Pareciam dormir;
Nada turbava o placido silencio,
Sinão de errantes cães soltos no campo
O espaçado latir.

Mas pouco e pouco um rôlo de fumaça,
Denso, pesado, qual medonha tromba
Suspensa em alto mar,
Do tecto da cabana de Mimosa
Ergueu-se lentamente e em ondas torvas
Desdobrou-se no ar!

Em breve a chamma brilha, zune, estála,
Em rubras labaredas lambe os caibros
E devora o sapé!
As aves de redor fogem piando!
Torram-se as plantas, ardem se torcendo,
E tudo em ruinas é!

Mimosa contemplou a ultima chispa
Que do pobre casebre levantava-se
Voando para o céo,
E, quando vio que tudo estava findo,
Junto a mim se deitou sobre o capote,
Cobrio-se, e adormeceu.

Quando acordei, o sol no azul do espaço
Parecia entornar sobre as campinas
Torrentes de oiro em pó....
Sentei-me, olhei em roda, olhei de novo...
Mimosa se esvaira como um sonho,
E eu suspirava só!

CANTO TERCEIRO

Verdade!... Estupida coisa!
Consocia eterna do mal!
Deidade nos desenganos!
Inimiga do ideal!
Verdade! porque me obrigas
Tam tristes scenas narrar.
Quando pudera esta historia
De outra maneira findar?

Tu que apalpas as feridas
Mais immundas dos mortaes,
Que não tens nojo de nada,
Que sempre despida estás;
Queres que um vate inspirado,
Que um heróe entre os sandeus.
Se esquive aos vôos do genio
E siga os dictames teus!

Já que não tenho remedio,
Já que me prendes assim,
O resto de minha farça
Vou contar tim por timtim.
Eu bem pudera, estou certo,
Si te quizesse negar,
Fazer succumbir Mimosa
De molestia pulmonar;

E como Dumas, o filho,
Com quem brigaste, já sei,
Por seis escarros de sangue
Ter a corôa de rei.
Mas tu subornas-me a Musa,
Tentas curvar-me: pois bem!
Heide acabar o poema
Sem auxilio de ninguem!

Tres annos, tres longos annos
De funda melancolia,
Passei de novo sentado
Nos bancos da academia ;
E em vez de cantar as festas,
E as bellezas do sertão,
Traguei as purgas amargas
De Gaio e de Labeão!

Mas uma dia, resoluto,
Cobrando o antigo vigor,
Queimei os livros bramindo :
— Não sirvo para doutor!
Heide encontrar-te, Mimosa,
Minha luz, minha esperança!...
Serei outro D. Quichote,
Só me falta um Sancho Pança!

Arrangei um burro magro,
Manhoso como um poeta,
Mas talvez intelligente
Como a besta do propheta;

E, procurando as montanhas,
Que ao longe, ao longe azulavam,
Senti que em minh'alma afflicta
Meus sonhos resuscitavam!
Senti que ainda era um homem,
Que tinha illusões sem fim,
Que o anjo de minha guarda
Folgava por ver-me assim!

E caminhei.... Como gratas
As florinhas me sorriam!
« Por onde andaste, poeta? »
Parece que me diziam!
Os cantos dos passarinhos,
Os brandos sopros da aragem,
Fallavam : « Sê tu bem vindo!
Nos conta tua viagem! »

E os velhos cedros da matta,
Com gesto grave e sombrio,
Perguntavam-me severos :
« Por onde andaste, vadio?
Como vens tão bem vestido!
Que lindo collete trazes!
Que tôlas palavras dizes!
Que lindas momices fazes!
Perdeste a vista? Coitado!
Pobre, misero poeta!
Partio com olhos de lince,
Porem volta de luneta!
Aprendeste muito! Sabes
De cór a legislação?
Conheces bem o Digesto?
Leste as obras de Lobão? »

E riam-se, e tanto riam-se,
Esses Titães da sciencia,
Que receei um momento
De perder a paciencia!
E por fim, aborrecido
De tanta mordacidade,
Queimei á noite n'um rancho
Minhas roupas de cidade!

Quinze dias se passaram:
Sem descanso caminhava,
Quando avistei as paragens
Onde Mimosa morava.
Parei junto á mesma venda
Que tinha o mesmo balcão,
A mesma portinha estreita,
O mesmo bom vendilhão;
As mesmas teias de aranha,
Os mesmos barris vazios,
A mesma infiel balança,
O mesmo rol de vadios.
Vi defronte o mesmo rancho,
Em torno as mesmas collinas,
As mesmas côres nas plantas,
A mesma luz nas campinas!
Mas da casa de Mimosa
Nem um esteio existia,
E a Troya de tantos sonhos
Só em minh'alma vivia!

Cheio de mortal tristeza
Dirigi-me ao taberneiro:
— Preclaro negociante,
Sem igual no mundo inteiro,

Dizei-me, vós, cuja fama
Foi sempre séria e honrosa,
Dizei-me, por Deus vos peço,
Dizei-me, onde está Mimosa!

O homem das meias quartas
Lançou um sentido olhar,
Depois, abaixando o rosto,
Começou a soluçar!
— Mimosa!... disse, Mimosa!
Buscas por ella tambem?
Ah! depois que foi-se embora
Não ganho mais um vintem!
Estou perdido, arruinado,
Sem freguezes, meu amigo!
Nós somos dous infelizes:
Deixa que chore comtigo!

— Mas onde foi a traidora?
Com quem partio? — Eu não sei!
— Vou indagar.... — Nada alcanças.
Já de todos indaguei!
Sumio-se como um demonio!
Não deixou nem um signal!
Meu destino está traçado!
Morrerei n'um hospital!...

— Pelas orelhas de Judas!
Bradei. Si me fôr preciso
Descer aos negros infernos
E subir ao Paraiso,
Eu o farei! Porem juro

Que heide trazel-a commigo,
Preclaro negociante,
Meu illustre e nobre amigo.
Dizendo assim, as espóras
Enterrei em meu burrinho,
Que poz-se a rinchar alegre
Trotando pelo caminho.

Livro dia
10 de fevereiro de 1893
Servilio Soares

EPILOGO

. . . . . .

Leitor, meu leitor querido,
Homem da roça ou da praça,
Que tivestes a desgraça
De me prestar attenção;
Leitor do meu coração,
Ouvi, falta quasi nada
Para o fim desta embrulhada.

Escutai : era uma noite,
Noite horrenda e tenebrosa,
Noite de trovões medonhos
E de chuva copiosa...
As arvores da floresta,
Naquella noite funesta,
Tão fundamente gemiam
Que as estações pareciam
Dizer um ultimo adeus!
Eu caminhava ; no espaço
Subitanea luz sinistra
Sangrenta, sulphurea listra
Flammejou aos olhos meus!
Um estrondo immenso, horrivel
Ribombou pelo infinito!

Soltei um agudo grito,
Buscando ar pela amplidão;
Minha razão desvairou-se,
Minhas veias se gelaram,
Meus joelhos fraquearam,
Cahi sem forças no chão!

Mas quando senti de novo
No seio a vida.... Portento!
N'um esplendido aposento
Me achei! Que moveis pomposos!
Quantos paineis preciosos!
Que perfumes deleitosos!
Que prodigios me cercavam?
— Onde estou? gritei erguendo
A fronte dos travesseiros.
Então um homem, contando
Talvez sessenta janeiros,
Approximou-se dizendo :
— Amigo, esta casa é vossa;
Eu sou um homem da roça;
Dizem-me rico, importante,
Et cætera. Um viajante,
Meu compadre e meu vizinho,
Esta noite no caminho
Vos encontrou desmaiado.
Suppomos ter sido o raio
Que a poucos passos cahira
A causa desse desmaio.
Não 'stais ferido, louvado
Seja Deos. Agora, amigo,
Já disse, esta casa é vossa,
E eu sou um homem da roça,
Não vos zangueis pois commigo
Si vos deixo. Minha esposa,

Desvelada e cuidadosa,
Junto de vós ficará.
Assim dizendo, — Sinhá!
Gritou. Oh! cousa assombrosa!
Uma porta abrio-se, e airosa,
Mais bella do que uma fada,
Mais bella que a madrugada,
No meu quarto entrou Mimosa!

Si não findo a historia já,
Não sei como findará.

Li no dia
10 de fevereiro de 1893
Servilio Soares

ANTONICO E CORÁ

HISTORIA BRAZILEIRA

Homenagem ao genio desconhecido — a primeira inspiração brazileira,

O SR. TENENTE-CORONEL

ANTONIO GALDINO DOS REIS

Corá tinha vinte annos,
Antonico pouco mais;
Eram ambos dous pombinhos
Sem iguaes.

Amavam-se; n'este affecto
Ninguem dubios laços veja,
Elles estavam ligados...
Pela igreja.

Corá na voz, nos requebros,
Era mesmo uma hespanhola;
Antonico um Alexandre
Na viola.

Quatro annos de venturas
Passaram os dous no ermo;
Mas as ditas deste mundo
Têm um termo.

O nosso heróe obrigado,
Por uma questão urgente,
Teve de deixar a esposa
De repente.

Corá chorou por tres noites,
Por tres noites lamentou-se;
Mas no fim dessas tres noites...
Consolou-se.

Aonde fôra Antonico?
Bem não sei, nem bem me lembro:
Findava-se o mez, supponho,
De Setembro;

Passou Outubro, Novembro,
Dezembro e entrou Janeiro,
Antonico demorou-se
O anno inteiro!

Corá, cujos roseos sonhos
Mudavam-se em pó e fumo,
Tomou sem mais ceremonias
Outro rumo.

Mas onde estava Antonico?
Não sei. Dessas longes plagas

Guardo apenas na carteira
Notas vagas.

O que sei é que, no cabo
De tres ou de quatro mezes,
Procurou quem lhe fizesse
D'ella as vezes.

(D'ella, previno-te, amigo,
Que me refiro a Corá,
Como ao correr desta historia
Se verá.)

Ora bem, eis envolvido
Antonico um bello dia
No crime horrendo que chamam
Bigamia!

Misero o genio do homem!
A diversão não o cansa!
Tem por lei dos actos todos
A mudança!

Dous annos mais são passados,
E Antonico, quem diria!
De sua segunda esposa
Se enfastia!

Recorda-se dos encantos,
Da figura alta e faceira,
Dos requebros, dos olhares
Da primeira!

Maldiz o genio versatil
Que o fez mudar de mulher;
Nem mais um beijo á segunda
Dá siquer!

Jura, jura, como jura
Bom marido e bom christão,
Sanar de antigos direitos
A lesão.

Uma tarde se prepara,
E a pé, qual romeiro monge,
Põe-se contricto a caminho
Para longe.

Chegando á misera aldêa,
Cumprindo o triste fadario,
Vae logo bater á porta
Do vigario.

Era tarde, mas o padre,
Cheio de santo fervor,
Ouvio as queixas do afflicto
Peccador.

Meu amigo, disse, é noite,
Vai dormir um poucachinho;
Volta amanhã, fallaremos
Bem cedinho.

Passa revista em teus erros,
Em todos, em todos, filho,

Deus te lançará de novo
No bom trilho!

Assim fallou, e Antonico,
Fazendo uma reverencia,
Foi conversar com a pobre
Consciencia.

No dia seguinte, humilde,
Nos largos peitos batendo,
Voltou á casa do gordo
Reverendo.

Estava deitado o padre,
Sobre um mundo de lençóes,
Na cama em que repousaram
Seus avós;

Cama grande, forte, larga,
Fabricada para dois,
Cujo peso arrastaria
Trinta bois!

— Bom dia, senhor vigario.
— Bom dia, á confissão vem?
— Sim, senhor, póde attender-me?
— Muito bem...

— Não é mister levantar-me,
D'aqui o ouço, não acha?
Benzem-se, e as rezas começam
Em voz baixa.

Findas as rezas : — Accuse-se,
Murmura o bom reverendo...
Antonico enxuga os olhos
E, tremendo,

Principia : — Ah padre, padre,
Commetti um tal delito
Que sou de Deus e dos homens
Maldito!

Dos homens... ah! si soubessem
Da acção tão negra e tão feia,
Por certo que apodrecêra
Na cadeia!

— Não tenhas mêdo, prosegue,
Filho, em tua confissão ;
Deus nunca nega aos culpados
O perdão.

Furtaste acaso? — Não, padre.
— Violaste algum penhor?
— Não. — Calumniaste ? falla!
— Fiz peior!

— Peior! Juraste então falso?
Feriste alguem? — Não, senhor.
— Mataste, filho, mataste ?
— Fiz peior!

— Peior? Peior ? !... Então conta
O que has feito, si quizeres

Que te absolva! — Ah! meu padre!
Casei com duas mulheres!

— Casou com duas mulheres!?...
Com duas!?... o padre exclama;
E treme, agita-se, pula
Sobre a cama.

E uma feminil cabeça,
Ao som desta rude voz,
Surge d'entre as vastas ondas
De lençóes;

E ardendo por ver o monstro
Bi-casado, a erguer-se vae,
Quando um grito de seus labios
Rubros sae!

— Corá!... exclama Antonico;
— Compaixão!... brada Corá;
— O que é isto? indaga o padre;
— Que será!

E Corá logo mergulha,
Antes que a luta apparoça,
No meio dos travesseiros
A cabeça.

— O que é isto? O caso é grave,
Novo, intrincado, eu o creio!
Explica-te, filho, falla
Sem receio...

— Quer que eu falle, que me explique,
Que esclareça o facto, quer?
De-me então sem mais rodeios
A mulher!

A mulher que me pertence,
Que ahi repousa a seu lado!
É isto que eu chamo um feio,
Vil peccado!

O padre franze os sobr'olhos.
Esfrega as orelhas bentas,
Passa a lingua pelos labios,
Coça as ventas...

E falla: — Socega, filho,
Tudo, tudo arranjaremos,
Chega-te aqui para perto,
Conversemos:

— Que tal a tua segunda
Mulher? Faceira? Garbosa?
Clara ou morena? Morena?
Graciosa?

Gorda? — Gorda, sim, meu padre
— Olhos negros? — Lindos olhos!
— São ciladas á virtude!
São escólhos!

— São.. Quanto a braços, pescoço,
Cabellos... — Oh! lindos, bellos!

Que lindo collo! Que braços!
    Que cabellos!

— Bonitos, heim? diz o padre
Contente esfregando as mãos,
Pois obremos, filho, como
    Bons christãos...

Traze-m'a, pois, e comtigo
Levarás esta, formosa,
Legitima, incontestavel
    Boa esposa...

A carne de tua carne,
Mais o osso de teu osso...
E, assim se expressando, a porta
    Mostra ao moço.

Como as cousas se passaram,
Leitor, não guardo memoria...
Conclui como quizerdes
    Esta historia.

Li no dia
10 de fevereiro de 1843
[illegible]

CANTOS

DO ERMO E DA CIDADE

PRIMEIRA PAGINA

Louras abelhas, leves borboletas,
Voluveis beija-flôres,
Rapidos genios, hospedes dos ares,
Solitarios cantores,
Amantes uns das pompas das cidades,
Das galas e das festas,
Outros amigos das planicies vastas
E das amplas florestas ;
Alado mundo, turbilhão volante,
Bando de sonhos vagos,
Ora adejando em caprichosos gyros,
Ora em doces afagos
Pousando sobre as frontes scismadoras..
Vêde, desponta o dia,
Sucudi vossas azas vaporosas,
Exultai de alegria !
Ide sem medo, lucidas chimeras,
São horas de partir !.....
Ide, correi, voai, que vos desejo
O mais almo porvir !... — 1, — 10-2-93

S. Soares

VIUVA E MOÇA

Christo, onde estão as doutrinas,
Onde as maximas divinas
De caridade e de fé?
Cahirão como as sementes
Sobre os rochedos ardentes
De que fallavas ás gentes,
Sonhador de Nazareth!

Desde o romper d'alvorada
Ao lar deserto sentada,
Christo, Christo, choro em vão!
Tenho exhausta a paciencia,
Mas a santa providencia
É surda á minha indigencia,
Me deixa sem luz, sem pão!

Debalde invoco teu nome!
O negro abutre da fome
Róe-me as entranhas, Senhor!
Estão aridos meus peitos!
Sobre seus humidos leitos
Meus filhos, tristes, desfeitos,
Vertem lagrimas de dôr!

A multidão ruge e passa,
Ninguem pensa na desgraça

D'esta pobre habitação!
As privações se accumulão
E os instinctos estimulão,
Selvagens corceis que pulão
Quebrando o freio á razão!

Que fazer? De abysmo escuro
Levanta-se um vulto impuro,
Sinistra imagem do mal,
Tem a abundancia de um lado,
Nas mãos um cofre dourado,
Canta um canto condemnado,
Um canto de bacchanal!

E mostra-me seu thesouro
Replecto de pilhas de ouro,
De ouro de funesta luz!
Depois com astutas fallas
Me aponta brilhantes salas,
Cheias de pompas e galas,
Cheias de flores e luz!

E vejo pallidas sombras...
Que dansão sobre as alfombras,
Frio o riso, o olhar febril!
Tristes bellezas manchadas!
Tristes mumias coroadas
De grinaldas profanadas
Em noites de orgias mil!

Confusas vozes me chamão!
Os demonios me reclamão!

Que a miseria me vendeu!
Cerro tremendo os ouvidos,
Mas inda escuto os gemidos
De meus filhos repellidos
Pela terra e pelo céo!

Senhor! Senhor! este mundo
Avido, sordido, immundo,
Faz-me descrer té de ti!
Minh'alma está branca e pura,
Mas cega-me a desventura;
E entre o crime, entre a loucura,
Vacillo!... — Porque nasci!?...

Entregue aos vaivens da sorte,
Fraca, sózinha, sem norte,
Como poderei lutar?
Si ás vezes, entre a caligem,
Meus passos anjos dirigem,
Bem cedo o véo da vertigem
Me impede de caminhar!

A lei do dever é santa,
Mas a desdita a quebranta,
O mundo tem mais poder!
O espirito arqueja e cansa,
O mundo a victoria alcança,
Dos homens sobre a balança
Mais peso sempre hade ter!

Bati por todas as portas,
As virtudes estão mortas,

As crenças sem mais valor;
Ai! perdi toda a energia,
Minha mente desvaria,
Não tenho rumo nem guia;
Deverei morrer, Senhor?

Eu creio em ti, eu te adoro,
Mas as lagrimas que choro
Tu não vês das vastidões!
Deixas que eu soffra e padeça
Que a virtude depereça,
Mas que altivo se engrandeça
O vicio com seus brazões!

Christo, em vão te cruciaste!
Em vão aos homens deixaste
Preceitos de amor e fé!
Cahírão como as sementes
Sobre os rochedos ardentes
De que fallavas ás gentes,
Sonhador de Nazareth!

EU AMO A NOITE

Eu amo a noite quando deixa os montes,
Bella, mas bella de um horror sublime,
E sobre a face dos desertos quedos
Seu regio sello de mysterio imprime.

Amo o sinistro ramalhar dos cedros
Ao rijo sopro da tormenta infrene,
Quando antevendo a inevitavel quéda
Mandão aos ermos um adeos solemne.

Amo os penedos escarpados onde
Desprende o abutre o prolongado pio,
E a voz medonha do caiman disforme
Por entre os juncos de lodoso rio.

Amo os lampejos verde-azul, funereos,
Que ás horas mortas erguem-se da terra
E enchem de susto o viajante incauto
No cemiterio de sombria serra.

Amo o silencio, os areaes extensos,
Os vastos brejos e os sertões sem dia,
Porque meu seio como a sombra é triste,
Porque minh'alma é de illusões vazia.

Amo o furor do vendaval que ruge,
Das azas densas sacudindo o estrago,
Silvos de balas, turbilhões de fumo,
Tribus de corvos em sangrento lago.

Amo as torrentes que da chuva tumidas
Lanção aos ares um rumor profundo,
Depois raivosas, carcomendo as margens,
Vão dos abysmos pernoitar no fundo.

Amo o pavor das soledades, quando
Rolão as rochas da montanha erguida,
E o fulvo raio que flammeja e tomba
Lascando a cruz da solitaria ermida.

Amo as perpetuas que os sepulcros ornão,
As rosas brancas desbrochando á lua,
Porque na vida não terei mais sonhos,
Porque minh'alma é de esperanças nua.

Tenho um desejo de descanso, infindo,
Negão-me os homens; onde irei achal-o?
A unica fibra que ao prazer ligava-me
Senti partir-se ao derradeiro abalo!.....

Como a criança, do viver nas veigas,
Gastei meus dias namorando as flôres,
Finos espinhos os meus pés rasgarão,
Pisei-os ebrio de illusões e amores.

Sendal espesso me vendava os olhos,
Doce veneno lhe molhava o nó.....

Ai! minha estrella de passadas éras,
Porque tão cedo me deixaste só?

Sem ti, procuro a solidão e as sombras
De um céo toldado de feral caligem,
E gasto as horas traduzindo as queixas
Que á noite partem da floresta virgem.

Amo a tristeza dos profundos mares,
As aguas torvas de ignotos rios,
E as negras rochas que nos plainos zombão
Da insana furia dos tufões bravios.

Tenho um deserto de amarguras n'alma,
Mas nunca a fronte curvarei por terra!...
Ah! tremo ás vezes ao tocar nas chagas,
Nas vivas chagas que meu peito encerra!

Li-10-2-93
L. Loureiro

A VOLTA

A casa era pequenina...
Não era ? Mas tão bonita
Que teu seio inda palpita
Lembrando d'ella, não é ?

Queres voltar ? eu te sigo ;
Eu amo o ermo profundo...
A paz que foge do mundo
Préza os tectos de sapê.

Bem vejo que tens saudades...
Não tens ? Pobre passarinho !
De teu venturoso ninho
Passaste á dura prisão !

Vamos, as mattas e os campos
Estão cobertos de flôres,
Tecem mimosos cantores
Hymnos á bella estação.

E tu mais bella que as flôres.....
Não córes..... aos almos cantos
Ajuntarás os encantos
De teu gorgeio infantil.

Escuta, filha, a estas horas,
Que a sombra deixa as alturas,
Lá cantão as saracuras
Junto aos lagos côr de anil...

Os vagalumes em bando
Correm sobre a relva fria,
Emquanto o vento cicia
Na sombra dos taquaraes...

E os genios que alli vagueião,
Mirando a casa deserta.
Repetem de bocca aberta:
— Acaso não virão mais?

Mas nos iremos, tu queres,
Não é assim? nós iremos;
Mais bellos reviveremos
Os bellos sonhos de então.

E, á noite, fechada a porta,
Tecendo planos de glorias,
Contaremos mil historias,
Sentados junto ao fogão.

Li-10-2-93
S. Soares

A DESPEDIDA

I.

Filha dos serros onde o sol se esconde,
Onde brame o jaguar e a pomba chora,
São horas de partir, desponta a aurora,
Deixa-me que te abrace e que te beije.

Deixa-me que te abrace e que te beije,
Que sobre o teu meu coração palpite,
E dentro d'alma sinta que se agite
Quanto tenho de teu impresso n'ella.

Quanto tenho de teu impresso n'ella,
Risos ingenuos, prantos de criança,
E esses tão lindos planos de esperança
Que a sós na solidão traçamos juntos.

Que a sós na solidão traçamos juntos,
Sedentos de emoções, ebrios de amores,
Idolatras da luz e dos fulgores
De nossa mãi sublime, a natureza!

De nossa mãi sublime, a natureza,
Que nossas almas n'uma só fundíra,

E a inspiração soprára-me na lyra
Muda, arruinada nos mundanos cantos.

Muda, arruinada nos mundanos cantos,
Mas hoje bella e rica de harmonias,
Banhada ao sol de teus formosos dias,
Sanctificada á luz de teus encantos!

II.

Adeos! Adeos! A estrella matutina
Pelos clarões d'aurora deslumbrada
Apaga-se no espaço,
A nevoa desce sobre os campos humidos,
Erguem-se as flores tremulas de orvalho
Dos valles no regaço.

Adeos! Adeos! Sorvendo a aragem fresca,
Meu ginete relincha impaciente
E parece chamar-me...
Transpondo em breve o cimo d'este monte,
Um gesto ainda, e tudo é findo! O mundo
Depois póde esmagar-me.

Não te queixes de mim, não me crimines,
Eu depuz a teus pés meus sonhos todos,
Tudo o que era sentir!
Os algozes da crença e dos affectos
Em torno de um cadaver de ora em diante
Hão de embalde rugir.

Tu não mais ouvirás os doces versos
Que nas varzeas viçosas eu compunha,
Ou junto das torrentes;

Nem teus cabellos mais verás ornados,
Como a pagan formosa, de grinaldas
De flores rescendentes.

Verás tão cedo ainda esvaecida
A mais linda visão de teus desejos,
Aos lategos da sorte!
Mas eu terei de Tantalo o supplicio!
Eu pedirei repouso de mãos postas,
E será surda a morte!

Adeos! Adeos! Não chores, que essas lagrimas
Coão-me ao coração incandescentes,
Qual fundido metal!
Duas vezes na vida não se as vertem!
Enxuga-as, pois; si a dôr é necessaria,
Cumpra-se a lei fatal!

Li no dia
10 de fevereiro de 1893
Lucilio Soares

CONFORTO

Deixo aos mais homens a tarefa ingrata
De maldizer teu nome desditoso;
Por mim nunca o farei:
Como a estrella no céo vejo tu'alma,
E como a estrella que o volcão não tolda,
Pura sempre a encontrei.

Dos juizos mortaes toda a miseria
Nos curtos passos de uma curta vida
Tambem, tambem soffri,
Mas contente no mundo de mim mesmo,
Menos grande que tu, porem mais forte,
Das calumnias me ri.

A turba vil de escandalos faminta,
Que das dôres alheias se alimenta
E folga sobre o pó,
Hade soltar um grito de triumpho,
Si vir de leve te brilhar nos olhos
Uma lagrima só.

Oh! não chores jamais! A sêde immunda,
Prantos divinos, prantos de martyrio,
Não devem saciar.....

O orgulho é nobre quando a dôr o ampara,
E si lagrima verte é funda e vasta,
Tão vasta como o mar.

È duro de soffrer, eu sei, o escarneo
Dos seres mais nojentos que se arrastão
Ganindo sobre o chão,
Mas a dôr magestosa que incendêa
Dos eleitos a fronte, os vis deslumbra
Com seu vivo clarão.

Curve-se o ente imbelle que, despido
De crenças e firmeza, implora humilde
O arrimo de um senhor,
O espirito que ha visto a claridade
Rejeita todo auxilio, rasga as sombras,
Sublime em seu valor.

Deixa passar a douda caravana,
Fica no teu retiro, dorme sem medo,
Da consciencia á luz;
Livres do mundo um dia nos veremos,
Tem confiança em mim, conheço a senda
Que ao repouso conduz.

VISÕES DA NOITE

Passai, tristes phantasmas! O que é feito
Das mulheres que amei, gentis e puras?
Umas devorão negras amarguras,
Repousão outras em marmoreo leito!

Outras no encalço de fatal proveito
Buscão á noite as saturnaes escuras,
Onde, empenhando as murchas formosuras,
Ao demonio do ouro rendem preito!

Todas sem mais amor! sem mais paixões!
Mais uma fibra tremula e sentida!
Mais um leve calor nos corações!

Pallidas sombras de illusão perdida,
Minh'alma está deserta de emoções,
Passai, passai, não me poupeis a vida!

O CANTO DOS SABIÁS

Serão de mortos anjinhos
O cantar de errantes almas,
Dos coqueiraes florescentes
A brincar nas verdes palmas,
Estas notas maviosas
Que me fazem suspirar?

São os sabiás que cantão
Nas mangueiras do pomar.

Serão os genios da tarde
Que passão sobre as campinas,
Cingido o collo de opalas
E a cabeça de neblinas,
E fogem, nas harpas de ouro
Mansamente a dedilhar?

São os sabiás que cantão..:
Não vês o sol declinar?

Ou serão talvez as preces
De algum sonhador proscripto,
Que vagueia nos desertos,
Alma cheia do infinito,
Pedindo a Deos um consolo
Que o mundo não póde dar?

São os sabiás que cantão...
Como está sereno o mar!

Ou, quem sabe? as tristes sombras
De quanto amei n'este mundo,
Que se elevão lacrimosas
De seu tumulo profundo,
E vêm os psalmos da morte
No meu desterro entoar?

São os sabiás que cantão...
Não gostas de os escutar?

Serás tu, minha saudade?
Tu, meu thesouro de amor?
Tu que ás tormentas murchaste
Da mocidade na flôr?
Serás tu? Vem, sê bemvinda,
Quero te ainda escutar!

São os sabiás que cantão
Antes da noite baixar.

Mas ah! delirio insensato!
Não és tu, sombra adorada!
Não são canticos de anjinhos,
Nem de phalange encantada,
Passando sobre as campinas
Nas harpas a dedilhar!

São os sabiás que cantão
Nas mangueiras do pomar!

O RESPLENDOR DO THRONO

Que vale a pompa e o resplendor do throno!
Triste vaidade! O alvergue de um colono
Mais encantos encerra e mais doçuras!
De calma consciencia á sombra amiga
Floresce o riso e o jubilo se abriga,
Livre de enganos e visões escuras.

Quem não aspira da grandeza aos combros
Tem segura a cabeça sobre os hombros,
E a vereda conhece onde caminha;
Dorme sem medo, acorda sem pezares,
E vê, feliz, a prole junto aos lares
Vigorosa estender-se como a vinha.

Sob os doceis dos solios a mentira
Boceja e o corpo sensual estira
No tapete macio dos degráos.....
São sempre incertos do reinante os passos!
Ame embora a verdade, occultos laços
Prendem-o cego aos calculos dos máos!

Oh! ditoso mil vezes o operario!
Ama o trabalho, e o modico salario
De prantos nem de sangue está manchado!
Combates não planeja em vasta liça!

Nem das victimas ouve da injustiça
A queixa amarga e o clamoroso brado!

Não desperta alta noite em sobresalto!
Nem dos cuidados ao cruento assalto
Sobre o ouro e o setim geme e delira!
Qual manso arroio sobre a terra corre,
E no meio dos seus tranquillo morre
Como a nota de um canto em branda lyra!

Não invejeis as pompas das alturas!
O raio deixa os valles e as planuras,
A tempestade preza as serranias!....
Quereis saber da magestade a gloria?
Lede nos regios tumulos a historia
Dos soberanos de passados dias!

Li - 10-2-93
S. Soares

EM VIAGEM

A vida nas cidades me enfastia,
Enoja-me o tropel das multidões,
O sopro do egoismo e do interesse
Mata-me n'alma a flôr das illusões.

Mata-me n'alma a flôr das illusões
Tanta mentira, tão fingido rir,
E cheio e farto de tristeza e tedio
Rejeito as glorias de fallaz porvir!

Rejeito as glorias de fallaz porvir,
Galas e festas, o prazer talvez,
E busco altivo as solidões profundas
Que dormem quedas do Senhor aos pés.

Que dormem quedas do Senhor aos pés,
Ao doce brilho dos clarões astraes,
Ricas de gozos que não tem o mundo,
Prodigas sempre de belleza e paz!

SERENATA

Em teus travessos olhos,
Mais lindos que as estrellas,
Do espaço, ás furtadelas,
Mirando o escuro mar,
Em teu olhar tyrannico,
Cheio de vivo fogo,
Meu ser, minh' alma afogo
De amor a suspirar.

Si teus encantos todos
Eu fosse a enumerar!...

D'esses mimosos labios
Que ao beija-flôr enganão,
D'onde perpetuos manão
Perfumes de enleiar,
D'esses lascivos labios,
Macios, purpurinos,
Ouvindo os sons divinos,
Me sinto desmaiar.

Si teus encantos todos
Eu fosse a enumerar!....

Tuas madeixas virgens,
Cheirosas, fluctuantes,

Teus seios palpitantes
Da sêde do gozar,
    Tua cintura estreita,
Teu pé subtil, conciso,
Obumbrão-me o juizo,
Apagão-me o pensar.

Si teus encantos todos
Eu fosse a enumerar!...

    Ai! quebra-me estes ferros
Fataes que nos separão,
Os doudos que os forjárão
Não sabem, não, amar.
    Dá-me teu corpo e alma,
E, á luz da liberdade,
Oh! minha divindade,
Corramos a folgar.

Si teus encantos todos
Eu fosse a enumerar!...

A SOMBRA

Longe, longe das aguas marinhas,
Sobre vastas campinas pousada,
Sempre aos raios de um sol resplendente,
Se ostentava risonha morada.

Nas planicies que a vista não vence
Espalhadas pastavão cem rezes,
Ora junto das fontes tranquillas,
Escondidas no mato outras vezes...

Ao portão, de manhã, reunidas,
Meio occultas no véo da neblina,
O senhor esperar parecião
Sempre amigo da luz matutina.

E, depois que seu vulto bondoso
Da janella sorrindo as olhava,
Se afastavão contentes, pulando
Sobre a grama que o orvalho banhava.

Quando alem das montanhas o dia
Apagava seu raio final,
Acudindo do amo aos clamores
Todo o gado se achava no val.

em torno d'elle um circulo formando,
Humildes e silentes,
Cada qual por sua vez se adiantando,
Vinhão lamber o sal que apresentavão
As mãos benevolentes,
As mãos benevolentes que adoravão.
E o manso gado as fallas lhe entendia,
E os tenros bezerrinhos
Saltitavão trementes de alegria
A seus meigos carinhos.....
Talvez sondasse n'esses pobres brutos,
Sob esses pellos rispidos, hirsutos,
Um occulto clarão,
Raio de encarcerada intelligencia,
Que a douda, pobre e misera sciencia,
Trucidando sem pena a creação,
Procura sempre, mas procura em vão.

Passárão tempos, e o vaqueiro é morto..
Da velha habitação só muros restão,
E ás já despidas, murchas laranjeiras
Espinheiros entestão.

Sobre montões de pedra as lagartixas
Leves se arrastão sobre o musgo vil,
Trahidoras vespas nos esteios podres
Formarão seu covil.

O sol, que outr' ora derramava em torno
Raios de luz, torrentes de alegria,
Hoje atira do espaço ao lar deserto
Um riso de ironia.

Não mais perfumes pelos ares gyrão,
Não mais os ventos suspirando passão,
Sómente impuro odor, silvo de serpes
No ambiente perpassão.

Parece que ao pairar n'esses lugares
Todo o seu odio o estrago sacudira,
E o espirito do mal no chão gretado
A saliva cuspira.

Viajor, viajor, não te approximes
Do ermo sitio que o terror marcou,
A mão de Deos talvez ardendo em iras
Pesada ali tocou.

Porem quando no occidente
Vai baixando o orbe immortal,
As rezes sempre constantes
Se ajuntão todas no val.

E n'essa mesma paragem,
Onde as chamava o senhor,
Talvez do defunto á sombra
Reunem-se ao derredor.

E mugem, mugem debalde,
Tristonhas cavando o chão,
Fitando doridos olhos
No astro rei da amplidão.

Mas o sol não as escuta,
Mas o sol cahindo vai,
Imagem de um deos cruento,
Cruenta imagem de pai.

E o caminheiro, que ao longe
Das serras descendo vem,
Não passa perto das ruinas,
Procura outra senda alem.

Li no dia
10 de fevereiro de 1893
Emilio Luiz

A DIVERSÃO

Escravo, enche essa taça,
Enche-a depressa, e canta!
Quero espancar a nuvem da desgraça
Que além nos ares lutulenta passa,
E meu genio quebranta.

Tenho n'alma a tormenta,
Tormenta horrenda e fria!
Debalde a douda conjural-a tenta,
Luta, vacilla e tomba macilenta
Nas vascas da agonia!

Pois bem, seja de vinho,
No delirar insano,
Que afogue minhas lagrimas mesquinho!...
Então envolto em purpura e arminho
Serei um soberano!

Cresce, transpõe as bordas
De brilhante crystal,
Torrente amada que o prazer acordas...
Toma a guitarra, escravo! afina as cordas,
E viva a saturnal!

Já corre-me nas veias
Um sangue mais veloz...
Anjos... inspirações... mundos de idéas,
Sacudi-me da fronte as sombras feias
D'este scismar atroz!

Que celestes bafagens!
Que languidos perfumes!
Que vaporosas, lucidas imagens
Dansão vestidas de subtis roupagens
Entre esplendidos lumes!

Tange mais brando ainda
Esse mago instrumento!...
Mais... ainda mais! Que maravilha infinda!
Que plaga immensa, luminosa e linda!
Que de vozes no vento!

São as houris divinas
Que junto a mim perpassão,
Ou de Schiraz as virgens peregrinas,
Que cingidas de rosas purpurinas
Chorão Bulbul e passão?

Oh! não, que não são ellas,
Mas ai! meus sonhos são!
São do passado as vividas estrellas,
Que á flux rebentão cada vez mais bellas,
De mais puro clarão!

São meus prazeres ídos!
Minha extincta esperança!

São... Mas que nota fere-me os ouvidos?
Escravo estulto, abafa esses gemidos!
Canta o riso e a bonança!

Canta a paz e a ventura,
O mar e o céo azul!...
Quero olvidar minha comedia escura,
E a ledos sons as larvas da loucura
Bater como Saul!

Leva-me ás densas mattas
Onde viveu Celuta;
Faze-me um leito á margem das cascatas,
Ou nas alfombras humidas e gratas
De recondita gruta.

Assim... assim! Fagueiras,
Escuto já nos ares
As vozes das donzellas prazenteiras,
Que dansão rindo ao lume das fogueiras
No centro dos palmares.

Mais vinho! Oh! philtro mago!
Só tu pódes no mundo
Mudar os gyros do destino vago,
E fazer do martyrio um doce afago,
De uma taça no fundo!

Oh! patriarcha antigo!
Oh! bebedor feliz

Do rôxo sumo da parreira, amigo!
Teu nome invoco, abraço-me comtigo,
Vem, vem ser meu juiz!

Basta, servo, de cantos;
Quero dormir, sonhar,
Sinto do vinho os ultimos encantos....
Molhão-me as faces amorosos prantos,
Vou reviver e amar!

Li um dia
10 de fevereiro de 1893
Serrilio Lobo

A LENDA DO AMAZONAS

Quando vestido de brilhante purpura
Surgia o sol no céo,
Deixei a medo os magestosos pincaros
Onde habita o condor,
E guardando do frio os seios tremulos
Nas dobras do brial,
Como errante cegonha ou pomba timida,
Ás planicies voei.
Em meus cabellos ciciavão, languidos,
Os sopros da manhã,
Clarões e nevoas, iriantes circulos,
Gyravão-me ao redor...
Mas sobre um leito de tecidos flacidos,
Inclinada a sorrir,
Deixava-me rolar aos doces canticos
Dos genios do arrebol.
Já perdendo de vista os Andes túrbidos
Sobre rochas pousei.....
Sobre rochas pousei... as virgens candidas,
Louras filhas do ar,
Trocárão-me do corpo a ethercа tunica
Por manto de crystal,
Cantárão-me ao ouvido um hymno magico
Que fallava de amor,
Tão meigo e triste como a voz da America
Em seu berço de luz.
Cingirão-me a cabeça dos mais limpidos

Diamantes e rubins;
Das borboletas leves e translucidas
Do verde Panamá
Formárão-me subtil, brilhante sequito;
Aspergêrão-me os pés
Do perfume das flôres mais balsamicas
Das savanas sem fim,
E, me apontando da floresta os dedalos
Pejados de frescor,
Derão-me abraços mil, ardentes osculos,
E deixárão-me só.....
E deixárão-me só; — nos vastos ambitos
Sem rumo, me perdi,
Meus olhos inundárão-se de lagrimas,
Quiz aos montes voltar...
Mas o threno saudoso dos espiritos
A minh'alma fallou,
E ao grato accento d'essas queixas mysticas
De novo me alentei.
Desci das brenhas pensativa, attonita,
Olhos fitos além;
Meu manto sobre a rocha um surdo estrepito
Desprendia ao roçar...
E meus cabellos borrifados, humidos
De sereno estival,
Salpicavão, ao sol, de infindas perolas
O desnudado chão.
Os velhos cedros com seus ramos asperos
Saudárão-me ao passar,
Os cantores das mattas, em myriades,
Os coqueiraes senis
Bradárão n'uma voz: — Oh! filha esplendida
Da eterna creação,
Corre, que ao lado do soberbo thalamo
Por ti suspira o mar!.....
Ao meio dia, extenuada, morbida

Pelo intenso calor,
De um mundo ignoto sob a immensa cupula
Solitaria me achei.
Argenteas fontes, sonorosos zephyros,
Rumores divinaes,
Grutas de sombra e de frescura próvidas,
Multicôres doceis,
A cujo abrigo um turbilhão de passaros
Cruzava-se a trinar.
Um não sei que de vago e melancolico,
De infinito talvez,
Accendêrão-me ao seio a chamma insolita
De estranha sensação!
Sentei-me ao lado de um rochedo concavo
E procurei dormir.....
E procurei dormir; — as plagas tumidas,
O indizivel amor
Que transudava dos susurros epicos
Dos sombrios pinhaes,
Em cujas grimpas ramalhavão seculos,
Dormia a tradição;
Da rôla do deserto as flebeis supplicas,
A tenue, frouxa luz
Coando entre os rasgados espiraculos
D'esse zimborio audaz
Por mil columnas desmarcadas, rispidas,
Sustentado ante o céo,
Vedárão-me o repouso, e a mente extatica.
Em santa reflexão
Senti volver-se as scenas de outras épocas.
Ah! que tudo passou!
Como o sol era bello e a terra lucida!
Como era doce a paz
Da familia indiana em noite placida
Junto ao fogo a dansar!
Como era calmo e bello e vivo o jubilo

Das filhas de Tupan
Depondo junto ao fogo os anchos cantaros,
E atrás dos colibris
Correndo alegres nos relvosos paramos!
E a voz do pescador
Sobre as aguas plangentes e diaphanas
De ameno ribeirão...
E o rapido silvar das settas rapidas,
Os urros do jaguar...
A volta da caçada, os hymnos fervidos
Nos festins annuaes...
Tudo findou-se! A mão cruel, mortifera,
De uma idade feroz
Tantas glorias varreu, e nem um distico
Deixou no chão siquer!
Apenas no deserto ermos sarcophagos
Sem mais cinzas, nem pó,
Negras imagens de figuras hybridas,
Soltas aqui e alli,
Resistem do destino ao rijo latego!...
Mas das éras de então
Nada revelão no silencio gelido!.....
Meu Deos e meu Senhor!
Eu que vi construir-se o immenso portico
Do edificio immórtal,
D'onde ao vivo luzir dos astros fulgidos
Todo o ser rebentou,
Eu que pelas planicies inda calidas
De vosso bafejar,
Vi deslizar o Tigre, o Euphrates celebre,
O sagrado Jordão...
Eu sem nome, sem glorias e sem patria,
Entre os densos cocaes,
Ia, bem como as gerações sem numero,
Absorta escutar
Dos santos cherubins a voz melodica!...

Eu que pobre e sem guia,
Pobre e sem guia nos desertos aridos,
Teu poder, grande Deos,
Presentia no ar, no céo, nos atomos...
Vi tambem sob o sol
Afogarem-se os orbes no crepusculo
De uma noite fatal,
E á lareira da vida erguer-se impavido
O nada aterrador!
Vi n'um combate pavoroso e tetrico,
Torva, escura epopéa,
O phantasma do estrago, a morte esqualida
Vencer a creação,
Devorar-lhe sem pena as quentes visceras,
Dilacerar sem dó
Da madre natureza as fibras intimas!
Vi, á luz dos fuzis,
Do abutre da tormenta á insana colera
A floresta cahir;
Vi negras feras e serpentes perfidas,
Demonios de furor,
Alastrarem a terra de cadaveres
De pobres animaes;
E d'este solo de immundicias lubrico,
Tambem vi se elevar
A propria vida de destroços putridos!...
Meu Deos e meu Senhor,
O que diz esta lei crua e fatidica?...
Sobre o valle da dôr,
Sobre o valle da dôr mirando as nuvens,
Scismando no porvir,
Eu tambem moça sinto-me decrepita!
Vê-me a aurora nascer,
Mas ouve a noite meus cantares funebres!
A alvorada outra vez
Das cinzas de meus restos inda tepidas

Rediviva me vê!...
Eu murmurava assim triste e perplexa
Cortando a solidão...
As estrellas surgião bellas, nitidas
No ceo de puro anil,
O bando vagabundo das luciolas
Rastejando os paues
Derramavão clarões debeis e fatuos
Nas plantas ao redor,
Linguas de fogo verde-azul phosphorico
Cruzavão-se no ar...
A terra e os astros n'um sorrir reciproco
Parecião se unir,
Uma para beijar o azul sidereo,
Outros para verter
No seio que soffre um doce balsamo.
A branca lua
Pura se erguia na celeste abobada,
Tudo era paz e amor,
Vozes e saudações, hymnos angelicos!
Um tenue, langue véo
Senti passar-me pelos olhos avidos;
Um perfume feliz
Ungio-me a fronte de venturas ebria,
Pensei adormecer!
Mas ah! quando de novo abri as palpebras,
Reclinado a meus pés,
Coroado de espuma e chammas vividas,
Prostrado estava o Mar.

Como a noite era bella e a terra lucida!

Li no dia
10 de fevereiro de
1893
Servilio Soares

ESTANCIAS

O que eu adoro em ti não são teus olhos,
Teus lindos olhos cheios de mysterio,
Por cujo brilho os homens deixarião
Da terra inteira o mais soberbo imperio.

O que eu adoro em ti não são teus labios,
Onde perpetua juventude mora,
E encerrão mais perfumes do que os valles
Por entre as pompas festivaes d'aurora.

O que eu adoro em ti não é teu rosto
Perante o qual o marmor descorára,
E ao contemplar a esplendida harmonia
Phidias, o mestre, seu cinzel quebrára.

O que eu adoro em ti não é teu collo,
Mais bello que o da esposa israelita,
Torre de graças, encantado asylo,
Aonde o genio das paixões habita.

O que eu adoro em ti não são teus seios,
Alvas pombinhas que dormindo gemem,
E do indiscreto vôo d'uma abelha
Cheias de medo em seu abrigo tremem.

O que eu adoro em ti, ouve, é tu' alma,
Pura como o sorrir de uma criança,
Alheia ao mundo, alheia aos preconceitos,
Rica de crenças, rica de esperança.

São as palvaras de bondade infinda
Que sabes murmurar aos que padecem,
Os carinhos ingenuos de teus olhos
Onde celestes gozos transparecem!...

Um não sei que de grande, immaculado,
Que faz-me estremecer quando tu fallas,
E eleva-me o pensar além dos mundos
Quando, abaixando as palpebras, te calas.

E por isso em meus sonhos sempre vi-te
Entre nuvens de incenso em aras santas,
E das turbas solicitas no meio
Tambem contricto hei te beijado as plantas.

E como és linda assim! Chammas divinas
Cercão-te as faces placidas e bellas,
Um longo manto pende-te dos hombros
Salpicado de nitidas estrellas!

Na douda pyra de um amor terrestre
Pensei sagrar-te o coração demente...
Mas ao mirar-te deslumbrou-me o raio...
Tinhas nos olhos o perdão somente!

L. 10-2-93

S. Soares

QUADRINHAS

Quando a fronte descorada
Pende o poeta a scismar,
Murmura o vulgo insensato :
— Eil-o mundos a forjar.

Eil-o errando entre as estrellas,
Roubando os raios ao sol,
Beijando as fadas que dansão
Sobre magico arrebol.

Pobre vulgo! Que destino
Dos dous é mais bello e puro,
Sonhar á luz das espheras
Ou dormir no vicio escuro?

Adorar o ser dos seres
Sobre as aras do ideal ;
Ou beijar as frias plantas
De uma estatua de metal?

Dizer : — é curta esta vida,
Floco de espuma fallaz,
Quero erguer minha alma aos astros,
Deixarei a terra aos mais...

Ou murmurar aterrado
Perante a suprema lei :
— Porque tenho de apartar-me
Da lama que tanto amei?...

Por mim, oh! deixa-me sempre
Nos meus sonhos adorados,
Mais brilhantes que o prestigio
Dos crimes condecorados...

Embora a prole de Midas
E os levitas da mentira
Desprezem-me, vis! que importa?
Não tenho acaso uma lyra?....

Errarei entre as estrellas,
Por Deos, que mais bellas são
Do que os silvos da calumnia,
Do que a voz da adulação...

Do que as alcovas do vicio,
Sinistro, infernal painel,
De infelizes que solução
Vertendo prantos de fel!..

Oh! selvas de minha terra!
Oh! meu céo de azul setim!
Regatos de argenteas ondas!
Verdes campinas sem fim!

Morenas virgens dos montes,
Anjos de graças e amor,

Que rejeitais mil diamantes
Por uma cheirosa flôr!

Que entre risos feiticeiros
Contemplais vossa belleza,
Á sombra dos ingázeiros,
No espelho da correnteza!

Não vos tenho? que me importão
Glorias de cinza e de pó,
E entre as turbas que vozeião
Viver desprezado e só?

Quero correr os desertos,
Devassar as cordilheiras,
Matar a sêde e o cansaço
Nas aguas das cachoeiras.

Quero ao descer as montanhas,
Á luz que o luar espalha,
Ouvir no valle a viola
Soar na choça de palha.

Ver descer os lavradores
Pelas encostas dos montes,
Emquanto lindas, faceiras,
Voltão as filhas das fontes...

E cantão trovas alegres,
E folgão pelo caminho,

No ar bebendo offegantes
O aroma do rosmaninho...

Quero nos ranchos, á noite,
Á claridão das fogueiras,
Ouvir contar os tropeiros
Historias aventureiras.

Quero paz, quero harmonias,
Liberdade, inspiração,
Que a poeira das cidades
Me atrophia o coração.

E, quando o gelo da morte
Sobre meus olhos baixar,
Deixem-me á sombra d'um cedro
Junto ás selvas repousar.

Lisboa
10 de fevereiro
de 1893

Lemos Monteiro

O GENERAL JAUREZ

Triste o dom da linguagem!... Que eu não possa
Fundir meu pensamento
Em duro bronze ou marmore alvejante!
Vasar uma por uma
As sensações que fervem-me no peito
Aos olhares do mundo!
Arrebatar ás lucidas espheras
A celeste harmonia!
Roubar á madrugada as aureas pompas!
Arrancar aos desertos
A mais audaz hyperbole que encerrão
Seus poemas gigantes!.....

Juarez! Juarez! sempre teu nome
Da liberdade ao lado!
Sempre teus brados ao passar dos ventos!
Sempre a lembrança tua
A cada marulhar de humanas vagas!
Em que fonte sagrada
Bebeste esse valor e essa firmeza
Que os revezes não quebrão?
Acaso viste, appareceu-te acaso
O espirito dos livres
Nos comoros de neve immaculada
Das patrias cordilheiras?
Escutaste-lhe a voz? Viste-lhe o rosto?

Osculaste-lhe as plantas ?
Tocaste-lhe os vestidos resplendentes ?...
Assim devêra-o ser:
Junto dos céos, nas vastas assomadas
Cingidas de neblinas,
Ouvindo o eterno estrepito dos mares
Conheceste a ti mesmo.
Alto, mais alto que esses altos pincaros,
Soletraste teu fado
No pavilhão sem fim que abriga os orbes,
E na luz te sagraste !
Mediste a exigua estancia da existencia,
Viste que teu destino
Não era semelhante aos dos mais homens
Que nascem na mentira,
Crescem á sombra de interesses torpes,
Cevão-se de vaidades,
Furtão-se ao pharo augusto do futuro,
E após ligeiro prazo
De loucas ambições, de vicios negros,
Legão á mãi commum
Um punhado de cinza e de miserias,
Inuteis té na tumba !

Ah ! si entre os filhos d'este ingrato tempo
Póde algum reclamar
De heróe o nome, o nome de escolhido...
Não, não será de certo
O cruento levita do exterminio
Que as planicies ensopa
No sangue negro de milhões de victimas :
Nem o torvo embusteiro
Que sentindo a corôa mal segura
Abalar-se na fronte,

O tino perde, e corre devastando
Tudo quanto o circumda.

E nem tão pouco o estolido occupante
De um apparente solio,
Onde reluz a mica em vez do ouro,
E ganem os mastins
Sobre os degráos molhados de saliva.
Porém tu, Juarez,
Tu e a sublime pleiade de eleitos
Que na historia dos povos
Sobre montões de algemas, triumphantes,
Abrem aos seus os braços,
E em vez de diadema a fronte cingem
De ramos de oliveira.

Quão enganada marcha a tyrannia!
Quão cego o despotismo
Paira e volteia n'estas virgens plagas!
Ha no seio da America
Um mundo novo a descobrir-se ainda:
Senhores de além-mar,
Quereis saber onde esse mundo existe?
Quereis saber seu nome?
Sondai o peito á raça americana,
E n'esse mar sem fundo,
Inda aquecido pelo sol primeiro,
Vereis a liberdade!

Tu a encaraste, Juarez, de perto!
No mais fundo das mattas,
Onde a mãi natureza te mostrava
Um codigo mais puro

Do que os preceitos da infernal sciencia
Cujas lettras malditas
Queimão do pergaminho a lisa face,
Aprendeste o segredo
Que desde a hora prima do universo
As torrentes murmurão!
E contemplando o ermo, o céo, as aguas,
Choraste por ser homem!

Mas dos volcões sorvendo o fumo espesso,
Transpondo os areaes,
Buscando asylo nas florestas amplas,
Arrostando as tormentas
Entre um pugilo de guerreiros bravos,
Pejaste de legendas
Todo o deserto que teus pés tocárão!
E as solidões sorrião,
Os abutres sahião de seus antros,
As turbas dos selvagens
Vinhão surprezas se postar nos montes
Para ver-te passar!

O espirito de um povo nunca morre:
Não, não forão os homens
Que, sobre o globo prolongando a vista,
Regiões escolhêrão,
E formárão nações, usos e crenças;
Não, uma occulta lei
Disse: — ao Arabe as terras arenosas,
Aos Germanos a neve;
Aqui o fogo, a luz... alli neblinas;
N'esta calmos pastores,
Alli fortes guerreiros; sonhos, crenças,
Lhes servem de defesa.

A idéa cresce, avulta ou se concentra;
A indole se expande,
Ou no amago d'alma ruge oppressa.
Prometheo sobre o Caucaso
Tem por medida de seu nobre orgulho
O figado sangrento
Que o passaro roaz lacera embalde.
Encelado dormita,
Mas ao mover-se no abrasado leito
Derrama sobre a terra
Uma golphada de betume escuro
E chammas devorantes.

De teu povo adorado a occulta chaga
Tu a tocaste, heróe !.....
Quando ao ninho do passaro soberbo
Que as alturas devassa
Baixa e repousa o corvo deslavado,
E os condores implumes
Pião de medo á sombra do inimigo,
Tambem no azul dos céos
Solta um grito de raiva, as azas bate
E veloz como o raio
Hirto se arroja o principe das aves
Ao abrigo invadido.

Como imperfeito esboço em tela impropria,
Como pallida rima
Sobre confuso, insipido poema,
A gloria de uma raça
Ninguem póde apagar no vasto livro
Que pertence ao porvir.
Embora a escravidão, guerras, flagicios
O brilho lhe escureção,

Não morre uma nação, nem se aliena!
Antes no espaço
Mais facilmente um mundo se dissolve,
E torna-se em poeira!

Sombras illustres dos guerreiros mortos
Na quadra lutulenta
Em que a patria limava os duros ferros
Das hispanas cadeias,
Erguei-vos n'esses campos celebrados
Onde os tenues arbustos
Nas noites calmas relatar parecem
Vossos feitos sublimes;
Vinde, a patria vos chama, a patria chora.
A patria vos invoca,
A patria mira Juarez, afflicta,
Soluça e pensa em vós!

Bravos da liberdade mexicana!
Invicto general!
Olhai, olhai, não vedes a victoria?.....
Não, ao tronco gigante,
Gloria das selvas, marco das idades,
Não deixeis que se enlace
A parasita vil, e a seiva beba,
E sobre seu cadaver
Cheia de vida eleve-se nos ares!
Não deixeis que a serpente
Sobre o jaguar enrole-se esfaimada,
E espedace-lhe os ossos!

Mortal mais do que um genio! si entre os brados
De teus fortes guerreiros,

Si entre os applausos de teu povo grato
Escutares de longe
Os pobres cantos d'um poeta obscuro,
Ah! perdôa-lhe o arrojo!
Cegou-lhe o resplendor da liberdade,
Sonhou irmãs e unidas
Todas as raças das columbias terras!
Cantou, aceita o canto,
Aceita-o; no alcaçar dos potentadas
Jámais alguem o ouvio!

Li no dia
10 de fevereiro de 1893
Serrilio Soares

A FILHA DAS MONTANHAS

(ELEGIA)

Esta viveu no meio das montanhas:
Foi seu passar um vôo de andorinha
Á flôr de lago azul, seus verdes annos
Contárão-se por flôres...
Desconheceu as sedas e os velludos,
Finas alfaias, peregrinas joias...
Talvez pensando no clarão dos astros
Zombasse dos diamantes!...
O coração pollue-se nas cidades:
Podem ser bons os homens isolados,
Mas si o nó social n'um corpo os liga,
Meu Deos! tornão-se atrozes!
Dobrão á lei o collo, e astutos traição,
Mesmo aos olhos da lei, planos do inferno;
Peste moral de rapido contagio
Devora-lhes as visceras!
Fazem da negra intriga uma sciencia,
Sabem mentir á sombra da verdade;
E entre palavras de virtude incensão
O demo da calumnia!...
Feliz a virgem que repousa agora!
Feliz mil vezes, não pisou nas praças!
Misera flôr, o halito das turbas
A teria queimado!...

Inda florescem, vede, os jasmineiros,
Inda as rosas se embalão junto á choça
Onde na sombra a triste mãi chorosa
Soluça amargamente!
As trepadeiras curvão-se á janella,
Gemem no tecto os pombos amorosos,
Suspenso á porta na prisão gorgeia
O sabiá das serras.
Tudo isto ella adorava, e ella não vive!
E ella passou ligeira como a nevoa
Que o vento da manhã varre do outeiro,
E dissipa nos ares!
Tudo isto ella adorava! Ao sol poente,
Leda e risonha, coroada a fronte
De rubras maravilhas, leve, airosa,
Vinha regar as flores;
E em meio erguida a barra do vestido,
Saltava como a corça, ora amparando
A hastea pendida de viçosa dahlia,
Outras vezes solicita
Bravias plantas arrancando em torno
Dos pequenos craveiros, ou tranquilla
Comtemplando os botões que se entre-abrião
Á frescura da tarde.
E que sentidos cantos que cantava!
Que ingenuos versos! Que singelas rimas!
Tudo era amor, saudades, esperança,
Ventura e mocidade!
Depois a seu chamado as aves meigas
Vinhão em bando lhe brincar em torno,
Ora pousando nos bem feitos hombros,
Ora nas mãos mimosas,
Colhendo os alvos grãos que lhes guardava
Sua innocente amiga, ora escondendo
As cabecinhas languidas nas ondas
De seu basto cabello!

Pobres filhos do ar! Ella está morta!
Ella está morta a virgem das montanhas!
Chorai, chorai, os genios de além-mundo
Levárão-a comsigo!
Olhai! Seu rosto como é bello ainda!
Que suave expressão nos labios calmos!
Longe de amedrontar-se, ao ver a morte
Parece que sorríra!
Alli junto á palmeira está seu leito,
Sem adornos, sem pompa e sem grandeza;
A virgem dormirá livre do fardo
De um marmore pesado,
A virgem dormirá sem o zumbido
De torpes vates, de oradores torpes;
Poderá descansada ouvir os canticos
Dos anjos pelo espaço!
No silencio da noite as nuvens brancas
Descerão sobre a leiva consagrada;
O orvalho das manhas será tão doce
Como o pranto fraterno.
Feliz a virgem morta nas montanhas!
No ermo despertou, dorme no ermo!
O halito empestado das cidades
Não maculou-lhe a vida!
Como a limpida gotta que dos ares
Cahe no seio da flôr e aos ares volta,
Sua alma pura em santa luz banhada
Volveu para o infinito.

Li no dia
10 de fevereiro de 1893
Servilio Soares

O FILHO DE S. ANTONIO

(CANÇÃO DE UM DEVOTO)

Bem sei, criança estouvada,
Que por artes do demonio,
Furtaste, a noite passada,
O filho de Santo Antonio!
E sem medo, sem piedade,
Cheia de um impio alvoroço,
O mimo do pobre frade
Correste a esconder no poço!

Arrepende-te, Chiquinha,
Vida minha,
Minha linda tentação!
A divindade perdoa,
Terna e bôa,
Os erros do coração.

Ah! que fizeste, insensata?
Demo gentil, que fizeste?
Por causa de um'alma ingrata
Tu' alma pura perdeste!

Tira depressa a criança
Do frio asylo onde está,
Tem nos santos esperança,
Que teu amor voltará.

Ainda é tempo, Chiquinha,
Rôla minha,
Minha rosada illusão!
A divindade perdoa,
Terna e bôa,
Os erros do coração.

Accende uma vela benta
Junto ao santo que offendeste,
Lançando a mão violenta
Contra o pirralho celeste.
Leva-lhe linda toalha
Cheia de finos bordados,
Talvez a offerta te valha
O olvido de teus peccados.

Não te demores, Chiquinha,
Trigueirinha,
Que tens por sceptro a paixão!
A divindade perdoa,
Terna e bôa,
Os erros do coração.

E quando alcançado houveres
A remissão, minha vida,
Mais formosa entre as mulheres,
Vem, mimosa arrependida,

Vem que o santo receioso
De novo furto, quiçá,
Velará por teu repouso,
Nosso amor protegerá!...

Não percas tempo, Chiquinha!
Gloria minha!
Minha dourada visão!...
A divindade perdoa,
Terna e bôa,
Os erros do coração.

Li no dia
10 de fevereiro de 1893
Servilia Soares

AS LETTRAS

Na tenue casca de verde arbusto
Gravei teu nome, depois parti;
Forão-se os annos, forão-se os mezes,
Forão-se os dias, acho-me aqui.
Mas ai! o arbusto se fez tão alto,
Teu nome erguendo, que mais não vi!
E n'essas lettras que aos céos subião
Meus bellos sonhos de amor perdi.

Li-10-2-93

S. Soares

O ARREPEDIMENTO

Tens razão : já, soberana,
Viste-me curvo a teus pés!
Alma que do mal se ufana,
Tarde conheço quem és!
Mas a imagem que eu buscava,
Por quem meu ser suspirava...
Nem presentiste siquer,
Quando uma fada invocando
Me vergava soluçando,
Prestava culto á mulher.

Tens razão, por grata estrella
Tomei teu brilho fallaz,
Sinistra luz da procella,
Cirio das horas fataes!
Segui-te através de enganos,
Cheio de sonhos insanos,
Cheio de amor e de afan!
Sombra de archanjo cahido!
Busto inda quente, incendido
Pelos beijos de Satan!

Na fronte côr de açucena
Tinhas brilho seductor,
Mas eras qual essa flôr,
Cujo perfume envenena!

Tinhas nos olhos brilhantes
Os reflexos cambiantes
De uma aurora de verão,
Mas como a charneca escura
Só podridão, lama impura,
Guardavas no coração!

Na negra esteira dos vicios
Que os decahidos formárão,
Teus funestos artificios
Illudido me arrojárão!
Amei-te: amar foi perder-me!
Foi beijar da terra o verme,
Crendo-o Deos da vastidão...
Em vez do sol que buscava,
Louco afoguei-me na lava
De medonho, atroz volcão!

Da vida estraguei por ti
Das quadras a mais risonha;
Mas hoje sinto a peçonha
Que nos teus labios bebi!
Em meio de minha idade
Tenho n'alma a soledade,
Na fronte o gelo eternal;
Sinto a morte nas arterias,
E ao medir minhas miserias
Me orgulho de ser mortal!

Li-10-2-93
S. Soares

ACUSMATA

(FRAGMENTO)

POETA.

Como se arrasta lentamente o tempo!
Como tarda o repouso! Como pesa
Sobre a livida fronte do poeta
Esta bronzea cadeia de agonias
Que chamamos a vida! Este motejo
Lancinante da sorte que resume,
Contradictoria, atroz, inexoravel,
Em dias contingentes de existencia,
A eternidade de um soffrer sem nome!

Meia noite! Hora funebre e tremenda!
Ferreo vibrar de rispido martello
Que os demonios acorda, e as larvas erguc
Nos dormitorios humidos da morte.
Lugar commun dos bardos da descrença!
Momento de terror, risos, facecias,
Remorsos e pezar! Instante augusto
Em que Ella desce muita vez das nuvens
E vem sentar-se de meu leito á borda!

Quero chorar. Mas não, não, que meus olhos
Têm pudor, não chorão! E comtudo
Sinto-os n'um mar de lagrimas perdidos!
Sinto que o pranto sobe-me do seio!
Sinto que o pranto desce-me do cerebro!
Sinto que o pranto escalda-me as retinas!
Sinto que fui feliz, e n'essa quadra
Nem tristezas cantei, nem amarguras,
Mas Deos, a vida, a mocidade e a gloria!

Detesto a escola funebre, e mentida
De gordos desditosos que padecem
Os revezes da sorte em lauta mesa;
Detesto os cantos scepticos, descrentes,
De rosados athêos, sabios ephemeros,
Impios provocadores da desgraça:
Detesto-os, porque soffro, e soffro muito,
Porque supporto um peso de miserias,
Tão grande que roxeia-me as espaduas!

Da natureza ás multiplas facetas
Tenho um plano pedido, onde, traçada
Veja nova existencia; ao bello, á arte,
Mesma supplica hei feito; ao movimento,
Aos labores mais duros, aos trabalhos
Mais asperos da vida, hei mendigado
Uma nuvem de paz, um véo de olvido!
E tudo é mudo! O que me resta agora?
O socego da morte, a cinza, o nada!...

Morrer... cahir... mudar... deixar o asylo
De uma prisão de carne e de miserias

Por um mundo ignoto! Aos ventos soltos
Desprender os andrajos derradeiros
De uma sordida veste, e desnudado
Tiritar nos desertos do invisivel!
Arrancar da esperança o ultimo broto!
Deixar a propria dôr que obstinada
Ha temido a razão milhões de vezes!

E no emtanto eu tenho a noite n'alma!
E o descampado horrendo, esteril, vasto,
Ha succedido ao genio que accendia
As fibras de meu craneo!... Si comtudo
Uma restia de luz brilhasse ao menos!
Si uma voz me fallasse! Si uma gotta,
Das lagrimas que vertes por meu fado,
Anjo de piedade e de candura,
Me tombasso no seio, então quem sabe!?..

Mentira! tudo é quedo, immovel, frio!
O vento passa, os espinheiros gemem
Torcendo os galhos seccos, dir-se-hia
Que ameação as nuvens! Bem, morramos!
Tem bellezas o pó, sonhos a tumba,
E a morte que os estultos amedronta
Brota a meus olhos pensativa e meiga,
Coroada de flôres mais formosas
Que as tristes rosas dos jardins dos homens!

VOZES NO ESPAÇO.

Somos a idéa, o sentimento, a essencia
Da creação inteira; a intima nota

De quanto brilha, corre, canta e chora;
Somos o fluido eterno, que circula,
Envolve o globo, os seres, e penetra-os
De um infinito amor; somos a cithara
Onde o sopro de Deos roça inflammado
E sacode no espaço a paz aos homens
N'um turbilhão de notas amorosas.

POETA.

Quem o sentido revelar pudera
D'esse rumor confuso, immenso e vago,
Que se eleva da terra, semelhante
Ao resonar dos genios adormidos?
É o prazer que falla ou a tristeza?
Reflecte, sente o globo, ou condemnado
A cruento penar, delira e geme,
E se desfaz em pragas horrorosas?
Ah! mysterio tremendo! Ah! fundo arcano!

AS ARVORES.

Porque te affliges, misero poeta?
Não nos conheces mais? Olha, contempla;
E n'estes troncos asperos, nodosos,
Verás feições amigas. N'esta queixa
Que de nossas folhagens se desprende
Escutarás de novo o meigo timbre
De teus socios de infancia. N'esta sombra
Que alongamos do chão, verás o leito,
Onde, tantos momentos, repousaste.

Ah! eras bello n'esse tempo! A aurora
Tinha-te posto toda a luz nos olhos!
Quando passavas, teu caminho ledo
De frescura e de folhas alfombravamos!...
E tu partiste, ingrato, e tu partiste!
E trocaste o socego do deserto
Pelo fulgor das salas dos palacios!
Pelos fingidos risos da mentira!
Pela voragem negra onde soluças!

AS FLORES.

Somos dos astros amorosas noivas,
Cada noite uma estrella nos envolve
Na teia luminosa, e nos transporta
A seu fulgido leito. Á madrugada
Fugimos de seus braços, e medrosas
Cahímos sobre os campos. Nossos seios
Trazem ainda o aroma dos cabellos
Dos celestes esposos; nossas faces
Estão rubras ainda de seus beijos.

Androginas do ether, a desgraça
Nos dividio nos primitivos tempos:
Uma parte fulgura entre as estrellas,
Outra desceu á terra, e suspirosa,
Cada noite meneia a debil fronte,
Mirando o firmamento. Um doce pranto,
Um pranto repassado de saudades,
Vem nos banhar o avelludado collo.
Que divina volupia n'essas lagrimas!

Poeta, a trepadeira solitaria
Que se enrosca lasciva ao duro tronco

Do cedro secular; a flôr guardada,
Entre os galhos do ipé, nas grossas folhas
De alpestre parasita; a molle acacia;
O manacá cheiroso que se ostenta
Á beira d'agua, pensativo e triste;
Os festões do ingazeiro e as açucenas,
Todas te amavão, te adoravão todas!

Nunca fomos ciosas! Muitas vezes,
Brutal, nos trucidaste sem piedade
Para adornar as frontes suarentas
De grosseiras amantes! Muitas vezes,
Distrahido vagando, nos pisaste,
Como torpe animal! Porem que importa!...
Si outras vezes choravas debruçado
Beijando-nos o seio? Si outras vezes
Tinhas tanta poesia a repetir-nos?

Ai! um dia esperamos-te debalde!
Tinhas partido, ingrato! Abandonaste
Nossa belleza candida e modesta
Por essas sombras doentias, pallidas,
Que entre os lustres do baile se evaporão!
Por essas mumias sensuaes que pejão
As alcovas de sordidas pocilgas!
Pela morte encoberta e mascarada!
Pela lepra insanavel de tua alma!

Si tivesses ficado, oh! cada noite
Uma de nós se erguêra embalsamada
Para as lendas contar de nosso reino!
Não o quizeste, doudo, agora é tarde;
E, si ainda voltasses, a amargura

Nos faria murchar, cahir sem vida,
Afim que o viandante nos tomasse
Para tecer a c'roa derradeira,
A c'roa derradeira que te resta!

O RIO.

Sobre dourada areia desenrolo,
Soberano do val, meu regio manto;
Os passarinhos namorados cantão
Nas figueiras bravias; chora o vento
Nos densos taquaraes... Mas ah! poeta,
Não mais te vejo, nem te escuto ao menos
Da loura Grecia as nayades chamando!
Nem a meus flancos murmurando idyllios!
Nem sobre as aguas a guiar teu barco!

Que fizeste, infeliz! Genio bemdito,
Eu te devera encaminhar no mundo!
Quando, á tepida luz de amenas tardes,
Cantavas, sobre as rochas inclinado,
Quantas promessas te não fiz! Que planos
Desvendei a teus olhos scintillantes!
Eu que te vi nascer e que te amava
Como a rola ao deserto, á flôr a abelha,
E os pintasilgos aos vergeis floridos!

E desprezaste a virgem que eu fadei-te,
Pura, mais pura que as estrellas todas!
Cortaste o fio do dourado drama
Que, no silencio mystico das noites,
Pensando em ti, tracei, esmando o espaço

De um brilhante porvir! Lyrios e rosas,
Tudo pisaste no delirio insolito
De uma febre insensata! Desditoso!
O que te resta agora? O que te resta?

A ESTRELLA VESPER.

Tudo repousa, as folhas da centaurea
Tremem de frio á beira do caminho,
Dobrão-se os juncos nas lagoas negras,
E os vagalumes do deserto pasmão
Á mansa luz que entorno sobre os campos.
Porque não vens inspirações pedir-me,
Sonhador de outras éras? Porventura
Meu suave clarão não é tão bello
Como ao começo de teus verdes annos?

N'UMA CHOÇA DE PALHA.

Escutai os harpejos da viola,
São mais sentidos que o soprar do vento
Beijando a medo os arrozaes viçosos;
Prestai ouvido á voz do sertanejo,
Que ella falla de amor, e a patativa
Nunca nos matagaes gemeu tão triste!
Filhas da serrania e das campinas,
Adornai-vos de rubras maravilhas,
Vinde, que a noite avança e o céo desmaia!

ESPIRITOS NA ATMOSPHERA.

Sacudi o sudario, errantes sombras,
Roseos espectros, lemures da infancia,

Phantasmas louros de illusões perdidas!
Dansai, cantai nos planos luminosos
Que o iris cerca de brilhantes côres!
Chamai as fadas, e as ondinas leves,
Despertai nos palacios encantados
As princezas que dormem por cem annos!
Vinde fazer a orgia da saudade!

POETA.

Oh! si não fosse um sonho! Si das trevas
Do sombrio passado inda pudesse
As almas evocar de tantos seres!
Si esta prisão de argilla e de miserias
Não vedasse-me o vôo! Si do livro
Onde flammeja a lugubre sentença
Eu pudesse rasgar uma só folha,
Uma só, grande Deos! Talvez lograsse
Todos os males apagar que hei feito!

NO ESPAÇO.

Cumpre teu fado n'esse mundo ingrato:
Eu tambem caminhei, hoje descanso
Dos eleitos de Deos no vasto imperio!
Não se afastão de ti meus olhos ternos.
Manchou-me o pó da terra, a luz das luzes
Deu-me nova existencia ao pé dos anjos.
Como te amei outr'ora, amo-te agora,
Furta ao lodo tu'alma, olha as alturas,
E do empyreo no azul verás meu rosto!

POETA.

D'onde parte esta voz? De que recinto
Mysterioso, occulto, me dirige
Tão suaves concentos? Porventura
Além do firmamento, além dos astros
Uma plaga de paz e amor existe?
Onde está ella?... A mente se me abrasa?
Por toda a parte só materia vejo,
Luzes, vapores, ar, globos, espheras,
Mundos e mundos, sempre cheio o espaço!

Onde repousa o solio do invisivel?
Onde se abriga o sopro imponderavel
Que anima os corpos dos mortaes na terra?...
Si as redeas solto á phantasia ardente,
Ella abandona o pó, transpõe as nuvens,
Vence as estrellas, deixa o sol e o ether,
Arroja-se atrevida no infinito,
E nada encontra além do eterno abysmo!
Nada! e no lodo engolfa-se de novo!

Perdão, perdão, meu Deos! Busco-te embalde
Na natureza inteira! O dia, a noite,
O tempo, as estações, mudos succedem-se,
E si fallo de ti mudos se escoão!
Mas eu sinto-te o sopro dentro d'alma!
Da consciencia ao fundo eu te contemplo!
E movo-me por ti, por ti respiro,
Ouço-te a voz que o cerebro me anima,
E em ti me alegro, e choro, e canto e penso!

Da natureza inteira que aviventas
Todos os elos a teu ser se prendem,
Tudo parte de ti, e a ti se volta;
Presente em toda parte, e em parte alguma,
Intima fibra, espirito infinito,
Move, potente, a creação inteira!
Dás a vida e a morte, o olvido e a gloria:
Si não posso adorar-te face á face,
Ah! basta-me sentir-te sempre, e sempre.

Eu creio em ti, eu soffro, e o soffrimento
Como ligeira nuvem se esvaece
Quando repito teu sagrado nome!
Eu creio em ti, e vejo alem dos mundos
Minha essencia immortal brilhante e livre,
Longe dos erros, perto da verdade,
Branca d'essa brancura immaculada
Que os genios inspirados, n'esta vida,
Em vão tentárão descobrir nos marmores.

. . . . . .

Lisboa
10 de fevereiro de 1893

Sergio Soares

A SÊDE

(1810)

I.

Cada vez mais possante e mais robusta
Bramia audaz a insurreição nascente
No coração do Mexico. As collinas
Tornavão-se tremendas fortalezas,
Transbordavão as selvas de guerreiros
E as grutas de armamentos. A alvorada
De dia em dia seu clarão furtava
A milhares de seres, e o silencio
Das noites estivaes não mais cobria
A face desolada dos desertos,
Onde vencido e vencedor rugião
Ensopando de sangue o chão revolto.
As moças aldeãs tinhão perdido
Seu riso jovial, e recolhidas,
Em torno ao triste lar, cheias de luto,
Deslembravão seus cantos prazenteiros
Para chorar a morte dolorosa
Dos pais ou dos irmãos. O céo brilhante,
O proprio céo da terra americana,
Não mais sorria aos campos devastados.

II.

Vinha descendo a noite, treda noite
De pavores e sustos. Na planicie
Que entre Anelo se estende e entre Monclova
Soão confusas vozes, brilhão lumes,
Cruzão-se á chamma rubra das fogueiras
Vultos inquietos. O rumor augmenta;
Novas figuras erguem-se do solo;
Tinem espadas; ameaças troão;
E um só clamor se estende pelo espaço
Os échos acordando : « Temos sêde!
Dai-nos agua por Deos! » Então da sombra
Um homem se destaca; seus olhares
São calmos e tristonhos, o sorriso
Forçado de seus labios annuncia
Mal disfarçada mágoa, tem nos braços
Uma tenra criança. « Ouvi, meus filhos,
Disse com voz serena, aqui vos deixo
Este anginho em penhor; si á madrugada
Não tiverdes matado a sêde ardente,
Fazei o que pensardes. Sobre a terra,
Unico leito que ao guerreiro livre
O Senhor permittio, soffre sem queixas
Minha esposa infeliz! E vós, guerreiros,
Vós que lutais em prol da liberdade,
Que a patria defendeis, vergais o collo,
Servos de vergonhoso desespero! »
Assim dizendo, sobre a fria areia
A criança depôz. « Não! não! bradárão
Enternecidas vozes, o innocente
Deve ao lado dormir da mãi que o adora!
Confiamos em vós, depressa a noite

A terra deixará. » E pouco a pouco
Foi-se afastando a turba de seu chefe,
Que a passos lentos se perdeu na sombra
Agasalhando ao seio o pobre filho.

III.

Junto de esteril cespede inclinada,
Sobre grosseiro manto, se desenha
Um vulto de mulher; ao lado d'ella
Dous guerreiros vigião. Pensativo
Vem se sentar o chefe a poucos passos:
Após um meditar de instantes curtos,
« Valdivia, diz, encontrarás cem homens
Dedicados e fortes, que nos sigão,
Entre essa pobre gente que delira? »
« Sim, responde Valdivia, o destemido,
Valente lutador, de bronzeos musculos,
Alma de heróe em corpo de granito;
Sim, e o primeiro sou! » A estas palavras
O outro guerreiro levantou-se rapido.
« E tambem eu, meu pai, » disse abraçando
O resoluto chefe. « Bem, agora
Trata de os avisar, um só momento
Não devemos perder. O Rei das Sombras
Que venha ter co'migo. » Os dous guerreiros,
Quaes dous raios partírão. Triste o chefe
Voltou-se á triste esposa, e lhe depondo
Um frio beijo sobre a fronte fria,
Deitou-lhe ao lado o misero filhinho.
« Minha pobre Evelina, que fadario
Lutulento é o nosso! » Disse, e a socia
De seu fundo soffrer, vendo-lhe os olhos
N'um véo de acerbas lagrimas envoltos,

Lançou-lhe ao collo os braços amorosos,
Chorou com elle o pranto do infortunio.

IV.

Tambem no seio d'este mundo virgem
Ha desertos terriveis, flagellados
Por um sol implacavel. Vastos mares
De areia movediça se desdobrão
Até perder-se alem nos horizontes.
Nem uma gotta d'agua n'esses ermos!
A noite lhes negou seu fresco orvalho,
E as chuvas do verão fugir parecem
A seu horrido aspecto. Desditoso
Do viandante que o roteiro perde
N'essas paragens lugubres malditas!
Comtudo ás vezes junto a ingrata mouta
De resequido cactus se levantão
De uma cisterna os labios: são lembranças
Que deixárão, quem sabe? errantes hordas,
Ou mãos piedosas de piedosos seres
Que n'essas plagas muita vez sentírão
O martyrio de Agar nas soledades.
Mas nem restava este recurso ao menos
Ao desditoso chefe! as tropas barbaras,
Mais barbaras que os barbaros d'outr'ora,
Tudo entulhado havião! Dias quatro
Da liberdade os bravos combatentes
O supplicio da séde supportarão!

V

« Eis-me aqui, general! » a poucos passos
Uma voz murmurou rouquenha e surda;

E um vulto adiantou-se. « O Rei das Sombras? »
« Sim ! » Era um homem de estatura herculea,
A dubia frouxa luz que das fogueiras
Mal clareava a scena sobre o dorso
Batia-lhe fugaz, como nos musculos
De uma estatua de cobre a claridade
Das solitarias lampadas de Brahma.
O Rei das Sombras !.... atrevido nome,
E comtudo feliz. Da selva os filhos,
Homens de rubra tez, negros cabellos,
Ageis no jogo da ligeira setta,
Amão da lingua as pompas; o deserto
É seu vocabulario, e que bellezas
Não encerra o deserto ! O Rei das Sombras
Tinha nascido á sombra das folhagens
Das mattas primitivas, como as aves
Livre, e como a amplidão; mais tarde o acaso
Fêl-o deixar seus paços de verdura
Para seguir o aventuroso officio
De guiar no deserto os viajores...
Tinha talvez de idade doze lustros:
Ninguem mais dextro, mais sagaz, mais fino
Em descobrir os rastos do inimigo,
Vencer perigos, prevenir os factos,
E até, dizião, predizer aos homens
Os arcanos vendados do futuro.

VI.

Ao Rei das Sombras dirigio-se o chefe.
« Disseste que a seis horas de caminho
Uma fonte acharíamos? » « Eu disse,
General, mas um bando de inimigos

Velão ahi, trahidores como as serpes!
Em deserta fazenda, circumdada
De erguidos muros, seu quartel formárão;
A cada instante em torno as sentinellas
Gritão rondando. » « Não importa, a morte
Será menos cruel aos golpes d'elles
Do que nas ancias d'esta sêde insolita
Que as entranhas nos róe! Prepara as armas,
Consulta a noite e os ventos, e conduze-nos:
Já dos cavallos as passadas ouço. »

VII.

Partíra o chefe e o grupo de guerreiros.
Por entre as nuvens as estrellas morbidas
Vertião sobre a terra somnolenta
Seus ultimos clarões. Os horizontes
De uma côr violacea se tingião,
E amplos arcaes, tredos, immoveis,
Esperar parecião tristemente
O dubio riso de uma aurora enferma.
Tudo dormia; o lume das fogueiras
Sob um sudario de ligeira cinza
Parecia tambem, meio abafado,
Dormir sobre os tições... Oh! Deos! que allivio
Não déste aos seres n'esta irmã da morte,
Rima da noite, que se chama o somno!
Evelina acordou sobresaltada:
« Escuta, disse ao filho que ficára
Por mandado do chefe; escuta, filho,
Disse ao moço guerreiro; tive um sonho,
Cheio de horror e cheio de presagios!
Punha-se o sol, um turbilhão de fumo
Cobria o descampado, em seu cavallo

Galopava teu pai a toda brida
Em direcção a nós; e no emtanto,
Bem longe de alegrar-me, dentro d'alma
Uma pungente dôr me lacerava!
Depois vi-me a mim mesma, em meus cabellos
O sangue gottejava, um veo de morte
Empanava-me os olhos desvairados,
E corri a encontral-o; quando perto
Os braços lhe estendia, agudo grito
Escapou de meu peito, e sobre a terra
Cahi fria e sem forças... o inditoso
Não tinha mais nos hombros a cabeça! »
O mancebo pensava; n'esse quadro
Confuso, incoherente, presentíra
Sinistros laivos de uma atroz verdade.

VIII.

Em breve no oriente o rei dos astros
Foi-se mostrando aos poucos. Os guerreiros
Erguêrão-se bradando : « O sol desponta,
Vamos buscar o chefe; é vinda a hora
Da promessa cumprir. » Mas quando junto
Chegárão do lugar onde a familia
Do chefe descansava, e em vez do chefe
Só encontrárão Evelina afflicta,
O moço pensativo e a criancinha
Chorando fracamente, em altas vozes :
« Trahição! trahição! bradárão; pague o filho
Pela infamia do pai! » « Sim ! disse um indio
De turvo olhar e feia catadura;
Vêde, o infame trahidor levou comsigo
Cem trahidores guerreiros; vêde, amigos,
Quantos de menos entre nós se contão! »

« Trahição! vingança! » vozeou a turba,
E, como a vaga infrene que se atira
De uma ilha isolada ás ermas praias,
Avançou para as victimas rugindo.
« Ninguem se chegue, escutem-me primeiro! »
Disse o moço, apontando os bronzeos canos
Das armas que trazia á onda viva
Raivosa dos rebeldes. O silencio
Estendeu-se um momento onde soára
Ha pouco a tempestade. « Eu tambem juro
Sobre minh'alma, sobre minha vida,
Que sereis satisfeitos. Bravos, animo!
Deixai que em meio céo o sol fulgure.
Si meu pai não voltar..... » Esta proposta
Não contentou a turba; no emtanto
Ella calmou-se um pouco, e dispersada
Sobre a areia dos ermos esperava
Que fulgurasse o sol do meio dia.
Esse instante chegou, não veio o chefe!

IX

Mas entre nuvens de poeira ao longe
Assoma um cavalleiro; denso nimbo
Que os aquilões fustigão pelo espaço
Não corre mais ligeiro. Tem o corpo,
Do valente animal pendido ás crinas,
Mas o curvado e musculoso dorso
Brilha aos raios do sol como os relevos
De um escudo de ferro. « O Rei das Sombras! »
Todos bradarão prolongando a vista.
Em breve elle alcançára o acampamento.
« Filhos da liberdrda! eia, marchemos!
Offegante exclamou, que nosso chefe

Luta como um heroé por vossa causa!
Ah! de nossos irmãos apenas restão
Quarenta bravos, tudo o mais é morto
Aos golpes impiedosos dos tyrannos
Que lacerão a patria. Eia guerreiros!
Sem vosso auxilio o general succumbe!
Vamos! vamos! em marcha! grita o moço. »
« Em marcha! diz a turba. » N'um momento
A multidão moveu-se como as vagas
Por alto mar nas horas de borrasca;
E as carretas pesadas se abalárão
Sobre as quentes areias, e o deserto
Vio sem saudade os hospedes partirem.

X.

Tinha-se posto o sol, mas o occidente,
Tinto de rubra côr, sobre as planicies
Derramava um clarão sinistro e feio...
As altas rochas, os grosseiros cardos
Erguião-se phantasticos, immoveis,
Ora como sepulcros solitarios,
Monumentos estranhos de uma raça
Que nunca os homens virão, ora um grupo
De informes creaturas imitando,
Ora disperso turbilhão de espectros
No vasto chapadão scismando quedos
Á luz sangrenta de um volcão sem fundo.
Os guerreiros marchavão. Pouco a pouco
Menos esteril se mostrava o solo,
E as rochas mais escassas. Firme terra,
Em vez de areia movediça, os passos
Dos corceis repetia; os arvoredos
Parecião surgir como prodigios

Aos olhares da tropa sequiosa.
De repente um rumor confuso e vago
Fez-se ao longe escutar. O Rei das Sombras
Deteve-se e fallou : « Estamos perto,
Esperai-me tranquillos n'este sitio,
Vou ver o chefe, n'um relance d'olhos
De novo me acharei a vosso lado. »
Inda bem não findara estas palavras
Quando um ruido estranho, discordante,
Mistura de gemidos e blasphemias,
Galopar de corceis, tinir de espadas,
Soou na solidão.« Silencio! clama
Prestando ouvido o indio valeroso,
Silencio! » E mais veloz do que a panthera
Ao chão saltou, e as ramas afastando
Cauto se adiantou. N'esse momento,
Á pequena distancia as folhas rangem
Sob rude tropel, retumba o solo
E um cavallo se arroja esbaforido
Junto á tropa anciosa, sobre os lombos
Sustentava um guerreiro, e esse guerreiro
Era o misero chefe. O desditoso
Tinha do tronco a fronte separada!
Dos cem valentes que levou comsigo
Nenhum, nenhum restára! Muitos d'elles,
Á cauda dos cavallos amarrados,
Deixavão no deserto atrás do chefe
Um rastilho de sangue sobre o solo!

XI.

Ás tropas do inimigo estavão perto!
Estavão perto as tropas do inimigo!

Bando feroz as victimas seguira!
E rião-se e zombavão!.....
. . . . . .
Bravos da independencia mexicana,
Não ha palavras na mundana lingua
Que pinte a raiva d'esses homens livres
Vendo do chefe o mutilado corpo!
As massas monstruosas que rebentão
Das cimeiras dos Andes; as torrentes
Que no seio do abysmo se despenhão;
O furacão que arrasa as soledades;
O raio, a tempestade, a propria morte,
Tão cruentos não são, não são tão negros,
Nem tanto estrago no deserto hão feito
Como a explosão da furia sanguinaria
D'aquelles bravos ebrios de vingança!
Duzentos homens sobre o chão cahírão
Sob a espada dos livres! « Á fazenda!
O filho do finado, o novo chefe,
Gritou enfebrecido. » « Sim! bradárão,
Á fazenda! á fazenda! É morto o chefe,
Conduza-nos o filho em lugar d'elle! »

XII.

Sombrias nuvens pelo espaço rolão,
Ora vendando a face das estrellas,
Ora deixando-as scintillar mais vivas,
Mais fulgentes ainda, sobre a espessa,
Basta melena dos bulcões medonhos.
Inquieta a noite vai, raivosos ventos
Passão roubando ás arvores as folhas,
E em tredos silvos vão perder-se ao longe
No immenso da soidão. De instante a instante

Um lampejo sulphureo os ares corta
Aclarando o deserto que repousa
Da branca areia no sudario immenso.
O vulto tenebroso extenso e lugubre
Da lugubre fazenda se levanta,
Ostentando as muralhas gigantescas
Aos olhares dos bravos combatentes.
Bradão de instante a instante as sentinellas,
Os inimigos velão resentidos
Da refrega da tarde, talvez temem
A surpreza dos livres. « Bravos somos,
Bravos e muitos, diz o moço chefe,
Muitos e sequiosos, avancemos;
Vedes esse portão? É necessario
Em pedaços fazêl-o; vamos, vamos,
O momento é propicio... » « Não!... reflecte,
A distancia medindo, o Rei das Sombras;
Fique a metade aqui dos assaltantes,
Busque a outra escalar os altos muros;
Quando dentro estiverem da fazenda
Seja dado um signal, então por terra
Lançai vós outros o portão maldito
Aos golpes dos machados. Bravos somos,
Ha dito o chefe, bravos nos mostremos,
Libertemos a patria! » « Combatentes!
Disse uma voz energica, mas doce,
Acerba, mas sonora, a poucos passos
Errão vinte guerreiros: são soldados
De livre capitão, elles não tardão
Em reunir-se a nós, inda um momento
Retardemos o ataque. » Era uma estranha,
Comtudo bella imagem de guerreiro,
Quem assim se expressava; tinha aos hombros
Uma curta espingarda, espada ao lado,
Mas de mulher as vestes lhe cobrião
O corpo airoso, e nos fogosos olhos,

Onde os prazeres habitar devêrão,
A vingança brilhava : era Evelina!

XIII.

« Mexico e liberdade! » d'entre as sombras
Uma voz murmurou pausada e firme.
« Mexico e liberdade! » repetírão
Erguendo-se os guerreiros. « Vinde, vinde, »
Disse Evelina apresentando ao filho
O novo companheiro. « Vinde, vinde,
Repete o moço chefe adiantando-se,
Ha muitos dias que aqui estais? » « Ha quinze, »
O capitão responde. « Haveis soffrido?.....
Perda de bravos, privações sem nome!
Pois bem, é hoje o dia da vingança. »
E assim dizendo o plano communica
Do ataque da fazenda ao chefe amigo.
« Occorre-me uma idéa, este pondera,
Tenho uma peça, munições e balas,
Mas falta-me a carreta, si possivel
Fosse trazêl-a e descobrir um meio
D'esta falta sanar..... « É grande a peça? »
Uma voz perguntou. « Não muito grande, »
O chefe lhe responde. « Quantos homens
São mister para erguêl-a? » « Cinco. » « Vamos,
Prosegue a mesma voz grave e segura,
Eu farei a carreta. » Era Valdivia,
Que o morto chefe dispensado houvera
Quando havia partido; era Valdivia,
O hercules da tropa, quem fallava.

XIV.

Pouco tempo depois estava a peça
No meio dos guerreiros. « Mãos á obra,
Disse o chefe mancebo, o Rei das Sombras
Á frente de cem fortes combatentes
Busque os muros vingar e introduzir-se
No pateo da fazenda; e nós, amigos,
Nós trataremos do portão; é tempo,
A peça examinemos sem demora. »
Assim dizendo á formidavel porta
Em vão tentárão do canhão mortifero
As fauces apontar; em vão, a terra
Em torno das muralhas levantada
Protegia o recinto, era forçoso
Erguer do solo o bellico instrumento,
Pôl-o do ponto desejado ao nivel.
Houve um momento de silencio. « Agora
O que havemos fazer? diz o mancebo,
Que partido tomar? » « Sempre o da luta!
Responde-lhe o colosso; o Rei das Sombras
Que siga seu destino com seus bravos,
Chamai dez homens, soerguei a peça,
Eu serei a carreta! » « Tu, Valdivia! »
« Eu sim, eu mesmo, » e sobre o chão cravando
Os joelhos e as mãos, fallou de novo :
« Tragão a peça e amarrem-m'a nas costas! »
Em breve dez guerreiros reforçados
Nos rijos lombos do robusto athleta
O canhão collocárão, duras cordas
Em torno da cintura lhe passárão
Afim de bem suster o enorme peso.
O heróe nem se moveu. « Agora, amigos,

Carregai este monstro até a bocca,
Apontai ao portão, fogo! » Os guerreiros
Que devião seguir o Rei das Sombras
Tomarão seu caminho, e o moço chefe,
Ora fazendo-se inclinar a peça
Nos hombros de Valdivia, ora elevando-a,
Fez carregal-a, examinou a mecha,
Apontou ao portão, e resoluto
Accendendo o morrão : « É tempo! disse,
Animo, bravo! » E a mecha incendiou-se,
Rugio o bronze, vomitou seu raio,
E levantando a fronte o homem-carreta
Sorrio-se e murmurou : « Mais outra bala,
Carregai-a de novo até a bocca!
Ah! maldito portão! portão maldito! »
Já entre os muros do sombrio forte
Começava o rumor da soldadesca,
Sons de clarins e rufos de tambores,
Annuncios de defesa e de combate.
Segunda vez no dorso de Valdivia
O canhão trovejou e a bala rapida
Abalou o portão até seus gonzos.
O bravo levantou de novo a fronte
Suarenta, inflammada. « Um tiro ainda!
Disse com surda voz, e tudo é feito!
Carregai-a sem medo até a bocca! »
O chefe obedeceu, a ignea mecha
Mais uma vez brilhou, partio o raio,
O travão retumbou, a grande porta
Em pedaços cahio, e um grito agudo,
Atroz, pungente, fez-se ouvir no espaço!
O heróe da noite se torcia em ancias
Debaixo do canhão! O ultimo abalo
Tinha-lhe a espinha vertebral partido!
Dez minutos depois era um cadaver.

XV.

« Mexico e liberdade! Eia, avancemos! »
Bradárão n'uma vóz os assaltantes,
E, como as vagas de caudal torrente
De erguida serra na garganta estreita
Com pavorosos urros se engolfando,
Em confuso tropel se arremessarão
Á livre entrada que o canhão fizera,
Um graniso de balas sibilantes
Partio dos sitiados, derribando
Muitos dos invasores. « Vamos! vamos! »
Bradava o chefe ; e os avidos guerreiros
Rompendo a densa nuvem de fumaça
No pateo da fazenda penetrárão.

. . . . . .

XVI.

Então á dubia luz dos astros raros,
Que entre as nuvens condensas scintillavão,
Houve uma scena horrivel. Semelhantes
A dous bulcões medonhos que se enroscão,
Torcem-se unidos atroando o espaço,
Ao som de seus bramidos estrondosos,
Os guerreiros do forte e os assaltantes
N'uma só massa escura se fundírão,
Cahos de seres humanos consumido
Pelo fogo da raiva e da vingança!
Ondas de desespero e de loucura!
Mistura de paixões e de martyrios

Patente á luz das timidas estrellas
Na sombria nuez de seus horrores!

XVII.

Emquanto isto passava-se no pateo,
Tendo os muros transposto, o Rei das Sombras
Invadia o edificio onde açodado
O commandante ao lado de alguns homens,
Bravo como um leão, se defendia.
Debalde! A mão de Deos era visivel,
E o anjo tutelar dos entes livres
Batia as azas longas, inflammadas,
Em torno de seus filhos predilectos.

XVIII.

« Mexico e liberdade! » os combatentes
Que lutavão no pateo repetírão
Sob a expansão de um jubilo indizivel,
« Mexico e liberdade! » das janellas
Do sombrio edificio lhes responde,
De seus bravos no meio, o Rei das Sombras.
« Mexico e liberdade! » e á luz de um facho
Desenhou-se na porta do edificio
O vulto de Evelina. « Vencedores!
Disse atirando ás pedras da calçada
Uma sangrenta e livida cabeça,
Eis-alli meu quinhão! » « O commandante! »

Attonitos bradárão contemplando
A fronte fria do inimigo chefe.

. . . . . .

Está passada a sêde da vingança,
Mas a sêde do corpo nos devora,
Ás cisternas, guerreiros, ás cisternas!

Lisboa
10 de fevereiro de 1893

Sevilio Soares

ENOJO

Vem despontando a aurora, a noite morre,
Desperta a matta virgem seus cantores,
Medroso o vento no arraial das flôres
Mil beijos furta e suspirando corre.

Estende a nevoa o manto e o val percorre,
Cruzão-se as borboletas de mil côres,
E as mansas rôlas chorão seus amores
Nas verdes balsas onde o orvalho escorre.

E pouco a pouco se esvaece a bruma,
Tudo se alegra á luz do céo risonho
E ao floreo bafo que o sertão perfuma.

Porem minh'alma triste e sem um sonho
Murmura, olhando o prado, o rio, a espuma :
— Como isto é pobre, insipido, enfadonho

Li 10-2-93
S. Soares

LYRA

Quando me volves teus formosos olhos,
Meigos, banhados de celeste encanto,
Rasgo uma folha da carteira, e a lapis
Escrevo um canto.

Quando nos labios do rubim mais puro
Mostras-me um riso seductor, faceto,
Encommendo minh'alma ás nove musas,
Faço um soneto.

Quando ao passeio, no mover das roupas,
Deixas de leve ver teu pé divino,
Sinto as arterias palpitarem tumidas,
Componho um hymno.

Quando no marmor das espaduas bellas,
As negras tranças a tremer sacodes,
Ebrio de amor, sorvendo seus perfumes,
Rimo dez odes.

Quando á noitinha me fallando a medo
Elevas-me do céo á luz suprema,
Esqueço-me do mundo e de mim mesmo,
Gero um poema.

Li-10-4-98

A. Soares

O MESMO

Desde a quadra mais antiga
De que rezão pergaminhos,
Cantão a mesma cantiga
Na floresta os passarinhos.

Tem o mesmo aroma as flôres,
Mesma verdura as campinas,
A briza os mesmos rumores,
Mesma leveza as neblinas.

Tem o sol as mesmas luzes,
Tem o mar as mesmas vagas,
O deserto as mesmas urzes,
A mesma dureza as fragas.

Os mesmos tolos o mundo,
A mulher o mesmo riso,
O sepulcro o mesmo fundo,
Os homens o mesmo siso.

E n'este insipido gyro,
N'este vôo sempre a esmo,
Vale a pena, em seu retiro,
Cantar o poeta, mesmo?

L. - 40-2-93

C. L. Soares

A UM MONUMENTO

Triste, negra vassallagem
Do mais baixo servilismo,
Negreja no espaço a imagem
Consagrada ao despotismo.

E em torno d'ella agrupados,
Vergonha de nossa idade!
Estão os vultos sentados
Dos filhos da liberdade!

O povo curva-se e passa,
Porque não vê a ironia
Que encerra essa bronzea massa
Indigna da luz do dia.

Porque nunca leu a historia
Das turvas éras passadas,
Folhas brilhantes de gloria,
Mas de sangue borrifadas.

Porque não conhece o drama
Do martyr que alli morrêra,
Por zelar a sacra chamma
Que a liberdade accendêra.

Pobre turba! Nescia e fatua,
Na sua soberania,
Beija os pés á fria estatua
Que hade esmagal-a algum dia!

Li. 10-2-93
A. Suarez

A PENNA

(FRAGMENTO DE UM POEMA INTIMO).

. . . . . .

Poucos instantes de vida
Me restão, oh! bem o sei!
Fiquei vencido na lida,
Seja assim, cumpra-se a lei!
Fui forte, com firmes passos
Transpuz desertos espaços,
Affrontei mil temporaes,
Sorri no dorso das vagas
Da tormenta ás surdas pragas,
Da morte aos brados fataes!
Bebi de todas as taças,
Provei todas as desgraças,
Todas as dôres soffri;
Mortal, vergou-me o martyrio,
Nem a luz tenho de um cirio,
Sinto na fronte o delirio,
Não passo além, durmo aqui.

. . . . . .

E no emtanto que sonhos,
Que planos ledos, risonhos,

Minha mente não formou
Á luz d'este céo brilhante,
Sobre este solo gigante
Que o Senhor abençoou!
Quantas vezes reclinado,
Mansamente balouçado
Sobre o regaço materno,
Não senti por minhas faces
Roçarem genios fallaces
Que me apontavão mendaces
Um porvir de gozo eterno!

. . . . . .

Meu Deos! Porque me lançaste,
A mim, levita da dôr,
Na terra onde derramaste
Tanta vida e tanto amor?
Porque á mágoa sem nome
Que minhas fibras consome
Tanta luz antepuzeste?
E quando tudo folgava,
Quando tudo se alegrava,
Porque chorar me fizeste?
Porque me déste um destino?
Porque me deixas sem tino
No meio da creação,
Imagem de um mal acerbo,
No teu poema soberbo
Sangrento escuro borrão?

. . . . . .

Quantas flôres hei plantado,
Quanto arbusto hei adorado

O tempo tem derribado,
Tem o lodo consumido!
Hoje sobre o meu calvario,
Triste, mudo, solitario,
Rasgo as dobras do sudario,
Mordo a cruz enfebrecido!.....
Humilhar-me ao soffrimento?
Nunca! Ás rajadas do vento
O cedro jámais se dobra!
Tenho o orgulho da desgraça,
Quanto mais á dôr se abraça
Mais força minh'alma cobra!

. . . . . .

Oh! minha penna querida,
Não quero ensopar-te, não,
Na funda, negra ferida
Que tenho no coração!...
Não quero, não posso! Ainda
Eu a vejo airosa e linda
Vir se sentar junto a mim!
E não é mais que uma idéa!
Folha de rota epopéa!
Fatua luz que bruxoleia
Sobre um deserto sem fim!
E não é mais que uma nota,
Triste, languida, remota,
Nas solidões do passado!
Um monte de brancos ossos!
Marco atirado entre os fossos
De medonho descampado!
Oh! minha penna mimosa,
Minha penna graciosa,

Companheira carinhosa
Dos festins da mocidade!
Meu orgulho de criança!
Mais tarde loura esperança!
Maga estrella de bonança
No meio da tempestade!
Vou deixar-te! Está quebrada
Essa trindade adorada
Que tantos sonhos gerou!
Ella partio, nós ficamos!
Ingratos, não mais riamos,
Oh! de lagrimas enchamos
O espaço que ella occupou!

. . . . . .

Mas não! Si te ordena a sina,
Si o destino assim te manda,
De pé sobre a propria ruina
Canta, oh! alma miseranda!
Pede ao inferno uma lyra,
Toma os guisos da loucura,
Dansa, ri, folga e delira
Mesmo sobre a sepultura!
Solta rudes harmonias,
Brinda a morte e as agonias,
Canta as coleras bravias
Dos precitos eternaes;
Sobre tumulos e berços
Escreve ainda, e teus versos
Sejão banhados, immersos,
Nos prantos de Satanaz!

. . . . . .

Li - 10-2-93

L. Lopes

LEVIANDADES DE CINTHIA

PANFILIO, AMPHILOPHIO, MARCULPHO

Noite. Un rio com uma ponte. Panfilio á margem esquerda

PANFILIO.

Cirios da noite, vividas estrellas,
Apagai vossa luz ! Veigas, campinas,
Onde tantos momentos palpitante
De poesia e de amor errei tecendo
Hymnos á ingrata por quem tanto soffro,
Envolvei-vos n'um manto tenebroso!
Furtai o turbilhão de vossas dryades
De meu tragico fim á triste scena !
E tu, cruel tyranna de minh'alma,
Tu que apagaste meus rosados sonhos,
Que afogaste meus planos de esperança
No oceano sem fim de tua astucia,
Adeos ! adeos ! No seio d'estas aguas
Quero occultar meu drama de martyrios,
Minha historia de lagrimas e sombras !

Apparece Amphilophio á margem direita.

AMPHILOPHIO.

Eis-aqui o lugar ermo e sinistro
Onde vou terminar minha existencia.
Deos me perdoe, sobre este vil planeta
Vale mais um defunto que um mendigo.
Ignoro a politica, estou pobre,
Heranças não espero, acho-me velho,
É preciso morrer. Examinemos
Esta liquida cama. Quando a aurora
Estender caprichosa os seus rabiscos
Na cupula do céo, meu fim nefasto
Correrá, bem o sei, de bocca em bocca
Pela cidade toda. « Era um bom homem,
Os vizinhos dirão ; morou dez annos
Junto de nós e nunca nos queixámos,
Nem tinhamos de que ; amava os pobres ;
Nunca na vida alheia intrometteu-se,
Nem fez mal a seu proximo..... sómente
Era amigo do vinho e das mulheres,
E voltando do jogo ás vezes bebado
Punha toda esta rua em movimento. »
Outros dirão : « Matou-se ? Aos sessenta annos
Um homem de juizo não se empenha
Em conquistas venaes. Teve sultana,
Boa mesa, bom vinho e máos amigos ;
Comprou sedas, brilhantes, carros, moveis,
E cego por seu idolo funesto
Fez da burra um altar para adoral-o.
Foi melhor que morresse ; Deos o tenha. »

PANFILIO.

Negro destino! Abandonar o mundo,
A esperança, o porvir, talvez a gloria,
A fortuna, o prazer, na flôr dos annos,
E buscar os desertos de além-tumulo,
Cheio de desespero! No emtanto
Não posso mais viver!... Pois bem, morramos!
Amanhã os jornaes d'esta cidade
N'um artigo de fundo, accommodado
Entre tarjas de luto, em grandes lettras
Dirão: « Mais um talento ha succumbido
Ao peso das desditas! Mais um astro
Perdeu-se entre os negrumes da tormenta!
Panfilio já não vive! Já não vive
O terno sabiá que amenizava
Com seu canto sentido estas paragens! »
Talvez ao ler a lugubre noticia
A ingrata chore, e lá na eternidade
Eu goze do prazer de ver meu nome
Impresso em grossos typos.

AMPHILOPHIO, descobrindo Panfilio

Não me engano,
Eu vejo alguem que falla e gesticula,
Do outro lado do rio. Estou perdido!
Espreitão-me talvez! Si porventura
A cruel que arruinou-me, e por quem morro,
Suspeitasse o projecto que acalento
Em silencio ha tres dias! Oh! mulheres!
Mulheres!.....

PANFILIO, descobrindo Amphilophio.

Grande Deos ! diviso um vulto
Sobre a margem direita d'este rio !
Quem será? Quem será ? Tremo de susto !
Parece que me estuda ! É necessario
Meu medo disfarçar.

AMPHILOPHIO.

O tal amigo
Começa a incommodar-me ! Eu sou valente,
Mas a noite, o lugar, meu triste estado.....

PANFILIO

Elle tosse, approxima-se da ponte,
Volta, torna a tossir. Sejamos fortes,
Fallemos. — Oh ! vizinho ! do outro lado,
O que faz o senhor ahi sózinho ?
Porque passeia, escarra e estende os braços,
Quando eu contemplo as aguas susurrantes
D'este rio saudoso e merencorio ?
Diga-me sem demora !

AMPHILOPHIO.

Por S. Pedro
E o senhor o que faz? Vamos, responda-me.
Porque contempla as aguas susurrantes

D'este rio saudoso e merencorio
Quando eu passeio, escarro e estendo os braços?

PANFILIO.

A resposta é difficil ; entretanto
Posso lhe asseverar que n'este sitio
Tenho serios negocios.

AMPHILOPHIO.

A estas horas ?
N'este lugar deserto? Não ha duvida,
O homem tem os sapos por clientes,
Ou é algum ladrão, mas não me assusto,
Não sou mais rico. — Pois tambem, amigo,
Tenho serios negocios.

PANFILIO.

Seja franco,
Somos aqui sózinhos, porventura
Vem espreitar meus passos?

AMPHILOPHIO.

Menos essa!
Eu não sou espião, nem o conheço!
E dê graças a Deos si nos separão

As aguas d'este rio, malcriado...
Sinão lhe gravaria nas bochechas
Os principios de sã civilidade
E boa educação!

PANFILIO.

Paz, meu amigo,
Paz; a desgraça me tornou grosseiro,
A dôr me transviou!

AMPHILOPHIO.

A dôr, entendo,
Entendo, vem aqui chorar seus males?
Eu tambem soffro; diga-me, precisa
De allivio e de consolo?

PANFILIO.

Não; eu venho,
Eu venho aqui morrer! Não ha consolo
Que abrandem minhas mágoas!

AMPHILOPHIO.

O que escuto!
Eu tambem vim aqui buscar a morte
No fundo d'estas aguas! Deos louvado,

Morramos juntos como bons parceiros,
Contentes, de mãos dadas, e fujamos
D'este mundo cruel, como dous ebrios
Á meia noite de uma escura tasca.
Mas conte-me primeiro seus pezares;
Forão azares da fortuna? A morte
De uma esposa querida? O vicio? O crime?
Erros da mocidade?

PANFILIO.

Antes o fosse!
De que me serve repetir-lhe a historia
Das mais negras desditas que aniquilão
O coração humano? As tristes lendas
De um amor infeliz?

AMPHILOPHIO.

Bem o previa.
Sua amante deixou-o.....

PANFILIO.

Sim, deixou-me!
A mim, alma de fogo, alma inspirada,
Cheia de sonho e illusões formosas,
Por um parvo, um sandêo endinheirado,
Um chatim miseravel, cuja bolsa
Valia mais aos olhos da trahidora

Do que todas as odes e sonetos
Dos poetas da terra!

AMPHILOPHIO.

Pois co'migo
Succedeu o contrario. A minha deosa
Sugou-me á gorda burra o leite todo,
Deixou-me sem vintem. Dizia amar-me,
E no emtanto eu soube que passava,
Durante minha ausencia, horas e horas
Entre os braços de um biltre empomadado,
Possessor de uma duzia de bengalas :
Umas de páo com caras de cachorro
Ou patas de perú ; outras de chifre
Com cabeças de Chins ; outras mais feias
Que o proprio frontispicio do malandro
Que meus bens devorava em commandita,
Á sombra da velhaca! Eia, morramos!
Quem pulará primeiro dentro d'agua?
Sem duvida, o senhor?

PANFILIO.

Oh! caro amigo,
A boa educação manda que eu ceda
Esta honra ao mais velho.

AMPHILOPHIO.

Nada, nada.

Nada de ceremonias, eu não gosto
De fofas etiquetas.

PANFILIO.

Pelos anjos!
Eu cumpro o meu dever.

AMPHILOPHIO.

Não, d'este modo
Si gastamos o tempo a rasgar sedas
E fazer cortezias um ao outro.
Nenhum se atirará. Bem, concordemos
No que passo a propor : em voz bem alta
Pronunciemos vezes tres o nome
De nossas infieis, á vez terceira
Arrojemo-nos juntos.

PANFILIO.

Seja, vamos.

AMBOS.

Cinthia!!!

AMPHILOPHIO.

Por Deos, repita, sim, repita!

Cinthia disse, não é?

PANFILIO.

Sim, eu o disse,
Disse o senhor tambem!

AMPHILOPHIO.

Eu tambem disse.
E a sua namorada assim se chama?

PANFILIO.

Certamente...

AMPHILOPHIO.

E sua côr, sua estatura,
Seu aspecto, seu ar, sua morada?

PANFILIO.

Alta, morena, de anneladas tranças,
Pés e mãos pequeninos, olhos negros,
Moradora na rua das Estrellas
Numero quinze.

AMPHILOPHIO.

É ella! É ella! Não ha duvida!

PANFILIO.

Ella, quem?

AMPHILOPHIO.

Pois não vê? a minha amante.

PANFILIO.

Era o sonhor o celebre papalvo?
Era o senhor? Ah! deixe que me ria!
Oh! que aventura! Vale a pena agora
Voltar de novo á vida!

AMPHILOPHIO.

Já lhe disse,
Já lhe fiz ver ha pouco que não gosto
De certas brincadeiras, e mormente
Na hora de morrer! Quem pensaria
Que era o senhor o biltre, o peralvilho,
Cumplice da malvada! Eu lhe perdoo!

Apparece Marculpho no fundo.

MARCULPHO.

Vou me arrojar ás ondas d'este rio!
Quero morrer, meu plano está formado,
Já não ha nem appello nem aggravo!
Eu um homem de honra e probidade,
Que ha tres annos padeço, trabalhando,
Longe da patria, longe dos amigos,
Acho ao voltar, depois de tantas penas,
Minha mulher perdida e diffamada,
Meu nome escripto em vergonhosos versos
Nas esquinas das ruas! Si eu pudesse
Dos dous marotos me vingar ao menos,
Do tal capitalista e do tal vate!
Mas os patifes hão fugido, e eu morro
Levando este pezar na consciencia!
Porem ouço fallar, vejo dous vultos;
Escutemos...

N'este interim Panfilio tem passado para a outra margem onde está Amphilophio.

PANFILIO.

Vivamos, companheiro,
A ingrata Cinthia, a estrella impiedosa
Da rua das Estrellas, perseguida
Pelo remorso, chorará seus crimes,
Nos abrirá de novo os braços meigos,
E nós.....

MARCULPHO.

De Cinthia eu escutei o nome...
Ouvi fallar na rua das Estrellas...
Trata-se d'ella... Pelos santos, calma!
Calma, meu coração!

AMPHILOPHIO.

Viva em socego,
Não amo a companhia em taes materias,
Estou pobre, arruinado, eu o mais rico
Capitalista d'esta terra. Agora,
Dado o caso que viva, o desespero
Não deixará meus passos.

PANFILIO.

Eu não posso
Me olvidar da infiel! Por toda a parte
Sinto o aroma subtil de seus cabellos,
O halito celeste de seus labios,
O timbre mavioso de seus cantos!
Volto de novo á rua das Estrellas,
Caio a seus pés.....

MARCULPHO, gritando.

Ah! monstros! Ah! perversos!

Eu inda vivo, esperem que lhes mostro
Quanto penetra a ponta de uma faca!

AMPHILOPHIO, espavorido.

Fujamos, meu amigo! É o marido!
É o marido que chegou, fujamos!...
Eil-o! Que brilho seu punhal espalha!...
Como é grande, meu Deos! como é terrivel!
Corramos, que já sinto pelo ventre
O imperioso annuncio do perigo!...
Fica para outro dia o nosso plano!

PANFILIO.

Sim, fujamos, fujamos sem demora!

(Sahem correndo.)

MARCULPHO.

Não quero mais morrer! Já descobri-os!
Heide viver para vingar-me! Eu parto!
Eu parto, e em breve hade saber o mundo
O que fez um marido indignado!

Lisboa
dia 16 de fevereiro de
1893
Luciano Leal

ORAÇÃO FUNEBRE

(Rig-Veda, VIII, 14).

Segue o caminho antigo onde passárão
Outr'ora nossos pais. Vai ver os deoses
Indra, Yama e Varuna.

Livre dos vicios, livre dos peccados,
Sobe á eterna morada, revestido
De fórmas luminosas.

Volte o olhar ao sol, o sopro aos ares,
A palavra á amplidão, e os membros todos
Ás plantas se misturem.

Mas a essencia immortal, aquece-a, oh! Agnis,
E leva-a docemente á clara estancia
Onde os justos habitão,

Para que ahi receba um novo corpo,
E banhada em teu halito celeste
Outra vida comece.....

Desce á terra materna, tão fecunda,
Tão meiga para os bons que a fronte encostão
Em seu humido seio.

Ella te acolherá terna e amorosa,
Como em seus braços uma mãi querida
Acolhe o filho amado

Li-10-2-23

AO DEOS CREADOR

(Rig-Veda, VIII, 7).

O Deos da Luz appareceu, e apenas
Elle mostrou-se foi senhor do mundo,
E encheu o céo e a terra...
Gloria ao Deos que ha partido o ovo de ouro!
— Que Deos receberá nosso holocausto?

D'elle dimana a vida, a força, o animo:
A lei que elle traçou todos os seres
Submissos se curvão...
Gloria ao Deos que ha partido o ovo de ouro!
— Que Deos receberá nosso holocausto?

Foi elle que formou estas montanhas,
E este mar que rebrame sem descanso,
Os sabios o disserão...
Gloria ao Deos que ha partido o ovo de ouro!
— Que Deos receberá nosso holocausto?

É por elle que o céo, a terra, os astros,
Tremem de amor e tremem de desejos
Quando o sol apparece...

Gloria ao Deos que ha partido o ovo de ouro!
— Que Deos receberá nosso holocausto?

Quando as tumidas ondas que conservão
A essencia universal se revolverão,
Elle agitou-se n'ellas...
Gloria ao Deos que ha partido o ovo de ouro!
— Que Deos receberá nosso holocausto?

Ah! proteja-nos elle, o Deos piedoso,
O espirito das cousas invisiveis,
O Senhor do universo!
Gloria ao Deos que ha partido o ovo de ouro!
— Que Deos receberá nosso holocausto?

HYMNO A AURORA

(Rig-Veda, I, 8).

Ella mostrou-se emfim!
Ella mostrou-se emfim, a mais formosa,
A mais bella das luzes!

Por esse azul setim,
Caminhando tão linda e tão garbosa,
Aonde nos conduzes?

Aonde, branca Aurora?
Filha tambem do Sol, a Noite escura
Tua estrada marcou.

Com as lagrimas que chora
A vasta senda da eternal planura
Ao passar orvalhou.

Unidas pelo berço,
Ambas iguaes, eternas, successivas
Na marcha e na existencia...

Percorreis o universo,
Aurora e Noite, sempre redivivas,
Oppostas na apparencia.

Rosea filha do Dia,
Brilhante a nossos olhos appareces,
Cheia de gloria e amor;

E espalhas a harmonia,
A vida, o gozo, ao mundo que esclareces
Com teu sacro esplendor.

Segues a mesma senda
Das auroras passadas, e precedes
As que estão no futuro.

Rasgas da Sombra a venda,
E os negros planos previdente impedes
Do crime horrido, escuro.

Ha muito que passarão
Os que vírão no céo luzir outr'ora
Teu fulgido clarão.

Seus olhos se apagárão,
E nós por nossa vez tambem agora
Vemos-te n'amplidão.

Li-10-2-93

INDICE

CANTOS E PHANTASIAS

Juvenilia

	Pag.
Canto 1. — Lembras-te, Inah?	7
Canto 2. — Era á tardinha	11
Canto 3. — Tu és a aragem perdida	14
Canto 4. — Teus olhos são negros	17
Canto 5. — Não vês quantos passarinhos	18
Canto 6. — És a sultana das brazileas terras	19
Canto 7. — Ah! quando face a face te contemplo	21
Canto 8. — Saudades	23
Canto 9. — Um dia o sol poente	27
Canto 10. — A' luz d'aurora	28

Livro das sombras

A	29
Scismas á noite	30
Sextilhas	33
Horas malditas	35
Cantico do Calvario	37
Madrugada á beira-mar	43
Sombras	46
A varzea	48
Queixas do poeta	51
Resignação	53
Protestos	55
Desejo	58
Desengano	60
Reflexões da meia-noite	62

Pag.

Melodias do estio

Aspirações 66
Em toda a parte..... 68
A um engeitado..... 70
No ermo..... 71
Vozes no ar 74
Colmal..... 75
Ira de Saül 83
Versos soltos..... 85
Sete de Setembro..... 88
Noite saudosa..... 91

CANTOS MERIDIONAES

A oração..... 95
O escravo..... 97
A cidade..... 101
O cavallo..... 105
Ao Rio de Janeiro 108
A morte..... 110
Nevoas..... 114
A Bahia..... 117
A flôr do maracujá..... 120
A somnambula 122
A roça..... 126
A creança..... 129
Expiação..... 132
A estrella dos magos..... 134
Plectro..... 138
Nocturno..... 140
Canção para musica..... 143
Canção para musica..... 145
Outra..... 147
A uma mulher..... 148
Esperança. — Lenda selvagem..... 151
Mimosa. — Poema da roça..... 169
Antonico e Corá. — Historia braziliana..... 200

CANTOS DO ERMO E DA CIDADE

Primeira pagina..... 211
Viuva e moça..... 212

	Pag
Eu amo a noite	216
A volta	219
A despedida	221
Conforto	224
Visões da noite	226
O canto dos sabiás	227
O resplendor do throno	229
Em viagem	231
Serenata	232
A sombra	234
A diversão	238
A lenda do Amazonas	242
Estancias	248
Quadrinhas	250
O general Juarez	254
A filha das montanhas	261
O filho de Santo Antonio	264
As lettras	267
O arrependimento	268
Acusmata	270
A Sêde	281
Enojo	299
Lyra	300
O mesmo	301
A um monumento	302
A penna	304
Leviandades de Cinthia	308
Oração funebre	322
Ao Deus creador	324
Hymno á Aurora	326

Havre. — Typographia do Commercio, 3, rua de la Bourse.

Servilio de Abreu Soares

S. Paulo, 19 de Janeiro de 1873

Dado por Arthur Mendonça